

INDICE

A CIÊNCIA DO FUTURO.....	4
A CIÊNCIA E O ESPIRITISMO.....	5
A PALAVRA DOS CIENTISTAS	6
UMA NOVA CIÊNCIA.....	7
O ESPIRITISMO	8
O ESPIRITISMO E A METAPSÍQUICA.....	8
O ESPIRITISMO E PARAPSIKOLOGIA	9
A CIÊNCIA E O ESPÍRITO	10
A CIÊNCIA ESPÍRITA OU DO ESPÍRITO	13
1. ALLAN KARDEC E A DEFINIÇÃO DO ESPIRITISMO, SOB O ASPECTO CIENTÍFICO.....	14
2. A CIÊNCIA E SEUS MÉTODOS.....	15
3. CRÍTICA AOS ESPÍRITAS.....	19
4. A CONTRIBUIÇÃO DE RICHET.....	22
5. CONCLUSÕES	27
A CLONAGEM HUMANA	28
A EXPANSÃO DO UNIVERSO.....	30
A PARAPSIKOLOGIA E SUAS CORRENTES	31
A PROPÓSITO DA MATÉRIA PSI.....	32
1. Introdução	32
2. Embasamento experimental.....	33
3. Hipóteses básicas formuladas por Hernani.....	34
4. O psi-átomo de Hernani	35
5. O campo biomagnético (cbm)	37
6. Densidade da matéria psi.....	37
7. Formação dos seres.....	38
8. Na direção de uma teoria.....	41
9. Na direção de uma fenomenologia	42
10. Comentários Finais	43
11. Notas, comentários do autor e citações bibliográficas.....	44
12. COMENTÁRIOS DE SORAYA MATTAR	46
13. NOTA DE Dr. ANDRÉ LUIZ MALVEZZI.....	48
Agradecimentos	49
Sobre o autor	50
AFINAL, DE ONDE NOS VÊM AS IDÉIAS?	50
MAS, AFINAL, DE ONDE NOS VÊM AS IDÉIAS?.....	55
Notas:.....	56
CIÊNCIA E ESPIRITUALIDADE	56
CIENTISTAS ENCONTRAM A ALMA.....	59
Bibliografia de pesquisas científicas de fenômenos espíritas	61
Introdução	63
Objetivo.....	63

Escopo	64
O que é ciência?	64
Revisão histórica.....	65
Do magnetismo animal ao hipnotismo	66
Do magnetismo animal ao espiritismo	67
Swedenborg	67
Os “shakers”.....	68
ANDREW JACKSON DAVIS.....	68
O período espírico	68
O episódio de hydesville	68
As mesas girantes.....	69
As mesas girantes nos Estados Unidos.....	70
As mesas girantes na Inglaterra.....	71
As mesas girantes na Alemanha.....	71
As mesas girantes na França.....	71
Surgimento do Espiritismo	72
O início do período científico.....	73
A psychical research	73
AS INVESTIGAÇÕES DE SIR WILLIAM CROOKES.....	75
AS INVESTIGAÇÕES DO Dr. ALFRED RUSSEL WALLACE.....	75
AS INVESTIGAÇÕES DO PROFESSOR WILLIAM BARRETT	75
AS INVESTIGAÇÕES DE LORD RAYLEIGH E DO PROFESSOR DE MORGAN	75
Fotografias Espíritas	75
Pesquisas sobre telepatia e sugestão.....	76
O fenômeno das Vozes Diretas	76
Moldagens em parafina.....	76
Os grandes médiuns do período científico	76
DANIEL DUNGLAS HOME	76
OS IRMÃOS DAVENPORT.....	77
HENRY SLADE.....	77
O Dr. MONCK.	77
CHARLES H. FOSTER	78
M.ME. D'ESPERANCE	78
WILLIAM EGLINTON	78
STANTON MOSES	78
A METAPSÍQUICA.....	79
O renascimento do magnetismo animal.....	79
EUSAPIA PALLADINO.....	80
INVESTIGAÇÕES DE CESAR LOMBROSO	81
INVESTIGAÇÕES DE SCHRENCK-NOTZING.....	82
INVESTIGAÇÕES DE ERNESTO BOZZANO	82

INVESTIGAÇÕES CHARLES RICHTER.....	82
INVESTIGAÇÕES GUSTAVE GELEY.....	82
INVESTIGAÇÕES DE ALEKSANDER AKSAKOF.....	83
INVESTIGAÇÕES DE JOHN CRAWFORD.....	83
AS ÚLTIMAS PESQUISAS DA METAPSÍQUICA.....	83
A METAPSÍQUICA E A PSICANÁLISE.....	83
AS COMISSÕES DE INVESTIGAÇÃO.....	84
INVESTIGAÇÕES DA COMISSÃO SEYBERT.....	84
INVESTIGAÇÕES DA COMISSÃO DO INSTITUTO GERAL PSICOLÓGICO DE PARIS.....	85
INVESTIGAÇÕES DA COMISSÃO DA SCIENTIFIC AMERICAN.....	85
AS INVESTIGAÇÕES DA COMISSÃO DE HARVARD.....	85
A PARAPSIKOLOGIA.....	86
A psicotrônica.....	87
A psicobiofísica.....	88
OBE (EXPERIÊNCIA FORA-DO-CORPO).....	89
NDE (EXPERIÊNCIA DE QUASE-MORTE).....	89
REENCARNAÇÃO.....	89
EVP (FENÔMENO DAS VOZES ELETRÔNICAS).....	90
PESQUISAS ESPÍRITAS DA ATUALIDADE.....	91
CONCLUSÃO.....	91
Referências bibliográficas.....	92
DA ORIGEM DAS ESPÉCIES À TEORIA DA EVOLUÇÃO.....	113
MATERIALISMO E CIÊNCIA.....	115
Referências Bibliográficas.....	118
O Espiritismo é uma Ciência?.....	119
INTRODUÇÃO.....	119
HISTÓRICO DAS APARIÇÕES E DO DESENVOLVIMENTO DO ESPIRITISMO.....	120
O ESPIRITISMO FACE AOS CONCEITOS CLÁSSICOS E MODERNOS DA CIÊNCIA.....	126
CONCEITOS CLÁSSICOS.....	126
CONCEITOS MODERNOS.....	127
ASPECTOS DO CONHECIMENTO - CIÊNCIA.....	133
FILOSOFIA.....	134
RELIGIÃO / ÉTICA.....	135
CONCLUSÃO.....	136
Notas e fontes que serviram na compilação desta exposição:.....	137

A CIÊNCIA DO FUTURO

Carlos de Brito Imbassahy (físico)

Não há dúvida de que a evolução caminha em progressão geométrica, o que dá idéia de que o progresso vem sob forma vertiginosa. De fato, desde que o século XX teve início, o conhecimento das coisas no campo científico tornou-se avassalador. Até o ano de 1900 não se sabia que a molécula se dividia em átomos e estes em partículas. Hoje, as sub-partículas já são do conhecimento do passado.

A primeira pá de cal no materialismo tradicional foi dada por Einstein, quando idealizou sua primeira teoria da relatividade generalizada e equacionou o estado físico material da energia e que, como tal, não passava de uma forma transitória; as pesquisas com os aceleradores Fermi de partículas radicalizaram ainda mais, quando mostraram que a energia cósmica, por si só, não poderia se alterar e que, como tal, até a sub-elementar partícula teria um agente estruturador, ou seja, um princípio equivalente à alma.

Com isso, além dos materialistas, as seitas religiosas que garantem que a alma é meramente um princípio (ou privilégio) humano, foram envolvidas no mesmo roldão; e se a ciência tem sido o grande entrave para o estudo religioso, agora, passará a ser o marco de definição: ou estas abandonam seus dogmas em detrimento da infalibilidade de seus princípios, ou serão gradativamente aniquiladas pela voracidade da ciência do futuro que implacavelmente vai descortinando novos conhecimentos incompatíveis com os preceitos de infalibilidade; e quem não a acompanhar estará fadado ao descrédito.

E como fica o espiritismo em toda essa conjuntura!

Apesar de sofrer com muitos de seus prováveis adeptos, que têm tentado transformá-lo em mais uma seita bíblica, num retrocesso evolutivo, ele continua resistindo ao processo de degradação desses embates e prossegue tendo a ciência como escopo ou fundamento de suas conclusões, malgré lui. Erra redondamente quem pensa que a fase experimental doutrinária já tenha passado: ela nem começou!

Os novos aparelhos estão aí para permitir-nos uma pesquisa mais segura, onde a fraude não mais terá vez porque pode ser detectada por eles, imparciais em seus registros e seguros nos seus resultados insofismáveis. É o fim do empirismo. Ninguém mais poderá pregar um princípio sem a prova, nem mesmo serão aceitas mensagens mediúnicas que não encontrem respaldo nas experiências; o homem começa a entender que a vida na terra é de encarnados e eles é que têm que descobrir as verdades que faltam para seu melhor

conhecimento e evolução, independente das ajudas que a espiritualidade (de onde viemos e para onde voltaremos) nos possa trazer.

Caso contrário, não justificaria termos nascido.

Está na hora, portanto, de reformularmos nosso posicionamento reacionário para não ficarmos detidos no tempo e termos que integrar o grupo dos atrasados, enquanto o conhecimento avança; está na hora, pois, de caminharmos com ele para a verdade das coisas.

E o pior de tudo é que, enquanto os cientistas vão desvendando um mundo novo, pelo lado espiritual - o domínio das formas - alguns dos que se dizem espíritas é que se tornam verdadeiros entraves ao progresso doutrinário.

Estamos a um passo de saber o que seja o espírito, pois os osciloscópios já podem detectar sua presença, ou seja, o “campo” a ele correspondente, o que comprova que, além de existir, tem algo em comum com a matéria, senão, evidentemente, não poderia agir sobre ela, dotando-a de vida, desde a forma a mais elementar, que é a da sub-partícula atômica, até a animal superior (do homem), mostrando que a escala evolutiva dos seres materiais obedece a uma lei de formação espiritual.

Enfim, até na vida, a matéria é transitória.

A CIÊNCIA E O ESPIRITISMO

Edvaldo kulcheski

Nas edições anteriores, trouxemos a mediunidade na antiguidade, mostrando que os fenômenos mediúnicos existem desde que o homem surgiu na terra, e a mediunidade na idade moderna, com a história de médiuns famosos da época. Vamos abordar agora a contribuição que a ciência deu para a comprovação dos fenômenos ligados à doutrina espírita.

Se os fenômenos espíritas se limitassem ao círculo de seus seguidores, a opinião geral poderia ver neles simples artigos de fé, sem maiores conseqüências de interesse geral. Mas a verdade é que esses fenômenos se multiplicaram, em uma sucessão sempre audaz e desafiadora. O expediente de proibições e excomunhões se tornava ineficaz, desacreditado e ingênuo diante da avalanche de fenômenos variados, como vozes misteriosas, contato de mãos invisíveis, materializações de espíritos, escritas diretas, aparições de espíritos

familiares, revelações de uma vida superior e mais bela etc, atestando a inquestionável sobrevivência da alma.

Era natural que, em face do volume de tantos fatos, a sociedade requisitasse o exame consciencioso de seus sábios e cientistas. Estes então, acossados por todos os lados, descruzaram os braços e se puseram a campo para uma investigação rigorosa e fria. A ciência, representada por um grupo de personalidades sérias e refratárias a imposições religiosas, foi chamada a depor e o fez de tal forma que o espiritismo foi, por assim dizer, devidamente fotografado, pesado e medido.

A PALAVRA DOS CIENTISTAS

Coube a William Crookes, o célebre físico inglês, chamar a atenção de toda a Europa racionalista para a realidade dos fatos espíritas. Muitos esperavam que, de suas investigações, viesse uma condenação irrevogável e humilhante, mas o veredicto do iminente sábio foi favorável.

A célica Inglaterra se assustou com as certezas obtidas dentro do mais severo método científico e cercadas de extrema prudência, afinal, era preciso aceitá-las, uma vez que crookes pesquisou com frieza, observou pacientemente, fotografou, provou, contraprovou e se rendeu.

Russel Wallace, físico naturalista considerado rival de Charles Darwin, confessou que “era um materialista tão convicto que não admitia absolutamente a existência do mundo espiritual”. Disse ainda: “os fatos, porém, são coisas pertinazes, eles me obrigam a aceitá-los como fatos”.

Já Cromwel Varley, engenheiro descobridor do condensador elétrico, disse: “o ridículo que os espíritas têm sofrido não parte senão daqueles que não têm o interesse científico e a coragem de fazer algumas investigações antes de atacarem aquilo que ignoram”.

Para Oliver Lodge, físico e membro da academia real, os cientistas não vieram “anunciar uma verdade extraordinária, nenhum novo meio de comunicação, apenas uma coleção de provas de identidade cuidadosamente colhidas”. Lodge explica ainda o porquê de afirmar que as provas foram cuidadosamente colhidas, dizendo que “todas as estratégias empregadas para sua obtenção foram postos em prática e não fiquei com nenhuma dúvida da existência e sobrevivência da personalidade após a morte”.

O professor de física William Barret afirmou que a existência de um mundo espiritual, a sobrevivência após a morte e a comunicação dos que morreram são evidentes, “dos que ridicularizavam o espiritismo, ninguém lhe concedeu, que eu saiba, atenção refletida e paciente. Afirmando que toda pessoa de senso que consagrar o seu estudo prudente e imparcial tantos dias ou mesmo tantas horas, como muitos de nós têm consagrado anos, será constringido a mudar de opinião”, disse.

Fredrich Myers, da sociedade real de Londres, disse: ‘pelos minhas experiências, convenci-me de que os pretendidos mortos podem se comunicar conosco e penso que, para o futuro, eles poderão fazê-lo de modo mais completo ‘“.

Já o italiano Ernesto Bozzano, que se dedicou por mais de 30 anos aos estudos psíquicos, afirmou, sem temer estar equivocado, “que fora da hipótese espírita, não existe nenhuma outra capaz de explicar os casos análogos ao que acabo de expor”.

UMA NOVA CIÊNCIA

Houve até quem fundasse uma nova ciência, com o objetivo exclusivo de verificar a autenticidade dos fatos supranormais. Um desses foi Charles Richet, o criador da metapsíquica. Para ele, ao ler, estudar e analisar os escritos sobre os fenômenos espíritas pode-se declarar inverossímil e até impossível que homens ilustres e probos tenham se deixado enganar por fraudadores.

“Eles não poderiam ser todos e sempre bastante cegos para não se aperceberem de fraudes que deveriam ser grosseiras, bastante imprudentes para concluir quando nenhuma conclusão era legítima, bastante inábeis para nunca, nem uns nem outros, fazerem uma só experiência irreprovável. A priori, suas experiências merecem ser meditada seriamente”, afirmou richet.

Já Gustavo Geley, diretor do instituto metapsíquico de paris, um cientista exigente e de poderosa inteligência, disse ser preciso confessar que “os espiritistas dispõem de argumentos formidáveis. O espiritismo só admite fatos experimentais com as deduções que eles comportam” segundo ele, “os fenômenos espíritas estão solidamente estabelecidos pelo testemunho concordante de milhares de pesquisadores”.

Foram fiscalizados, com todo rigor dos métodos experimentais, por sábios ilustres de todos os países. Sua negação pura e simples equivale hoje a uma declaração de falência “.

Como um estudioso honesto, Geley dá este admirável testemunho: “notemos imediatamente que não há exemplo de um sábio que tenha negado a realidade dos fenômenos depois de estudo um tanto aprofundado. Ao contrário, numerosos são aqueles que, partindo de completo ceticismo, chegam à afirmação entusiástica”.

Camille Flammarion, grande astrônomo, autor de tantas obras notáveis e respeitados como uma das maiores inteligências da França no século XIX trouxe igualmente um depoimento insuspeito sobre os fenômenos espíritas. Para ele, “a negação dos céticos nada prova senão que os negadores não observaram os fenômenos”.

O ESPIRITISMO

O fenômeno mediúnico é uma ocorrência tão antiga quanto o homem. Por ser a mediunidade uma faculdade inerente ao ser humano, ela tem se manifestado em todas as épocas, ocasionando espanto, respeito e manifestações religiosas.

Porém foi somente a partir do século XIX, com estudos sérios realizados pelo professor Hippolyte Léon Denizard Rivail (que posteriormente adotaria o nome de Allan Kardec), que os fenômenos de efeitos físicos e inteligentes foram observados em detalhes e as conclusões necessárias foram tiradas, formando-se então um corpo de doutrina, o espiritismo.

Esta é uma doutrina, nascida da observação e fruto da revelação dos espíritos superiores, tendo sido codificada entre 1857 e 1868.

O espiritismo divide os fenômenos mediúnicos em efeitos físicos ou objetivos e efeitos intelectuais ou subjetivos. Como efeitos físicos ou objetivos, temos a materialização, a transfiguração, a levitação, o transporte, a bilocação, a voz direta, a escrita direta, a tipologia e a sematologia.

Como efeitos intelectuais ou subjetivos, temos a inspiração, a intuição, a vidência, a audiência, a psicometria, o desdobramento, a psicografia, a psicofonia e os curadores.

O ESPIRITISMO E A METAPSÍQUICA

A ciência oficial não admitiu de pronto as verdades reveladas pelos espíritos. Formaram-se inúmeras associações, sociedades e comissões com o ideal de desmascará-las, porém, quanto mais se estudava, mais aumentava o número de adeptos.

Muitos homens de ciência se convencem a respeito da autenticidade dos fenômenos, entre eles o fisiologista francês Charles richet. Em conjunto com o Dr. Geley e o prof. Friedrich Myers, richet fundou o instituto metapsíquico internacional em paris, sendo designado como presidente da entidade.

A metapsíquica trata do estudo dos fenômenos psíquicos anormais, como a telepatia, a clarividência, a dupla visão, materializações etc. Em 1922, Charles richet apresentou à academia de ciências o “tratado de metapsíquica”.

Os fenômenos metapsíquicos se dividem em objetivos e subjetivos. A metapsíquica objetiva trata de fenômenos materiais que a mecânica conhecida não explica, uma realidade tangível e acessível aos nossos sentidos. Divide-se em telecinésia, que é uma ação mecânica sem atuação e sem contato sobre objetos ou pessoas (raps, levitação, movimentação de mesas, escrita direta, transporte de objeto, casas assombradas, etc) e ectoplasmia, que é a formação de objetos diversos, que parecem sair do corpo humano tomam aparência material e são tangíveis (materializações de objetos e seres com aparência dos que já viveram na terra.).

Já a metapsíquica subjetiva tratam de fenômenos mentais, sensibilidades ocultas e percepções desconhecidas, como telepatia, clarividência, clariaudiência. Xenoglossia, escrita automática, etc. Nela, temos a criptestesia, que é o estudo da faculdade de conhecimento das faculdades sensoriais normais.

O ESPIRITISMO E PARAPSIKOLOGIA

Nos Estados Unidos, em 1930, Joseph Banks Rhine iniciou os estudos que desembocaram na estruturação de um novo ramo da ciência preocupado em estudar os fenômenos chamados “inabituais”, a parapsicologia. Enquanto o método da metapsíquica se baseava no aspecto qualitativo dos fenômenos e no testemunho pessoal dos que presenciavam os mesmos, a parapsicologia introduziu o método quantitativo.

Este método procura estabelecer um meio de fazer com que os fenômenos se reproduzam sob determinadas condições e busca seguir os padrões utilizados na metodologia científica. Esta se serve de métodos que possam ser testados, repetidos e confirmados e, por ela, devem ser descobertas a causa e a lei que rege o objeto da investigação.

Temos os fenômenos normais e paranormais. O fenômeno normal é o que se enquadra no conjunto das leis conhecidas e aceitas que governam os processos naturais. O fenômeno paranormal é inabitual, no qual não se sabe e não se domina as leis que o regem.

Todos os fenômenos paranormais são denominados como psi, embora nem todo fenômeno paranormal seja psíquico, podendo ocorrer sobre objetos e coisas que independem do psiquismo das pessoas envolvidas na ocorrência.

Os fenômenos psi se dividem em psi-gama, psi-kapa e psi-theta. Os psi-gama são fenômenos subjetivos que ocorrem na área intelectual do dotado e se subdividem em telepatia (comunicação direta de uma mente com outra), clarividência (percepção dos fatos do mundo físico independentemente do uso dos sentidos fisiológicos normais) e pós e pré-cognição (conhecimento imediato de fatos já acontecidos ou por acontecer, sem nenhuma informação prévia, direta ou indireta). Os psi-kapa são fenômenos objetivos, materiais e de psicocinesia. Por fim, alguns pesquisadores tendem a admitir uma terceira categoria de fenômenos psi, os psi-theta, oriundos de mentes e seres incorpóreos.

A CIÊNCIA E O ESPÍRITO

Artur Mascarenhas

Em pleno início do século XXI e dos desenvolvimentos científicos e tecnológicos que nos aguardam neste novo milênio, somos levados a reavaliar a postura do espiritismo perante a ciência. Embora kardec tenha enunciado que “o espiritismo e a ciência se completam um pelo outro” eles permanecem separados, sobretudo porque o preconceito científico e sistemático da chamada “ciência oficial” (ou acadêmica), mantendo sua postura materialista e céptica, leva à negação a priori dos fenômenos espíritas, tomados como superstição ou fraude e, conseqüentemente, rotulando o espiritismo como destituído de bases científicas.

O espiritismo é definido por kardec como “a ciência que estuda a origem, a natureza e a destinação dos espíritos, bem como sua relação com o mundo corpóreo. É ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma filosofia de conseqüências morais”.

Por outro lado, uma boa definição de ciência é “um conjunto organizado de conhecimentos relativos a um determinado objeto, especialmente os obtidos mediante a observação, a experiência dos fatos e um método próprio” assim dois elementos são essenciais para ter-se uma ciência: o objeto e o método de estudo deste objeto, que de acordo a definição acima, precisa ser adequado ao objeto.

Classicamente falando, a ciência se baseia no método indutivo, que parte do particular para o todo, sendo, portanto reducionista, empirista e cartesiana. Um dos critérios citados como de máxima importância seria a da reprodutibilidade dos experimentos, em qualquer parte do mundo, por qualquer pessoa, desde que as condições fossem mantidas as mesmas. Mas se formos rígidos no método clássico, deixaríamos de considerar como ciências a história, a sociologia, a psicologia, etc., o que nos parece completamente absurdo, desde que não se produzam fatos históricos em laboratório, e tão pouco se reproduzem comportamentos em pessoas submetidas às mesmas condições. O que difere as ciências humanas das ciências exatas ou naturais são justamente o objeto e o método, embora em alguns casos o objeto pode ser mesmo: o homem.

Assim é que o espiritismo, por possuir um objeto de estudo completamente alheio à “ciência oficial”, ou seja, o espírito ou princípio inteligente, requer um método próprio, adequado. Kardec define este método em relação à fenomenologia espírita quando usa o termo “ciência de observação”, a qual consiste na observação criteriosa dos fatos, buscando entender suas origens, suas causas. Também a história é uma ciência de observação, e assim como não se reproduzem fatos históricos, não se pode exigir a reprodução inequívoca de fenômenos espíritas, desde que o objeto de estudo é inteligente, emocional e volitivo – o espírito.

Para o espiritismo, a existência do espírito e de sua comunicabilidade é um fato, decorrente do axioma de que “todo efeito inteligente precisa ter, necessariamente, uma causa inteligente”. O que importa é o controle sobre a legitimidade da comunicação que se obtém através dos fenômenos mediúnicos quer de efeitos físicos ou de efeitos inteligentes, e para tanto kardec definiu um método doutrinário próprio, sumarizado por Herculano Pires em quatro pontos principais:

(“I) escolha de colaboradores mediúnicos insuspeitos, tanto do ponto de vista moral, quanto da pureza das faculdades e da assistência espiritual”;

(“II) análise rigorosa das comunicações, do ponto de vista lógico, bem como do seu confronto com as verdades científicas demonstradas, pondo-se de lado tudo aquilo que não possa ser justificado”;

(“III) controle dos espíritos comunicantes, através da coerência de suas comunicações e do teor de sua linguagem”;

(“IV) consenso universal, ou seja, concordância de várias comunicações, dadas por médiuns diferentes, ao mesmo tempo e em vários lugares, sobre o mesmo assunto”.

Muito dos chamados pesquisadores espíritas envidam esforços para a comprovação da existência dos espíritos e da imortalidade da alma, mas freqüentemente empregando os métodos da química, da física, da biologia, etc., que são adequados à matéria, mas não ao espírito. O máximo que poderão conseguir é um melhor entendimento dos fenômenos de efeito físico e do perispírito, que é a parte material do espírito, o seu corpo de manifestação, mas jamais do princípio inteligente, que é imaterial e foge a todas as técnicas de investigação da matéria. Enquanto isso, a ciência espírita, baseada no método kardecista, foi praticamente abandonada pelos espíritas...

Voltando ao confronto ciência e espírito, embora à primeira vista há conceitos espíritas que parecem ser desmentidos ou postos em dúvida pela ciência, o desenvolvimento da ciência no século passado muitas vezes apontou na direção da confirmação dos princípios espíritas. A desintegração da matéria em partículas cada vez mais elementares e a interconversão matéria/energia, como estabelecido pelas mecânicas quântica e relativística, respectivamente, apontam a possibilidade de existência uma “matéria elementar” – o que é coerente com o princípio espírita da existência de um fluido universal (ou cósmico), proposto pelos espíritos codificadores.

A medicina psicossomática, a escrita automática, o corpo bioplásmico, a terapia de vidas passadas (TVP), a psicologia transpessoal, cada uma em sua própria área de atuação, gradativamente vêm fazendo avanços que confirmam a teoria espírita, mas não provam por “a mais b” a existência do espírito e sua sobrevivência ao corpo, permanecendo muitas vezes injustamente marginalizadas do ponto de vista acadêmico.

Entretanto, consideramos precipitado substituir a terminologia espírita pela terminologia científica, pois poderemos incorrer em graves erros, que podem levar à descaracterização da doutrina espírita. Alguns confrades espíritas, afoitos em respeitar a natureza evolutiva do espiritismo, como estabelecido por kardec em “a gênese”¹, substituíram em seus escritos à palavra fluido por energia, chamam o perispírito de corpo eletromagnético do espírito e alguns chegaram a afirmar que o princípio vital nada mais seria que o dna...

Lembremos o ensinamento do codificador: “melhor é recusar nove verdades, a aceitar uma única mentira”.

O espiritismo é uma ciência sim! Mas é preciso respeitar-lhe objeto e método. Lúcido foi kardec, ao enunciar que “o espiritismo e a ciência se completam um pelo outro; a ciência, sem o espiritismo, se acha impossibilitada de explicar certos fenômenos, unicamente pelas leis da matéria; o espiritismo, sem a ciência, ficaria sem apoio e exame”¹.

O autor é bacharel e mestre em química pela ufba, doutorando em química pela unicamp. Iniciou seus estudos espíritas no CEHC em 1989, é sócio fundador da sociedade de educação espírita da Bahia – SEEB e criador e moderador da lista eletrônica “evangelho-na-net”, através da qual distribui diariamente mensagens espíritas de caráter moral.

[1] kardec, a., a gênese, lake.

[1] kardec, a., o que é o espiritismo, feb.

[1] dicionário Aurélio eletrônico.

[1] pires, h., ciência espírita, FEESP.

[1] pires, h., in “introdução ao livro dos espíritos”, o livro dos espíritos, lake.

[1] kardec, a., o livro dos médiuns, lake.

A CIÊNCIA ESPÍRITA OU DO ESPÍRITO

Pedro Franco Barbosa

Nota prévia do autor: neste artigo resumimos o que nos parece uma situação de fato, relativa ao importante aspecto científico da doutrina. Estaremos errados? Fomos pessimistas? Agradecemos, por antecipação, os esclarecimentos que possamos provocar, por parte dos mais capazes na apreciação do assunto.

1. Allan kardec e a definição de espiritismo, sob o aspecto científico. Depois de kardec.

2. A ciência e seus métodos.

- Que é ciência? Fato, observação, experimentação, hipótese, leis.
- O fenômeno físico e o fenômeno espírita (mensuração diferente).
- Mudamos ou muda a ciência? O dogma científico e seus prejuízos.
- Os preconceitos.

3. Crítica aos espíritas.

- Não há pesquisa; a experimentação parou no tempo.
- Carência de recursos e estudos apropriados.
- Crookes examinou os fenômenos, não formulou leis.

- Bozzano e seus esforços nesse sentido.
- Zollner e suas teorias.
- O apelo de Emmanuel.

4. A contribuição de Richet. A criptestesia espírita.

- A parapsicologia: de Rhine até hoje.
- Os físicos e sua contribuição ao estudo dos fenômenos extrafísicos (anímicos).

5. Conclusões.

1. ALLAN KARDEC E A DEFINIÇÃO DO ESPIRITISMO, SOB O ASPECTO CIENTÍFICO.

Allan Kardec assim definiu o espiritismo:

“É uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal”. – o que é o espiritismo.

E disse mais:

“Como meio de elaboração, o espiritismo procede exatamente da mesma maneira que as ciências positivas, isto é, aplica o método experimental”. A Gênese (cap. I, 14).

O estudo dos fenômenos espíritas e a formulação das leis que os regem constituem, pois, uma ciência, de observação, progressiva, a ciência espírita.

DEPOIS DE KARDEC.

Depois de Kardec, o codificador, vultos notáveis do espiritismo reafirmaram o caráter científico da doutrina espírita, expressando de modo positivo seu pensamento:

“O espiritismo deixa de parte as teorias nebulosas, desprende-se dos dogmas e das superstições e vai apoiar-se nas bases inabaláveis da observação científica” – Gabriel Delanne, em O Espiritismo perante a ciência.

“O espiritismo é uma ciência cujo fim é a demonstração experimental da existência da alma e sua imortalidade, por meio de comunicações com aqueles aos quais impropriamente se têm chamado mortos” – Gabriel Delanne, em o fenômeno espírita.

“A ciência psíquica visa um fim, estuda uma ordem de fatos, emprega métodos, processos e instrumentos exclusivamente seus: cria teorias, estatui princípios, estabelece leis, satisfaz assim e preenche todos os requisitos exigidos pelos foros científicos” – a. Pinheiros Guedes, em ciência espírita.

“Os fenômenos espíritas estão tão bem comprovados, como os fatos de todas as outras ciências” – Russel Wallace.

A expressão “o espiritismo será científico ou não subsistirá”, atribuída ao codificador e citada por confrades, em seus escritos, não é encontrada em nenhuma obra de Allan Kardec.

‘... Esta é uma ciência positiva, baseada no estudo experimental dos fenômenos psíquicos e nos ensinamentos dos espíritos elevados “– Gustavo Geley, em resumo da doutrina espírita”.

Há uma teoria espírita, documentada na prática mediúnica, acerca da sobrevivência do espírito e de suas relações com o mundo corporal, material ou físico, mas ainda não comprovada pela ciência.

Naturalmente, não por culpa dos espíritas, que cooperariam com entusiasmo, se a ciência se decidisse a pesquisar os fenômenos mediúnicos, atendendo às suas peculiaridades e empregando, nas pesquisas, os métodos apropriados.

2. A CIÊNCIA E SEUS MÉTODOS.

Que é ciência? Fato, observação, experimentação, hipóteses, leis. O fenômeno físico e o fenômeno espírita (mensuração diferente). Mudam os fatos ou muda a ciência? O dogma científico e seus prejuízos. Preconceitos.

Vimos que, seja o codificador, sejam os vultos eminentes da doutrina, que o precederam, todos atestam, sem discrepância, o caráter científico do espiritismo.

- como a ciência encara o espiritismo científico?

Podemos dizer que a ciência é a “soma de conhecimentos certos, ordenados em harmoniosa síntese lógica, reduzidos a um corpo de doutrina! (2) – conhecimentos certos porque correspondem a uma realidade objetiva, à qual chegamos pela aplicação de métodos de investigação adequados; síntese lógica, isto é, são coerentes, sem contradição estrutural; corpo de doutrina, ou sejam conjunto de princípios”.

O material da ciência são todos os fenômenos naturais, porque ela se apóia em fatos. Stuart Mill já dizia que a linguagem da ciência deve ser: “isto é ou não é; isto se dá ou não se dá”. A ciência pergunta “como?” E busca conhecer os fenômenos e descobrir as leis que os regem.

Karl Pearson, em sua gramática da ciência, ensina que “o método científico caracteriza-se pelo seguinte”:

- a. Cuidadosa e acurada classificação, de fatos e observação de sua correlação e seqüência;
- b. Descobrimto das leis científicas com o auxílio da imaginação criadora;
- c. Autocrítica e pedra de toque final de validade para todos os espíritos normalmente constituídos.”

O método científico (indutivo) de Galileu e Newton é aquele que se acumulam dados experimentais (bacon), formulam-se hipóteses de trabalho, seguidas de rigorosa experimentação (cartesianismo), para que as teorias se ajustem aos fatos e não vice-versa. O fim primário da ciência não é explicar nem indagar o porquê das coisas, mas afirmar: “isto resulta daquilo”.

Temos, desdobramento, a observação de uma ou várias coisas (fenômenos, fatos); a formulação da hipótese, uma explicação provisória; a experimentação, ou repetição do fenômeno para testar a hipótese; a indução, ou seja, a extensão do nexos aos vários casos idênticos; lei, que contém os princípios, e a teoria, que explica o como, não o porquê, que este incumbe à filosofia.

Entretanto, os postulados da ciência estão sempre a mudar, pela ocorrência de novas descobertas. Ciência é, pois, conhecimento trabalhado, corrigido e sempre acrescido, porque ela é progressiva.

O caráter positivo da ciência obriga-a ao exame frio dos fatos. O próprio kardec observou: “desde que a ciência saída da observação material dos fatos, em se tratando de os apreciar e explicar, o campo está aberto às conjeturas” – o livro dos espíritos (introdução).

(1) há mesmo alguns confrades, que numa evidente falta de visão global da doutrina, afirmam ser o espiritismo pura e simplesmente ciência.

(2) ver introdução à filosofia, do PE Francisco Leme Lopes, agir editora.

A ciência, emancipada da fé, organizou seus processos de trabalho, os seus métodos e suas regras, como meio de encontrar a verdade. Assim, observa os fenômenos, formula hipóteses para explicá-los, repete experiências para confirmar as hipóteses, que podem sofrer adiamento, ser abandonadas ou transformadas em lei. Um dia, esta pode ainda ser substituída.

A ciência assinala a dificuldade da experimentação nos fenômenos psi, cuja repetibilidade é difícil; com relação aos fatos espíritas, não os admite de maneira alguma. Alguns cientistas isolados, de alto gabarito intelectual, entretanto, deles têm tratado, como sabemos.

Há manifesta animosidade com relação à explicação desses fatos pelo espiritismo. Mas é preciso compreender até certo ponto a posição da ciência, acostumada a raciocinar em termos de leis físicas e não se revelações.

Aliás, é preciso convir que há idéias que como que surgem antes do tempo, (a teoria atômica, de Demócrito, por exemplo), e só mais tarde se cristalizam e entram para o rol dos fatos consumados. Pelo menos, para a maioria das criaturas ou para grupos específicos, menos receptivos. Nem sempre o espírito encarnado se apercebe, no tempo, da magnitude de um fato ou ocorrência, mas sempre realiza em outra encarnação aquilo que devia fazer numa precedente, omitindo-se, no entanto.

Assim se torna mais fácil compreender porque a ciência só pode aceitar explicação quando cientificamente verificada; só pode falar do que conhece objetivamente. Por isso, não constitui prova para a ciência as chamadas provas anedóticas (2), impossíveis de verificação pelo cientista.

Na verdade, porém, com relação aos fatos espíritas, fatos também naturais, a ciência se mostra de uma relutância a toda prova, que nada a dignifica. Nega-se sistematicamente e de pronto.

Um autor espírita (3) já escreveu que os fenômenos mediúnicos não são pesquisados ou são mesmo negados:

- a. Pela imaturidade dos cientistas, (espiritual, naturalmente);

- b. Pelo atraso das sociedades científicas;
- c. Pelo medo do ridículo e da verdade.

Essa atitude vem de longe, como se infere da história da ciência e um pequeno exemplo é suficiente para caracterizar.

(1) a esfera da ciência é a dos fenômenos demonstráveis. Alega ela, assim, a dificuldade de repetição do fenômeno espírita, esquecida de que, para sua ocorrência, exigem-se condições especiais, mas não impossíveis, eis que decorrem de três vontades independentes: a do médium ou intermediário a do pesquisador e, sobretudo a do espírito, nem sempre à nossa disposição. Há que considerar, também, condições de ordem material e, sobretudo espiritual, que permitam a eclosão do fenômeno. Não se pode improvisar a experimentação espírita.

(2) o material anedótico constitui experiências em primeira mão, relatadas por pessoas sinceras, de espírito crítico, mas não comprovadas; relatos autobiográficos sujeitos à mesma objeção; coleção de casos documentados, investigados por pessoas qualificadas (cientistas, escritores, professores), de que é exemplo *phantoms of the living*, editado por Myers e outros.

(3) Dr. Décio Rufino de oliveira, em fenômenos parapsicológicos e energia consciente.

O preconceito científico:

“... Na associação britânica para o progresso da ciência, em 1876, ridicularizaram-lhe francamente os trabalhos e recusou-se a publicá-los nos *proceedings* da associação... Por parecerem absolutamente inacreditáveis aos cientistas os fatos que barret relatava” – J.B. Rhine, em *novas fronteiras da mente*.

Nesse ridículo de classificarem os fenômenos de impossíveis ainda incorrem os cientistas de hoje: “considero a pés (percepção extra sensorial) um assunto intelectualmente desconfortável que chega a ser quase penoso” - Warren Weaver, matemático (citado por Arthur koestler, em *as razões da coincidência*).

Alias, o grande Helmholtz (citado por Flournoy) disse que nem o testemunho de todos os membros da sociedade real, nem a evidência de seus próprios sentidos poderiam convencer sequer da transmissão de pensamento, impossível que era esse fenômeno, como julgava.

Gustavo geley, o eminente pesquisador dos fenômenos psíquicos, adverte que os sábios que se dedicam ao estudo desses fenômenos não se preparam devidamente para seu

exame, como o fazem com os fenômenos físicos, motivo porque não conseguem realizá-los a seu gosto.

3. CRÍTICA AOS ESPÍRITAS.

Não há pesquisa; a experimentação parou no tempo. Carência de recursos para estudos especializados. Crookes examinou os fenômenos, não formulou as leis. Bozzano e seus esforços nesse sentido. Zollner e suas teorias. O apelo de Emmanuel

Na verdade, os conceitos emitidos e episódios narrados pelos espíritas, quando defendem o caráter científico do espiritismo, não atendem, sob o ponto de vista da ciência, às exigências mínimas da observação e experimentação, que caracterizam a pesquisa, o método indutivo, a construção cartesiana.

Critica-se a ciência materialista por se ater ao exame dos fenômenos físicos; no entanto, isso é natural, porque os problemas do espírito sempre cederam lugar aos episódios, mais prosaico, da vida terrena, concreta e contundente.

Não é sem razão que James B. Corrant, em sua obra como compreender a ciência define-a como “a porção de conhecimento acumulativo em termos de desenvolvimento histórico”, assinalando que os velhos conceitos arraigados podem ser mantidos, a despeito de alegação de fatos em contrário, que são prejudicados em sua evidência, pois o descobrimento científico tem de corresponder à época. Assim, o conceito do flogístico, falsa idéia da combustão, que tanto entusiasmou os cientistas, dificultou a aceitação da verdade, revelada por Lavoisier.

Na pesquisa dos fenômenos psíquicos há, apenas, em verdade, alguns pioneiros, assim mesmo quanto aos fenômenos parapsicológicos ou anímicos; relativamente aos espíritas, nem mesmo os seus adeptos mais conscientes se tem dedicado a sua pesquisa uniforme e correta.

Parece que parou no tempo a experimentação espírita, quando na própria obra do codificador muitas proposições verdadeiras foram lançadas, desafiando o estudo dirigido de homens inteligentes, como, por exemplo, a revelação da matéria cósmica primitiva, hoje aceita pela própria ciência, que a considera formada por partículas elementares e que lhe descobre, a cada dia, novos aspectos.

Hernani Guimarães Andrade, esforçado pesquisador psíquico, não aceita o unilateralismo materialista, que não leva em consideração à outra metade da realidade (ou a única, talvez), o espírito, mas destaca o progresso por ele proporcionado, pois.

“Em rigor científico eliminou muita crendice, (2), muita superstição e muita imprecisão reinante na interpretação dos fenômenos da natureza. Em sua benéfica influência saneadora reduziu consideravelmente as indevidas intromissões religiosas, nas questões de alçada exclusiva da ciência”.

(1) autor de a teoria corpuscular do espírito e novos rumos à experimentação espírita.

(2) sabemos que, em muitos espíritas, apesar de todo o esclarecimento doutrinário à sua disposição, prevalecem ainda os sinais de velhos e retrógrados cultos e religiões.

Na verdade, os grandes cientistas que se ocuparam dos fatos espíritas provaram-nos, mas não estabeleceram as leis que os regem. Citamos, de passagem:

Willian crookes, sábio inglês e pesquisador de grande acuidade, realizou durante os anos de 1870 a 1873, experiências, que se tornaram clássicas, com a médium extraordinária que foi florence cook; as mais completas do gênero demonstraram à sociedade que os fantasmas voltam e se tornam visíveis, tangíveis e examináveis, de modo a não deixar dúvidas quanto à imortalidade do espírito e sua possibilidade de comunicação com os vivos. (1) o espírito katie king deu a crookes todas as oportunidades de exame, sério e cercado de todas as cautelas, de comprovação de sua imortalidade, mediante métodos rigorosamente científicos. Frederico zollner, notável físico alemão, utilizou-se, em 1877, de outro grande médium do passado, Henry Slade e, agindo como verdadeiro homem de ciência, que era, conseguiu extraordinários fenômenos de materialização (hoje se advoga o termo ectoplasma), de transporte, de levitação e de escrita direta. Para explicar fenômenos de penetração da matéria pela matéria, imaginou uma quarta dimensão, característica dos seres que habitam o mundo invisível, ou dos espíritos.

Willian Crawford é outro nome da ciência, professor do instituto técnico e da universidade de Belfast, que a história das pesquisas psíquicas apontará, um dia, como dos seus mais destacados e competentes cultores. A levitação de objetos foi estudada por ele com extremos cuidados e, graças aos componentes do “círculo Goligher”, grupo de médiuns de que se destacava a senhorita kathlen Goligher, pôde comprovar a formação de uma alavanca formada por ectoplasma – o Cantilever, de que se valeriam os espíritos para fazer levitarem objetos pesados (mesas etc.). (3)

Depois de estafantes experiências realizadas entre 1916 e 1920, Crawford, diz René Sudre, “suicidou-se no dia 30 de julho de 1920, durante um acesso de febre cerebral, devido ao esgotamento profissional e às condições criadas pela guerra”. (4).

Terminamos esta ligeira e incompleta citação de sábios, que se ocuparam com os fenômenos espíritas pelo nome glorioso de Ernesto Bozzano, em cuja autobiografia confessa: “nunca fiz outra coisa senão estudar”.

Bozzano trabalhou, como sabemos, com a grande eusápia paladino, a extraordinária médium italiana, que lhe proporcionou a observação de numerosos fenômenos de efeitos físicos. É inestimável a contribuição de Ernesto Bozzano ao estudo da ciência espírita. São numerosas as obras, todas esplêndidas, que escreveu, a respeito, muitas traduzidas para o português: fenômenos de transporte, a crise da morte, fenômenos psíquicos, pensamento e vontade, enigmas da psicometria, xenoglossia, animismo ou espiritismo. Metapsíquica humana, comunicação mediúnicas entre vivos, materializações de espíritos etc.

(1) fatos espíritas, editado pela feb.

(2) provas científicas da sobrevivência, edicel, sp.

(3) mecânica psíquica, lake, sp.

(4) v. Introdução, de mecânica psíquica.

O que desejamos, porém, destacar nesta sumária exposição, é o esforço do professor Ernesto Bozzano no sentido de estabelecer princípios e leis capazes de explicar os fenômenos que observava e estudava, esforço tanto mais louvável quanto mais difíceis eram as condições de pesquisa na sua época, comparada com a atual, ainda assim praticamente fechada aos cientistas espiritualistas.

Sempre defendendo a hipótese espírita para explicação dos fenômenos, ele procurava também ilações, conclusões, que a observação e a experimentação possam trazer para dar o necessário cunho de veracidade às manifestações. Contesta, em termos de ciência, a teoria da quarta dimensão, do professor Zollner, contrapondo-a à da passagem da matéria pela matéria, que julga ser a verdadeira. (1).

As pesquisas devem continuar, a todo custo e a contribuição dos espíritas, com a necessária capacitação, é da maior valia.

Terminemos este capítulo, com as palavras, como sempre sensatas e superiores, de Emmanuel:

“A ciência investiga, a religião crê. Se não é justo que a ciência imponha diretrizes à religião, incompatíveis com as suas necessidades de sentimento, não é razoável que a religião

obrigue a ciência à adoção de normas inconciliáveis com as suas exigências do raciocínio” – segue-me, obra psicografada por f. Cândido Xavier (editora o clarim). Assim, ainda nas palavras de Emmanuel. (2).

“... Necessitamos de operar ativamente para que a ciência descubra, nos próprios planos físicos, as afirmações da espiritualidade”.

Do contrário, não nos tomarão a sério.

(1) sugestivo é o episódio da pirite, que o espírito desmaterializou, transportou para a sala de reunião, mas não pôde tornar material, de novo, ou melhor, reintegrar as partículas caindo a pirite, em forma de pó finíssimo, sobre os presentes. V. Fenômenos de transporte, edição calvário.

(2) “Emmanuel”, psicografia de F.C. Xavier, 7ª edição fev, pág. 180.

4. A CONTRIBUIÇÃO DE RICHEL.

A “criptestesia espírita”, a parapsicologia, de rhine até hoje.

Os físicos e sua contribuição ao estudo dos fenômenos extrafísicos (anímicos).

Charles richet (1) dedicou muitas das páginas de seu alentado tratado de metapsíquica ao estudo do que ele chamou de criptestesia espírita, sem, no entanto perder a oportunidade de sempre se expressar mordazmente com relação ao espiritismo e aos seus adeptos:

“Os espíritas receberam o meu tratado de metapsíquica com grande frieza. Compreendo o seu estado de espírito. Em vez de aceitar a sua teoria ingênua e frágil...” – prefácio da 2ª edição portuguesa (o grifo é nosso).

“Os espíritas quiseram misturar a ciência com a religião, o que redundou em grande detrimento para a ciência” – pág. 32.

“É um erro bem grave construir uma doutrina com a palavra dos tais espíritos, que são pobres espíritos” – pág. 54.

“Se bem que a criptestesia, em todas essas experiências da Senhora Piper (2), seja absolutamente e irrepreensivelmente demonstrada, a sobrevivência, na realidade, não o é”.- página 207 (grifamos).

É verdade que incluiu nos períodos em que dividiu e classificou os acontecimentos e os fatos do espírito e suas descobertas, o período espírico, (das irmãs fox a Willian Crookes) (e o científico que começa com o próprio Crookes). Suas conclusões com relação a criptestesia experimental (ou espírita) são desanimadoras, entretanto, pois, quanto aos

fenômenos observados, afirma que, neles, "... é pouco racional fazer intervir os mortos" - pág. 307.

E prossegue:

"Quaisquer que sejam as surpreendentes respostas de George Pelham (3), a hipótese de sua sobrevivência é muito frágil" – pág. 316.

"Pois bem! A doutrina de sobrevivência parece-me cheia de impossibilidades, enquanto a outra hipótese, a da" criptestesia intensa é (relativamente) tão fácil de admitir, que não hesito entre as duas – pág. 317".

"Um dia virá, talvez, quando elas encontrarão alguma explicação, mas provisoriamente não iremos até a hipótese de uma sobrevivência, absolutamente indemonstrada e quase indemonstrável" – pág. 325.

"A criptestesia, faculdade extraordinária, supranormal, de conhecimentos, é um fato. A sobrevivência da consciência dos mortos não é senão uma hipótese" – pág. 327 (grifamos).

Apesar de em sua obra tratado de metapsíquica negar autonomia aos fenômenos mediúnicos e mesmo classificar como indemonstrada e indemonstrável a sobrevivência do espírito, Richet é um dos nomes imortais da pesquisa psíquica e, em carta que, em 1936 escreveu a Bozzano, rendeu-se à evidência da verdade espírita.

(1) eminente fisiologista francês, nascido em 1850, dedicou-se às pesquisas psíquicas e nesse ramo deixou obras notáveis, como o tratado de metapsíquica, o sexto sentido, a grande esperança.

(2) Leonora de Piper, médium norte-americana, desencarnada em 1950, realizou inúmeras sessões de identificação de espíritos, com Hodgson, Lodge, etc.

(3) jovem advogado e escritor, desencarnado em 1882, de violenta queda, que, através de Madame Piper deu maravilhosas provas de sua identidade.

A parapsicologia, de Rhine até hoje.

A parapsicologia, ao contrário da metapsíquica, que admitia uma criptestesia espírita, rol de fatos mediúnicos, cuida apenas de fenômenos anímicos e tem despertado maior interesse, senão da própria ciência, pelo menos de muitos cientistas famosos. Já é bastante, pois que admite a existência do não-físico, da mente, pois, de fato, uma ciência mecanicista, que não quer ouvir falar de princípio espiritual, dificilmente cederá, para aceitar as verdades da doutrina espírita, concernentes à sobrevivência da alma e sua comunicação após morte.

A ciência pontificou, considerando a mente entrosada nos órgãos sensoriais e estes, por sua vez, no mecanismo orgânico, que "nada penetra na mente a não ser através dos sentidos",

ou melhor, tudo quanto à mente registra já foi registrado pelos sentidos. Entretanto, aceitando a parapsicologia, aceita a existência de fenômenos extrafísicos, como a telepatia, a clarividência, a cognição e mesmo a psicocinesia, o que põe por terra o referido postulado. De qualquer forma a discussão foi iniciada e continuada, pelo menos extra-oficialmente, as experiências, devendo-se ao professor Joseph Banks Rhine e à sua equipe, o esforço valioso para estabelecer uma investigação em termos de método e rigor científicos (o estatístico, com base no cálculo das probabilidades etc.) Fenômenos paranormais.

Há sempre um pioneiro, que desbrava o terreno e encoraja, enfrentando toda sorte de entraves. Rhine enfrentou o enfrenta a incompreensão de seus colegas e paga seu tributo ao progresso, pois, segundo o matemático Warren Weaver, a pé é um desconforto intelectual quase penoso.

Artigo publicado em estudos psíquicos (outubro de 1967) e assinado por Demócrito, na seção cantinho da ciência, diz que a parapsicologia é importante marco no estudo e pesquisa da alma e de seus fenômenos grandiosos, porque:

- a. Fez-se ouvir e acertar no mundo da ciência;
- b. Representa a base sobre que vão assentar as futuras investigações científicas;
- c. Marca a abertura de um caminho revolucionário em ciência, pois o homem pode aperceber-se da realidade sem ser pelos sentidos físicos conhecidos, de que os fenômenos se dão independentemente do tempo e do espaço e ainda de que a psique pode influenciar diretamente a matéria e também que os fenômenos psíquicos não obedecem às leis físicas.

Aliás, parece que hoje a tendência será para não se considerar com muito rigor, mesmo em sentido pejorativo, a palavra matéria, em contraposição ao espírito, pois já se fala em matéria psi... Não seria mais certa matéria física, matéria fluídica, matéria astral, matéria mental, matéria elementar? (1).

Obras recentes (2), relatam experiências notáveis realizadas nos países da órbita comunista, que hoje intensificam as pesquisas parapsicológicas, procurando, todavia, lhes dar sempre um cunho materialista ao contrário dos pesquisadores norte-americanos, que lhes reconhece até certo ponto o caráter extrafísico.

Os livros em exame nos falam de grandes pesquisadores como Eduardo Naumov, biologista russo, sem esquecer o pioneiro Leonid Vasiliev e de sensitivos extraordinários, como Karl Nikolaiev e Yuri kamensky, telepatas, predecessores do famoso Woolf Messing, que esteve no Brasil. Testes clássicos foram realizados, comprovando o extraordinário poder do pensamento demonstrado em fenômenos de pk (psicocinesia), efetuados com a sensitiva Nelya Mikhailova (3). Entretanto, afiançam os russos que o fenômeno é puramente físico-fisiológico. Rosa kuleshova vê as cores com as pontas dos dedos, em fenômeno crismado como “visão dermo-ótica”. As experiências comprovaram velhas afirmações esotéricas, sobre as cores, que são frias ou quentes, macia ou áspera, pegajosas ou escorregadias etc. O “efeito kirlian”, que veio confirmar, cientificamente, ensinamentos espiritualistas antigos, e minuciosamente descrito, mostrando um corpo energético, crismado de corpo bioplasmático, de qualidades e características extraordinárias.

Na Bulgária, o Dr. Georgi Lazanov, notável pesquisador dos fenômenos parapsicológicos, é positivo em suas convicções, quando diz, a respeito, que tudo pode ser explicado cientificamente, pelo que se utiliza, também, de aparelhos eletrônicos nas pesquisas.

Na Tchecoslováquia trocaram o nome de parapsicologia para psicotrônica e seu grande adepto é o Doutor Zdenek Rejda, que considera o psi como forma de energia dos organismos vivos.

(1) pergunta 61 de o livro dos espíritos: “há alguma diferença entre matéria dos corpos orgânicos e a dos inorgânicos?” R. “a matéria é sempre a mesma, mas nos corpos orgânicos está animalizada”.

(2) “veja-se parapsicologia, segredo dos russos, editado por Martin Ebon e experiências psíquicas além da cortina de ferro, de sheila ostrander e lynn Schoeder”.

(3) seu verdadeiro nome é Ninel kulagina.

Os físicos e sua contribuição ao estudo dos fenômenos extrafísicos (anímicos).

Sucedem-se os congressos de parapsicologia e seus resultados nada acrescentam ao conhecimento dos fenômenos paranormais, entre eles os espíritas ou mediúnicos, mesmo por que, quanto a estes, em particular, os trabalhos de pesquisa pouco ou nada têm progredido. Cumpre destacar, entretanto, o trabalho de pessoas ou grupos isolados, a respeito, por exemplo, da reencarnação, objeto de acuradas pesquisas, pelo método da memória extracerebral, por parte do Dr. Ian stevenson (1).

Não podemos, portanto, desprezar o esforço de pesquisadores isolados ou de grupos que, embora com muita dificuldade, procuram nos trazer, com rigores do método científico, o conhecimento desses fenômenos, de magna importância para a humanidade.

Em “as razões da coincidência”, Arthur Koestler assinala que “os inconcebíveis fenômenos da percepção extra sensorial parecem de certo modo menos absurdos, comparados aos inconcebíveis fenômenos da física”, querendo demonstrar, assim, que os físicos já admitem fatos capazes de violarem todas as leis estabelecidas pela ciência com relação aos postulados materialistas, que têm defendido até aqui. A física não poderia existir por contraditar as leis da física, entretanto, a ciência não conhece a natureza do átomo, mas constrói seus sistemas sobre ele e não nega a existência dos genes, embora sejam “invisíveis aos melhores instrumentos óticos de aumento” (2).

Afirma o Prof. J. Herculano Pires, em sua obra “parapsicologia, hoje e amanhã”, 4ª edição, Edicel, SP, que “a descoberta progressiva da antimatéria, a partir dos idos de 1930 – justamente quando nascia a parapsicologia na universidade de Duke – levou os físicos de todo o mundo à descoberta do espírito”.

Um famoso astrônomo exclama: “a matéria-prima do universo é o espírito” – “a natureza do mundo físico”, Sir Arthur Eddington.

Os físicos já não acham tão impossíveis assim, pelo menos os fenômenos parapsicológicos, depois de se verem compelidos a aceitar a existência de antipartículas (antielectrons) formando antimatéria; de se verem à frente de novos conceitos revolucionários, como da reversão do tempo, de Feynman, prêmio Nobel de física em 1965. O fabuloso neutrino, previsto por Wolfgang Pauli e capturado em laboratório, virtualmente não tem propriedades físicas de massa, carga elétrica ou campo magnético, no entanto, um deles poderia atravessar o corpo sólido da terra, o que deixa a ciência perplexa, com a derrogação de suas leis (3).

Um dia, estamos certo, ela proclamará a realidade do espírito e de todos os fenômenos que lhe são próprios.

(1) ‘vinte casos sugestivos de reencarnação ‘

(2) “palingênese, a grande lei”, do Dr. Jorge Andréa.

(3) sobre o fascinante assunto das modernas e revolucionárias concepções da física, quando “todo um coro laureado do prêmio Nobel ergue sua voz para nos anunciar a morte da matéria, a morte da causalidade, a morte do determinismo”, além de “as razões da

coincidência”, leia-se, também, o espiritismo em face da ciência dos nossos dias “, de Jethro Vaz de Toledo, edicel, sp”.

5. CONCLUSÕES

I – O espiritismo é ciência, por definição e essência ou conteúdo. Entretanto “Ciência ainda não é, porque não equacionou as leis que regem a fenomenologia mediúnica, controlada, por enquanto, pelos experimentadores do além. No futuro, sim, quando as leis que presidem aos fenômenos mediúnicos nos forem reveladas...” – DR.R. Penna Ribas, médico e presidente da sociedade de estudos e pesquisas espíritas, in artigo publicado em o jornal, de 19.07.1970.

II – Os fenômenos mediúnicos são concretos e podem ser observados e estudados, mesmo com as cautelas que a ciência exige. Entretanto,

“A visão panorâmica do aparelho mental sugere a extrema complexidade do fenômeno mediúnico”.

“Evidentemente, não podemos ter qualquer ilusão no que tange aos fatos mediúnicos”.

Estamos longe de conhecer as leis fundamentais que vigem nesse setor de pesquisas “– Dr. Jayme Cervino, médico, espírita, professor de biologia, in” além do inconsciente “, edição da fev”.

“Compreendemos a necessidade de definir o fenômeno mediúnico dentro da ciência. Não será obra dos dias atuais”.

“Os fatos estão comprovados (existência e vivência), porém o mecanismo estrutural desses fatos continua no setor das hipóteses”.

“A mediunidade é fenômeno incontestado, desenvolvido na esfera psíquica, ainda bem pouco compreendido pela ciência hodierna” – Dr. Jorge Andréa, médico e professor do instituto de cultura espírita do Brasil, in “nos alicerces do inconsciente”.

“A codificação espírita, no que concerne ao estudo dos fenômenos mediúnicos, peca apenas pela falta de estrutura científica...” “ao dizermos que a codificação carece de estrutura científica, longe de nós afirmarmos que kardec esteja superado ou que haja erros e contradições no seu conteúdo. Pelo contrário, o que afirmamos é que, sendo a doutrina exposta pelo didata lionês em um curto espaço de tempo e trazida a ele por comunicações espirituais, não teve condições de esquematizar uma estrutura nos moldes científicos” – Dr. Carlos de Brito Imbassahy, engenheiro, professor do instituto de cultura espírita do Brasil, in

domínio físico dos fenômenos mediúnicos “, artigos publicados na revista internacional de espiritismo, julho e agosto de 1973”.

III – Os fenômenos anímicos, por serem de mais fácil observação e estudo, já constituem objeto de pesquisa científica, sob a denominação de parapsicologia, psicotrônica e outras. Ainda assim, há relutância em considerá-los como produzidos pelo espírito, principalmente em certos países, como a Rússia, a Bulgária etc.

IV – será atitude de coerência e muito louvável, que os espíritas – que muito justamente destacam o aspecto científico da doutrina, como da maior importância na sua difusão e como elemento de comprovação dos próprios postulados ético-filosóficos, se organizassem para a pesquisa, em laboratório, dos fenômenos mediúnicos, assim entendidos os oriundos de espíritos desencarnados (fantasmas), a fim de equacionar as leis que os regem. Afinal, não se pode impor a ninguém, como ciência, uma doutrina que, nesse particular, não esteja ainda estruturada.

Revista internacional de espiritismo – nº 04 – maio de 1977.

A CLONAGEM HUMANA

Pedro Gregori

Há muito tempo, os cientistas sonham com a possibilidade de produzir um corpo humano a partir de uma célula doadora diplóide.

O espermatozóide e o óvulo possuem 23 cromossomos (células haplóides) e quando se unem, restauram o total de 46 cromossomos das células diplóides, isto é, que carregam a informação genética completa do indivíduo.

Muitos filmes de ficção foram produzidos sobre a clonagem humana, como vimos em “meninos do Brasil”; que foi o mais contundente por trazer à humanidade a idéia de que uma vez utilizada a carga genética (genótipo) e submetendo o indivíduo clonado a um ambiente igual ao do doador (influência do ambiente= fenótipo) resultaria em uma pessoa idêntica ao doador (ou imaginava-se ser o próprio doador retornando à vida).

Evidentemente que, enquanto tecnologicamente a ciência caminha a passos largos, espiritualmente, apenas engatinha. Consideramos uma inocência do ser humano achar que a reencarnação, neste caso, utilizando-se de caminhos alternativos, usando corpos

clonados, utilizaria espíritos também clonados. A idéia leiga é que, reproduzido o corpo, nele voltaria seu antigo “dono”.

A reprodução humana certamente passará por mudanças consideráveis ao longo dos próximos séculos, por isso não devemos nos surpreender com a clonagem do corpo humano e mesmo com as gestações em ambientes extra-uterinos.

Nenhum desses avanços substituirá os planos reencarnatórios das criaturas. Portanto, não importa a forma como voltamos a este plano e sim a jornada que teremos que percorrer, pois o corpo é um conjunto de células formadas basicamente de carbono, hidrogênio e oxigênio (matéria), mas que só existem se tiver vida. Quem dá vida à célula é o espírito, que ensina a cada molécula da célula qual é o seu papel (através dos cromossomos).

O corpo vem do corpo, mas o espírito vem de deus. Toda oportunidade de reencarnação é aproveitada pelos organizadores do plano maior. Seja um breve contato com a matéria, como nos abortamentos precoces, seja nos embriões congelados que aguardarão seu destino nos tanques de nitrogênio líquido por muito tempo.

Portanto, se um corpo humano for clonado a partir de uma célula de alguém já desencarnado, certamente será designado um espírito para dar vida àquele corpo, mas pouco provável seja o do doador da célula. Mesmo que fosse deste, seria uma nova vida e uma nova missão. A vida não se repete. Atentem para a vida de gêmeos univitelinos, clones perfeitos que a natureza mesma se encarregou de produzir corpos iguais habitados por espíritos, no mais das vezes completamente diferentes.

Só os espíritos puros recebem a palavra de deus com a missão de transmiti-la; mas, sabe-se hoje que nem todos os espíritos são perfeitos e que existem muitos que se apresentam sob falsas aparências que levou s. João a dizer: «não acrediteis em todos os espíritos; vede antes se os espíritos são de deus.» (epíst. 1ª cap. Iv, v. 4.).

Pode, pois, haver revelações sérias e verdadeiras como as há apócrifas e mentirosas. O caráter essencial à revelação divina é o da eterna verdade. Toda revelação eivada de erros ou sujeita à codificação não pode emanar de deus. É assim que a lei do decálogo tem todos os caracteres de sua origem enquanto que as outras leis mosaicas, fundamentalmente transitórias, muitas vezes em contradição com a lei do Sinai, são obra pessoal e política do legislador hebreu. Com o abrandarem-se os costumes do povo, essas leis por si mesmas caíram em desuso, ao passo que o decálogo ficou sempre de pé como farol da humanidade. O cristo fez dele a base do seu edifício, abolindo as outras leis se estas fossem obra de deus, seriam conservadas intactas. O cristo e Moisés eram os dois grandes reveladores que

mudaram a face do mundo e nisso está a prova da sua missão divina. Uma obra puramente humana careceria de tal poder.

Allan kardec, no livro “a gênese”, caráter da revelação espírita, item 10.

Neste natal não esqueça de homenagear o aniversariante!

Pedro Gregori é médico ginecologista.

A EXPANSÃO DO UNIVERSO

Carlos de Brito Imbassahy

A mais aceita teoria relativa à formação do universo, apesar de todas as restrições que se lhe possam fazer é a do big-ban, ou seja, a explosão inicial que teria dado origem ao universo em expansão.

Segundo essa teoria, Deus será o agente impulsor que teria reunido toda essa energia no fulcro central, ordenando-a segundo leis imutáveis e tidas como perfeitas, capazes de fazer com que o cosmo tenha vida efetiva, o que é observada por nós, apesar dos poucos recursos de que dispomos.

Nessa teoria, mesmo que o início de tudo não tenha sido a brande explosão, o que se tem com certo, em física, é que a energia cósmica - erroneamente chamada de FCU (fluido cósmico universal) -, por si só, jamais seria capaz de se alterar e, como tal, se, sobre ela não atuassem agentes externos, modulando-a, não haveria nenhuma forma do estado material.

Em síntese, a tudo o que existe corresponde uma alma de referência, compatível com o espectro materializado em nosso sistema. É a aceitação tácita, pela ciência, da existência de um outro domínio de “vida” capaz de dar condição aos mundos do espaço sideral. E por que não, ser esse ultracosmo o mundo dos espíritos? Isso explicaria muita coisa até então tida como dogma científico, ou seja, que não permite se discuta; em compensação, que não se entra na cogitação de ser aceito: um deles é o espaço infinito. Seu principal conceito prende-se à velocidade da luz, motivo pelo qual os recursos do homem jamais conseguiriam alcançar seus limites com o exterior, porque essa periferia se afasta do centro do universo com uma velocidade superior à das ondas eletromagnéticas e, como tal, quanto mais a luz correr em seu encaço, mais longe ficará dele. É como alguém correndo atrás de um veículo para alcançá-lo: por mais que corra, sendo a velocidade dele maior do que a do corredor, cada vez mais longe irá ficando.

Contudo, essa idéia de infinito sugere o limite e que só teria explicação se, de fato, o universo estivesse mergulhando em um domínio (o espiritual) que o contenha, porque, sem dúvida, de algum lugar a nossa energia cósmica foi tirada e para lá há de retornar, tal a lei física. Isso ocorrerá quando o universo perder a condição de expansibilidade. E, então, toda a energia inicial implodida (por deus ou pelo nome que se queira dar a seu agente atuante) voltará às origens, provavelmente, para que se junte a outras tantas de outros possíveis universos e que, se torne disponível para novas implosões. É o ciclo vicioso das ocorrências. No caso em questão, o que se pode admitir é que a criatura em si e tudo mais que se represente, materializando-se dentro do nosso sistema celeste, sendo o espectro de alguma outra estrutura que se materializa, não passa de mísero micróbio do organismo superior que consubstanciou o universo e nele se encarnou para lhe dar vida. Como tal pode-se comparar o que um germe do nosso corpo pense a respeito do mundo interior em que vive. Na certa, conceberia o organismo criador como se também tivesse o aspecto de um germe: ou seja, um deus antropomórfico. Se ele analisasse o corpo em que vive a partir da sua fecundação, teria como seu big-bang o momento em que o zigoto se fecundou. Depois, esse organismo passou a crescer - fase da expansão - aparentemente até um limite de elasticidade em passará a envelhecer. Ele não poderá conceber que fim irá ter seu universo, porque não terá vivido para isso. Em síntese, é esta a posição mais avançada e arrojada que seguidores da cosmofísica adotam.

Quanto à retração do universo, é um estudo empírico para satisfazer matematicamente à condição de volta ao passado, única forma possível para que tal ocorresse. Contudo, sem voltar a ele, o homem poderia descortinar suas cenas, como se estivesse ante uma televisão sintonizada, se as imagens emitidas em época passada se refletissem em algum objeto cósmico e retornasse a terra, em sua nova posição. Mero fenômeno ótico. Este, contudo, é um fenômeno possível de ocorrer, o que já não se pode admitir para o caso da retração cósmica. Ainda há muito que pensar até que se chegue a uma conclusão. Enquanto isso, o jeito é viver a realidade da vida, observando as leis imutáveis que regem a vida universal e em sua tábua, não existe perdão para aquele que tenta desequilibrar o sistema, cometendo más ações.

A PARAPSIKOLOGIA E SUAS CORRENTES

Edvaldo kulcheski

A parapsicologia está dividida em três correntes: a russa, a norte-americana e a francesa. A corrente russa é eminentemente materialista, onde todos os fenômenos são explicados pela matéria. O conceito espiritual é inteiramente colocado de lado e o conceito metafísico é negado.

A corrente norte-americana admite que certos fenômenos são produzidos por agentes especiais que vivem em dimensões diferentes da nossa, depois de terem vivido aqui. Já a corrente francesa mistura conceitos sobrenaturais com milagres. É a corrente católica da parapsicologia e surgiu sem o interesse da investigação, apenas para confundir e atacar o espiritismo.

A parapsicologia já está sendo substituída por outras ciências que dão uma visão mais abrangente, como a psicobiofísica e a psicotrônica. Hoje, a ciência descreve a materialização de um espírito (conceito metafísico): “forma assumida pelo bioplasma sob a ação de campos estéreos bioenergéticos oriundos de um domínio informacional remanescente de uma pessoa já falecida”.

(revista cristã de espiritismo)

A PROPÓSITO DA MATÉRIA PSI

Carlos Roberto Appoloni

1. Introdução

O livro brasileiro mais conhecido escrito sobre o assunto é “psi-quântico”, de Hernani Guimarães Andrade [1]. O texto trata da aplicação de algumas idéias qualitativas da mecânica quântica para o que seria a “matéria psi”, ou a matéria de que são constituídas as entidades no plano espiritual. O autor constrói de forma qualitativa uma extensão de alguns conceitos quânticos da física atômica à matéria espiritual, sem, contudo chegar a formular uma teoria completa, a exemplo da existente na física para a matéria comum. A publicação deste livro foi sem dúvida um grande primeiro passo na direção da compreensão da matéria espiritual, fundamental para melhorarmos nosso entendimento da relação entre os níveis material e espiritual, assim como o funcionamento do acoplamento de nossa alma com nosso próprio corpo físico.

2. Embasamento experimental

O autor relata detalhadamente uma série de interessantes experimentos realizados no final do século passado e início deste, que dão suporte às hipóteses que formulará sobre a matéria psi. A seguir apresentamos um pequeno resumo de dois dos principais experimentos.

- a. As experiências de zöllner em 1877 [2], com nós em tiras de couro e moedas em caixas fechadas, levaram à hipótese de um hiperespaço 4d (de quatro dimensões) onde estaria a matéria psi. Zöllner postula que o aquecimento observado nos objetos transportados deve-se ao fato de que o transporte de corpos pela quarta dimensão “obriga-os a atravessar fortes campos de uma determinada natureza”. Vide nota no item 13.
- b. Bozzano (1862-1943) também realizou uma série de experiências de transportes de objetos, dando suporte à idéia do hiperespaço. O espírito mentor nas experiências de Bozzano [3] colocou que para o transporte de objetos pequenos os mesmos são desmaterializados, transportados e materializados novamente, já no transporte de objetos grandes, quem sofre a desmaterialização é uma região nas portas e/ou paredes por onde atravessam. Bozzano e os espíritos envolvidos informam que no transporte de uma planta (lírio) vinda de outro lugar do planeta (do Egito para os EUA), esta já estava no recinto pelo menos uma hora antes da materialização. No processo de materialização a planta foi “crescendo” e na desmaterialização desapareceu “instantaneamente”. No espaço psi, “paralelo ao nosso”, o modelo organizador do lírio estava pronto para a reestruturação do mesmo.

Após o relato e discussão das várias experiências é apresentada então a hipótese básica: nossa realidade 3 (de 3 dimensões) é um universo paralelo ou sub-espço de uma realidade 4 (de 4 dimensões) da matéria psi. Somos seres 4d temporariamente acoplados a uma realidade 3d. Embora Martiny seja citado no livro como postulando um espaço 5d para a matéria psi (numa referência de 1955 [4]) o autor mantém a hipótese 4 dimensão.

Considerando a teoria da relatividade de Einstein [5], sabemos que o mundo físico que conhecemos precisa de uma descrição quadridimensional, ou seja, a realidade física da matéria comum já é (pelo menos) um espaço 4d (3d espaciais e 1d temporal, na teoria da relatividade restrita). Desta maneira, o correto seria postular para o hiperespaço da matéria psi pelo menos uma dimensão a mais, ou seja, caracterizá-lo como espaço 5d. De toda forma, esta questão não invalida os aspectos mais importantes da proposta exposta pelo autor.

Para entender melhor (e sem equações matemáticas) as características físicas de dois espaços com uma dimensão de diferença entre eles, por exemplo, um mundo 2d e uma 3d, vide o romance “a terra dos achatados” [6].

3. Hipóteses básicas formuladas por Hernani

- a. A matéria psi é constituída de ondas e corpúsculos da mesma maneira que a matéria comum.

Comentário: a matéria comum é constituída de blocos elementares que apresentam propriedades de onda e de partícula ao mesmo tempo, sendo descritas por uma função de onda. Apenas nas situações mais usuais do cotidiano é que parecem ter caráter apenas de partícula ou de onda (dependendo do caso) e obedecendo às leis da física clássica. Já que irá se aplicar os conceitos da mecânica quântica ao modelo da matéria psi, é importante que inclusive o modelo para a matéria comum esteja claro e de acordo com as teorias atuais.[a]

- b. “Como a matéria comum tem composição quântica, então a matéria psi também, daí o nome do livro”.

Comentário: a matéria comum apresenta algumas propriedades que só puderam ser entendidas (até agora...) Através da mecânica quântica [6], como sendo a teoria capaz de descrever as interações na natureza a nível microscópico. Não se pode dizer que a matéria tenha “composição quântica ou clássica”.

- c. “Como a nossa matéria está organizada num espaço de 3 dimensões, então a matéria psi está organizada num espaço de 4 dimensões”.

Comentário: como já colocado antes, a física moderna, após a teoria da relatividade especial ou restrita, já vem utilizando um espaço de 4 dimensões para descrever os eventos de nosso plano físico; para poder explicar os fenômenos ditos “paranormais”, a matéria psi deve, portanto, existir num espaço com um número maior de dimensões, no mínimo cinco, de maneira a explicar, por exemplo, as desmaterializações e materializações à distância.

4. O psi-átomo de Hernani

É apresentado o modelo atômico de Bohr [7], numa visão mecanicista clássica, apenas adicionando-se o conceito de quantum (ou de quantização) da energia. As partículas prótons, nêutrons e elétrons são tratados como elementares. Embora este tipo de exposição do modelo não comprometa o objetivo básico do autor, é importante lembrar que, desde a década de 30, com a descoberta de outras partículas (ditas então elementares) e mais recentemente com os quarks, não se pode mais considerar prótons e nêutrons como partículas elementares. Sem dúvida é muito difícil fazer visualizar o átomo como descrito pela mecânica quântica, porém a visão “planetária” do átomo deve ser usada com muito cuidado, por não ser rigorosamente correta. O próprio Max Born falou a respeito da grande dificuldade de se criar imagens de idéias abstratas e da importância destas imagens na didática [8], chamando-as de “ajudas visuais parciais”.

Hernani postula então o psi-átomo em analogia com o átomo da matéria comum. O átomo psi seria formado por um núcleo constituído de intelectons (“carga” positiva) e percéptons (“carga” neutra), e de bíons (“carga” negativa) girando ao seu redor. Vide as figuras 1^a e 1b. Como o átomo da matéria comum está num espaço com uma dimensão a menos que o do átomo psi, e a representação bidimensional num desenho já perde por si uma dimensão, o autor apresenta uma ilustração, figura 2, onde vemos como estes átomos poderiam ser comparados quando vistos da ótica de alguém situado no hiperespaço.

É colocado que o bión e o elétron geram o campo biomagnético, através do qual a matéria comum e a matéria espiritual interagem. O intelecton seria o quantum de consciência-inteligência e o percepton o quantum de percepção-memória. [b]

Apresenta também, para a quantização da energia da matéria psi, uma equação análoga à que usamos na matéria comum:

$$Q = F.H.$$

Onde “q” é o “quantum” de energia dos bósons, “f” é a sua frequência e “h” é a constante de Planck ($6,625 \times 10^{-27}$ erg. s).

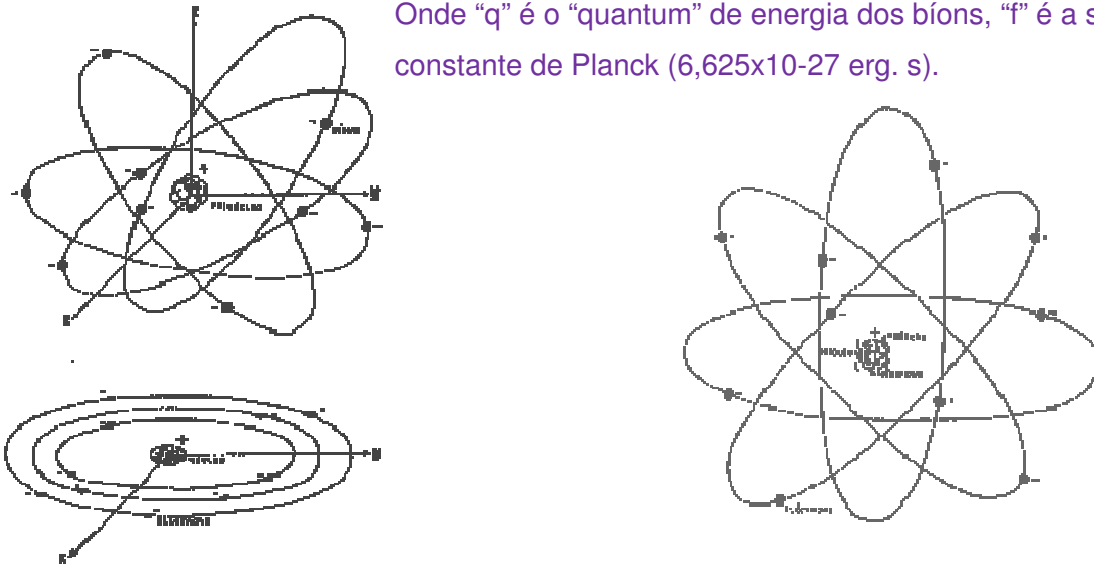


Figura 1^a - o modelo atômico de Bohr (pág. 54 da referência [1]).

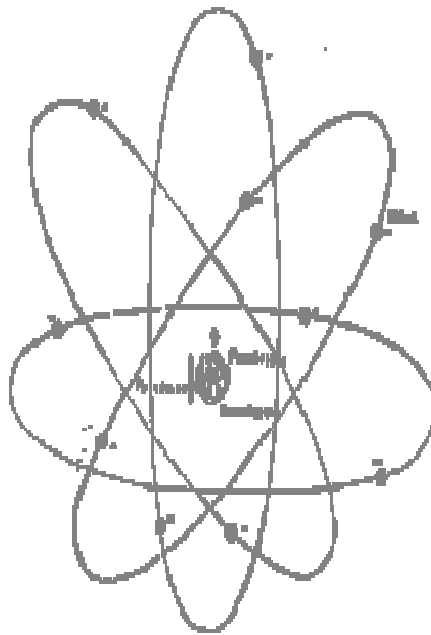


Figura 1b - a estrutura análoga ao modelo atômico de Bohr proposta para o psi-átomo (pág.108 da referência [1]).

A constante de Planck teria o mesmo valor no espaço comum e no hiperespaço? Isto não é cogitado pelo autor e tem conseqüências importantes para o modelo, pois a organização dos níveis de energia na estrutura da matéria psi (conseqüentemente os níveis de vibração e valores das quantidades de energia emitidas ou absorvidas) certamente muda quando

muda o valor desta constante. Várias observações de experimentadores espíritas apontam na direção de que no hiperespaço esta constante teria outro valor.

Figura 2 - o psi-átomo e o átomo da matéria comum comparados “sob a óptica do hiperespaço” (pág. 109 da referência [1])

Hernani lembra que sua descrição tem suporte na colocação de André Luiz (autor espiritual), segundo a qual a matéria comum é plasmada pela matéria mental (matéria psi) [g], a qual tem diferentes padrões vibratórios, seus átomos também são formados por associação de “cargas” positivas e negativas, sendo que as moléculas do perispírito giram em mais alto padrão vibratório, com movimentos mais intensos que as moléculas do corpo carnal [d].

5. O campo biomagnético (cbm)

Uma parte muito importante do livro de Hernani é o relato dos vários trabalhos indicando a natureza eletromagnética (quase eletrostática apenas) dos campos biomagnéticos dos seres vivos. É colocado que o cbm (campo vital, ou campo psi e físico, ou biomagnético) é produzido tanto pelos bóns atuando sobre a matéria, como também pelos elétrons atuando sobre a matéria psi. É afirmado, sem explicações ou justificativas, que o cbm é essencialmente um campo magnético (em contradição com as conclusões dos experimentos relatados sobre a característica quase eletrostática dos mesmos) e que o cbm “segue uma direção normal ao hiperespaço”. Na página 135 do livro é colocado que a matéria “esconde” o campo magnético dos orbitais eletrônicos. A matéria não esconde estes campos - eles se cancelam na maioria dos casos. O que não se vê é a componente ou o campo do elétron que atua sobre o bión. O campo que o autor está procurando é outro, ou, mais provavelmente, uma componente a mais (ainda desconhecida) do campo eletromagnético conhecido.

6. Densidade da matéria psi

Em seguida o autor realiza uma discussão sobre a densidade das matérias normal e a psi. Coloca que a matéria pode polarizar a matéria psi através do cbm dos elétrons, mas que o psi-átomo projetado em 3d (do nosso mundo) é muito maior que o átomo físico. Ele calcula que o corpo astral (perispírito) tem massa de aproximadamente 61,7 gramas, para um volume de 70000 cm³ (volume de um corpo humano médio no nosso espaço), ou seja, a

densidade da matéria psi é de aproximadamente 0,00088g/cm³, que é da ordem da densidade do gás néon. Assim a densidade da matéria psi é 1,45 vezes menor que a do ar e 9,8 vezes maior que a do hidrogênio. O corpo astral seria então 1135 vezes mais leve que o corpo físico.

Esse cálculo, no entanto (se as premissas estiverem corretas), é da densidade da matéria psi enquanto projetada no nosso espaço (o volume projetado foi considerado igual ao do corpo físico) e não a densidade da matéria psi no hiperespaço. Entendemos que o valor apresentado para a densidade seja de fato um limite superior para a densidade da matéria espiritual quando projetada no nosso espaço, pois supor que o volume do corpo astral projetado é igual ao do corpo físico contradiz a afirmação de que o átomo psi projetado tem volume maior que o átomo normal. A menos que o número de átomos psi associados ao corpo espiritual seja menor que o número de átomos do corpo material a ele acoplado. Considerando as balanças bastante mais precisas que existem atualmente, seria muito interessante que fossem retomados os experimentos de medir a diferença de massa do corpo humano antes e depois do desencarne, para uma determinação, com análise estatística, da massa do corpo astral e de sua densidade, levando em conta o volume real de cada corpo considerado [e].

7. Formação dos seres

Através do cbm um agrupamento de átomos é capaz de “capturar” um psi-átomo e a ele ficar acoplado. Assim, aglomerados moleculares podem polarizar uma estrutura molecular psi, criando um corpo espiritual rudimentar acoplado, cujo volume projetado em nosso espaço é bem menor que o seu volume no hiperespaço - o corpo espiritual é “reduzido” ao ser acoplado ao corpo físico. Os corpos espirituais podem aprender (através de seus intelectons), guardar informações (através de seus percéptons) e sobreviver à destruição dos aglomerados moleculares de matéria comum. Podem plasmar novos aglomerados na matéria comum através do cbm produzido pelos seus bions. A matéria psi e a matéria comum ficam então acopladas através da interação mútua do cbm e os corpos assim formados tem propriedades físicas e psi [z].

A biogênese é analisada e entendida por Hernani da seguinte forma:

- Moléculas orgânicas são formadas no “caldo nutritivo” dos oceanos primitivos;
- Estes agregados moleculares “capturam e agregam” moléculas psi e a elas ficam acoplados formando um organismo primitivo com “corpo físico” e “corpo espiritual”;
- As moléculas psi “aprendem” e se organizam de forma cada vez mais complexa, plasmando organismos cada vez mais sofisticados no plano físico [h];
- Esta escalada culmina com os seres superiores atuais, formados de corpos físico e espiritual;
- A superação do problema da entropia na biogênese é explicada pelo princípio da força organizadora da matéria psi (através do cbm) sobre a matéria comum.

É claro que não se pode pretender que questões delicadas como: quem começou primeiro? - possam ser respondidas por um modelo apenas esboçado e com os poucos conhecimentos de que dispomos. O importante é que tudo faz muito sentido dentro do contexto de uma teoria coerente. Em outro livro de indispensável leitura [9], Hernani desenvolve mais profundamente as idéias da biogênese, tratando do modelo organizador biológico. Naquela obra ele apresenta um diagrama bastante interessante de como este acoplamento corpo físico - corpo espiritual explica a nossa complexa estrutura (figuras 3 e 4).

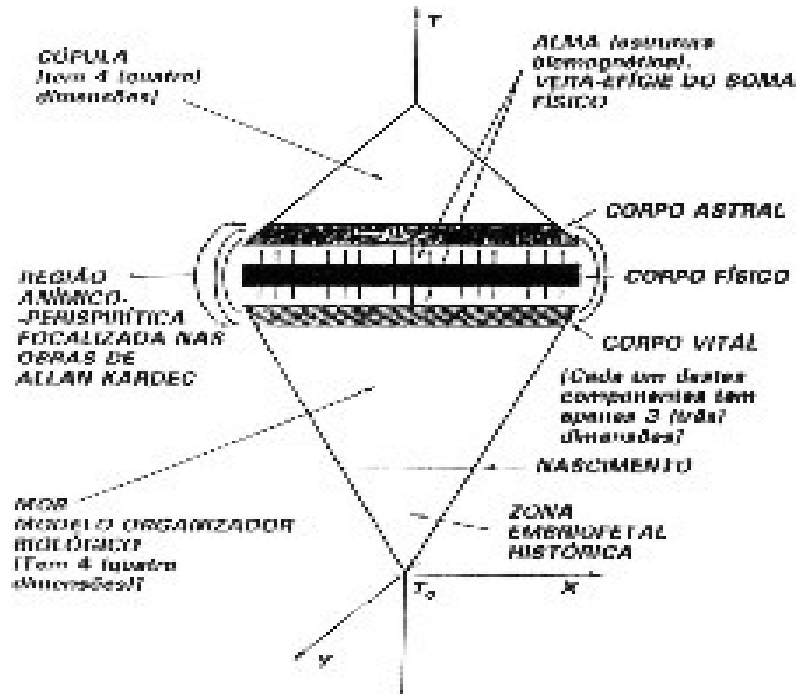


Figura 3
 acoplamento entre o corpo físico, perispiritual e espiritual (pág. 56 da referência [9]).

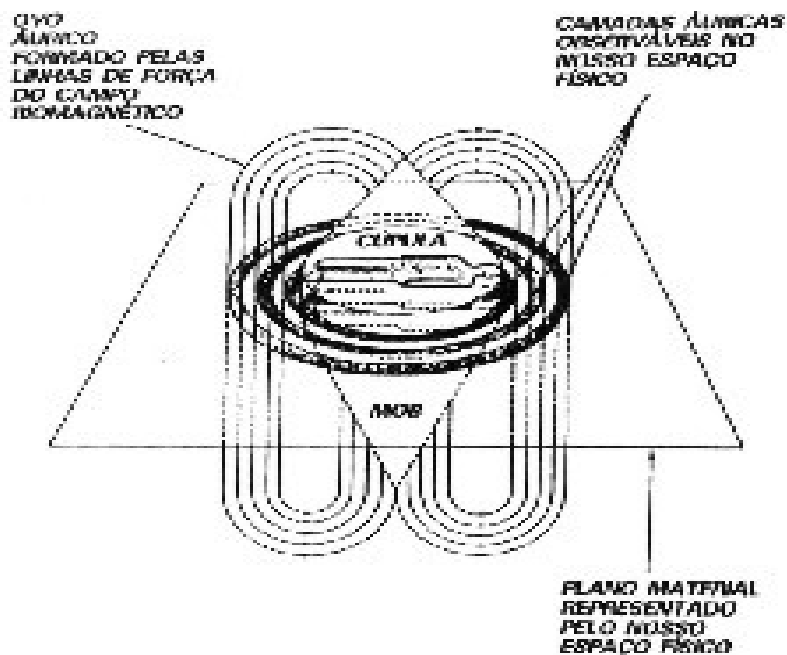


Figura 4
campo biomagnético (cbm) e o acoplamento entre os corpos físico, astral e vital (pág. 67 da referência [9]).

8. Na direção de uma teoria

A transformação do modelo qualitativo apresentado por Hernani em uma teoria completa, com capacidade de previsão de efeitos e cálculo das interações, a exemplo da que existe para a matéria comum representa um considerável desafio. Façamos uma prospecção, baseados nas teorias atuais da física.

O tratamento para os bóions deveria ser na direção da já estabelecida equação relativística para os elétrons (de Dirac [10]), ampliada para um espaço com (pelo menos) mais uma dimensão. Especial atenção deverá ser devotada para desenvolver uma “bóion-dinâmica” - o equivalente à eletrodinâmica da matéria comum [11] - e, principalmente, à interação bóion-elétron, chave para se chegar à descrição matemática do cbm, a exemplo do que temos para ondas eletromagnéticas. Certamente ter-se-á que revisitar, agora com ferramental matemático rigoroso e explícito, trabalhos antigos como “teoria eletrodinâmica da vida” [12] e bem mais recentes sobre a teoria holográfica [13].

Por outro lado, para trabalhar as interações entre as partículas psi e formular a estrutura dos átomos psi, seria necessário propor uma equação de Schroedinger [7] generalizada, com uma dimensão a mais da normal, de maneira a poder-se obter, por exemplo, os níveis de energia dos átomos e moléculas psi. Além dos números quânticos já conhecidos para o átomo, dois novos (pelo menos) deveriam ser adicionados, pois as propriedades dos intelectons e percéptons deverão ser quantificadas. Seriam elas quantizadas ou não? O formalismo matemático seria o do tipo usado para tratar o número quântico spin ou o “sabor” dos quarks?

Como sabemos que prótons e nêutrons têm estrutura (ou seja, são formados por quarks), certamente seria natural supor que intelectons e percéptons também tivessem...Ou não? Se não tiverem estrutura interna, então a matéria espiritual seria radicalmente diferente, a nível microscópico, da organização da matéria comum, com grandes repercussões em nível de como seria encarado um mundo material mais complexo e elaborado que o espiritual... Se tiverem estrutura interna, seria necessária uma cromodinâmica quântica generalizada para o hiperespaço e os psi-quarks seriam realmente os tijolos básicos da matéria espiritual,

juntamente com os bósons, os psi-fótons (os quanta do cbm) e os psi-neutrinos... Sem dúvida um quadro complexo.

Por outro lado, uma outra hipótese plausível, com base nos fenômenos e comunicações espirituais, é a de um hiper-espaço multidimensional, onde o ser espiritual utilizaria cada vez mais dimensões à medida que evolui e se espiritualiza.

Ou ainda, podemos encarar o próprio universo como uma observável quântica e aí teríamos uma infinidade de universos possíveis, paralelos ao nosso, sendo que o ser espiritual poderia transitar entre eles...

Qualquer destes pontos de partida (existem outros, é claro) representará um esforço considerável de trabalho de física e matemática, mas certamente muito válido, para prosseguir na trilha aberta por Hernani.

Não podemos deixar de comentar que a mecânica quântica oferece um extraordinário ferramental, não somente para o entendimento da matéria [14], mas também da dinâmica da vida, da natureza humana e da consciência, assim como uma base científica para a imortalidade da consciência, como muita bem explorada pela física e filósofa Danah Zohar, em seu livro “o ser quântico” [15]. A autora chama a atenção para o estudo dos condensados de Bose-Einstein em sistemas biológicos, para explicar a consciência. Embora tenha uma visão equivocada (do ponto de vista espírita) sobre a questão da alma [16], a discussão por ela apresentada pode ser muito bem aproveitado para uma teoria da interação entre a matéria comum e a matéria espiritual.

9. Na direção de uma fenomenologia

Além de um esforço teórico, e também para ajudá-lo e orientá-lo, é absolutamente necessário também um suporte de experimentação. Neste caso o ponto de partida nos parece muito claro: investigar o cbm. Um estudo mais detalhado e refinado dos campos eletromagnéticos dos seres vivos, da maneira como estes campos são alterados, por exemplo, quando da atuação de uma entidade desencarnada sobre um encarnado, podem nos levar a enfim observar a componente faltante do campo total gerado pelo elétron, que seria exatamente o cbm. Neste caso físicos, biólogos e médicos teriam uma grande contribuição a dar, não somente em experimentos originais, mas também na reanálise de dados de experimentos já realizados com outros objetivos, mas que podem já conter resultados importantes que apenas faltam ser correlacionados quando analisados por uma

óptica sem preconceitos e mais ampla. Trabalhos relativamente recentes como os do energy research group [17] ou o relatado nos capítulos 6 e 7 do livro mãos de luz [18], podem ser um bom ponto de partida para orientar sobre o tipo de arranjo experimental a ser utilizado.

10. Comentários Finais

O objetivo básico deste texto foi comentar uma das obras de Hernani, ampliando a discussão de alguns pontos e levantar algumas possibilidades de continuação do trabalho de entendimento da matéria espiritual. Não tivemos a pretensão de esgotar o assunto, nem de sermos taxativos quanto às análises e conjecturas realizadas, mas apenas contribuir para a discussão de tão importante tema.

Entendemos que Hernani, quando discute a matéria psi, se enquadra mais como um filósofo do que como físico. O que ele faz é mostrar um caminho, como fez o grego Demócrito no caso do átomo. Já em 1962 o físico Taketani discutia a necessidade da real aproximação e colaboração entre físicos e filósofos [19], para que a complexidade das idéias da física moderna não leve ‘a confusão filosófica, mas sim a uma relação sinérgica entre as duas ciências.

Na verdade a primeira obra de Hernani que trata da matéria psi [20] é bastante anterior àquela que tratamos neste artigo, sendo que suas idéias foram discutidas em um artigo publicado na RIE [21]. Ao mostrar o caminho, ainda bastante nebulosos e complexos Hernani usou de natural aproximação simplificada, que logo de início não foi bem compreendida e até precipitadamente refutada [22], como sendo uma teoria antidoutrinária “a reformar a doutrina espírita e a substituí-la”. Embora seja até compreensível esta reação por parte do meio espírita, entendemos que não seja esta a proposta decorrente da obra de Hernani. Seja pelas informações sobre o plano e a matéria espiritual, contida em várias obras psicografadas [23], e jamais contestadas pelo meio espírita, seja pelos dados riquíssimos que os atuais experimentos de transcomunicação estão cada vez mais apresentando [24], dificilmente o estudo da matéria psi passará ao largo do caminho apontado por Hernani.

Dado o objetivo deste artigo, não foi possível, nem seria adequado, tocar em outras questões da física contemporânea, que embora possam mais parecer ficção-científica, são na realidade rigorosas conseqüências de novas teorias já sedimentadas na literatura científica, que dão suporte e/ou explicam fenômenos espíritas. Tratar destes avanços

recentes e complexos da física em linguagem acessível e sem erros conceituais é um formidável desafio. No entanto, existe disponível já há algum tempo um livro que, através de criativos desenhos e linguagem simples e clara, mas com rigoroso embasamento físico, trata da estrutura do espaço-tempo, fenômenos paranormais e a estrutura da energia [25].

Por fim, dado o grande desequilíbrio do tripé ciência-filosofia-religião ainda existente em grandes porções do movimento espírita brasileiro, sempre é bom lembrar o próprio codificador:

- (a) “não há fé inabalável senão aquela que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da humanidade” - item 7, capítulo XIX de o evangelho segundo o espiritismo [26];
- (b) “é, pois, rigorosamente exato dizer-se que o espiritismo é uma ciência de observação e não produto da imaginação” - item 14, capítulo i de a gênese [27];
- (c) “... ao espiritismo, sem a ciência, faltariam apoio e comprovação” - item 16, capítulo i de a gênese [27].

11. Notas, comentários do autor e citações bibliográficas.

[1] psi-quântico Hernani Guimarães Andrade

Editor pensamento, São Paulo, 1986 [2] provas científicas da sobrevivência J. K. Friedrich Zöllner.

Editora edicel são paulo, 1966.

[3] fenômenos de transporte E. Bozzano

Editora calvário, São Paulo, 1972 [4] different types of space-time and parapsychological phenomena M. Martiny.

Proceedings of the first international conference of parapsychological studies 30 de julho a 5 de agosto, 1953 Parapsychology foundation inc. New York, 1955 [5] sobre a teoria da relatividade indicamos as seguintes referências:

(a) nível introdutório abc da relatividade Bertrand Russel

Zahar editores, rio de janeiro, 1966 (b) nível intermediário.

Introdução à relatividade especial R. Resnick.

Editora da usp e polígono são paulo, 1971 (c) nível avançado.

Understanding relativity Stanley Goldberg Clarendon press, Oxford, 1984 [6] flatland: a romance of many dimensions

Edwin a. Abbott Dover publications, new York, 1992 [7] sobre a teoria da mecânica quântica sugerimos a seguinte referência, de nível universitário introdutório:

Física quântica R. Eisberg e r. Resnick.

Editora campus Ltda., rio de janeiro, 1979.

Cap. 4 - modelo de Bohr para o átomo

Cap. 5 - equação de Schroedinger

Cap. 7 - átomos de um elétron

Cap. 9 e 10 - átomos multieletrônicos

Cap. 17 - partículas elementares [8] vide o prefácio escrito por Max Born para o livro A física moderna, páginas 7 a 9 Walter R. Fuchs.

Editora polígono são paulo, 1972 [9] espírito, perispírito e alma.

Ensaio sobre o modelo organizador biológico Hernani Guimarães Andrade Editora pensamento, 1984 [10] modern elementary particle physics Gordon kane Addison-wesley,

1987 Cap. 5 - equação de Dirac [11] classical electrodynamics J. D. Jackson John Wiley & sons, new York, 1975 [12] teoria eletrodinâmica da vida.

H. S. Burr e F. S. C. Northrop Universidade de Yale, 1935 [13] (a) o universo holográfico Karl Pribram.

Editora cultrix, 1992.

(b) o paradigma holográfico e outros paradoxos Explorando o flanco dianteiro da ciência Ken Wilber (organizador)

Editora cultrix são paulo, 1994 [14] dois livros recentes apresentam, sem matemática, uma ótima discussão conceitual da mecânica quântica, analisando desde a abordagem desta teoria acerca da realidade dos objetos físicos, até suas conseqüências filosóficas:

(a) olhares sobre a matéria - dos quanta e das coisas

Bernard D'Espagnat e Étienne Klein Instituto Piaget, Lisboa, 1993.

(b) a matéria roubada - a apropriação crítica do objeto da física contemporânea

Michel Paty Editora da universidade de são paulo, 1995 [15] o ser quântico Danah zohar

Editora best seller, são paulo, 1990 [16] vide o capítulo 10 da referência anterior [17] experimental measurements of the human energy field Energy research group New York,

1973 [18] mãos de luz Bárbara ann Brennan Editora pensamento, são paulo, 1996 [19] de que modo à filosofia pode recuperar a sua utilidade?

Mituo Taketani

Revista de física e matemática, nº 1, 1962, 31-39 Ffcl - universidade de são paulo, são paulo [20] a teoria corpuscular do espírito Hernani g. Andrade.

Edição do autor, 1958 [21] hipóteses sobre a constituição do perispírito (última parte) Mauro Quintela Revista internacional de espiritismo (rie) volume de janeiro de 1985 [22] a pedra e o joio.

J. Herculano pires

Edições Cairbar são paulo, 1975 [23] entre outras obras, vide:

(a) universo e vida pelo espírito áureo psicografado por Hernani t. Sant'Anna

Feb, depto. Editorial, Brasília, 3^o edição, 1990.

(b) nos domínios da mediunidade pelo espírito André Luiz Psicografado por Francisco cândido Xavier

Feb, depto. Editorial, Brasília, 16^o edição, 1987.

(c) mecanismos da mediunidade pelo espírito André Luiz psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira

Feb, depto. Editorial, Brasília, 11^o edição, 1990 [24] transcomunicação instrumental Sonia Rinaldi.

Fe editora jornalística ltda., são paulo, 1996 [25] espaço-tempo e além - rumo a uma explicação do inexplicável.

A nova edição Bob Toben e Fred Alan Woolf em conversa com físicos teóricos

Editora cultrix são paulo, 1982 [26] o evangelho segundo o espiritismo Allan kardec.

Instituto de difusão espírita São Paulo, 47^o edição, 1985 [27] a gênese Allan kardec.

Federação espírita brasileira

Rio de janeiro, 28^o edição, 1985.

[28] projeziologia Página 327 Waldo Vieira

Edição do autor, rio de janeiro, rj, 1986 [29] o livro dos espíritos Allan kardec.

Departamento editorial Núcleo espírita caminheiro do bem

São Paulo, sp, 37.A edição, 1978 [30] a profecia celestina James Redfield.

Editora objetiva

1.a edição, 1993, rio de janeiro, rj.

12. COMENTÁRIOS DE SORAYA MATTAR

Estudante de psicologia da uel, 4^o ano.

[a] talvez fosse mais adequado dizer que se trata da matéria psi mais próxima, vibracionalmente falando, da matéria comum. Uma teoria geral acerca da matéria psi tão correlacionada com o mundo físico pode correr o risco de um certo “geocentrismo”. A não ser que a teoria pressuponha que “tudo é formado do mesmo princípio, com diferenças em nível vibratório” (a gênese [27], cap. Vi, itens 3 e 7).

[b] a matéria psi também constitui os “objetos extrafísicos”, as moradias, plantas, descritos em romances da literatura espírita que se passam no plano extrafísico (e relatos de entidades pelas mais diversas formas de comunicação)? Serão então estes objetos também dotados de consciência, inteligência, percepção, memória, por serem constituídos de intelectons e percéptons?

[g] sendo a matéria comum plasmada pela matéria mental, a causalidade de todo o plano físico é não física. A evolução do planeta como um todo, das espécies vegetais, animais, dos próprios hominídeos, até então explicada pela mudança de contingências do ambiente, teriam outras causas extrafísicas? Seriam essas causas simplesmente explicadas pela ação da vontade de um “Deus” ou podemos pensar que as dimensões extrafísicas evoluem por contingências inerentes a elas e o mundo físico reproduz essas mudanças com o que dispõe? Parece possível correlacionar essa idéia com a teoria platônica do mundo ideal, do qual o nosso é cópia imperfeita.

[d] alguns autores acham que no desdobramento o que ocorre é a aceleração das vibrações do corpo energético e do perispírito para escaparem às vibrações lentas do corpo humano [28].

[e] a dimensão extrafísico não é na verdade constituída de várias dimensões de níveis de densidades diferentes? Há relatos de barreiras que cercam determinados locais extrafísicos interditados a determinados espíritos por não serem eles compatíveis vibratoriamente. Espíritos desencarnados na questão 93 do livro dos espíritos [29] assinalam que em relação a eles o perispírito constitui-se matéria grosseira (isso não equivale a dizer de maior densidade?). Parece que a evolução espiritual é seguida da diminuição de densidade nos corpos que o espírito usa para se manifestar. Sendo assim, é estranho falar-se de uma densidade de matéria psi (cap. XIV item 3 de a gênese [27]).

[z] neste parágrafo dois movimentos são descritos? Matéria comum plasmando matéria espiritual e matéria espiritual plasmando matéria comum? Quando matéria comum plasma matéria espiritual? Ao que parece, a matéria espiritual (como um dos estados do fluido

cósmico universal) só é manipulável por espíritos (ver cap. XIV, itens 13, 14 e 15 de a gênese [27]).

[h] no livro profecia celestina [30], páginas 115 a 117, o personagem tem durante uma “experiência mística” a evolução do curso evolutivo da terra como o aumento sucessivo no nível de vibração da matéria, para que formas mais complexas de vida fossem possíveis. O “plano mestre” de que o livro trata pode significar a complexidade crescente da matéria psi plasmando também matéria comum de complexidade crescente.

13. NOTA DE Dr. ANDRÉ LUIZ MALVEZZI

Do Departamento de física da UFSCar e membro da reunião de estudos científicos do espiritismo, da sociedade espírita obreiros do bem - São Carlos - sp, a propósito dos experimentos de zollner.

Com relação aos fenômenos de transporte relatados no livro do zollner, notei uma preocupação quanto à integridade material da parte do objeto que é movido para a quarta (ou mesmo mais alta) dimensão. No caso da corda que é dado o nó, por exemplo. Penso que essa preocupação não procede. Ela é fruto da nossa visão tridimensional e o uso da palavra “desaparece” talvez esteja induzindo uma concepção errônea, por induzir uma idéia de “dissolução” do objeto. Para nós é como se realmente desaparecesse, mas para os espíritos que estão realizando a tarefa, a parte que “desaparece” é simplesmente “movida” para a outra dimensão. Em momento algum a integridade do objeto (em nível molecular) é comprometida. Acho que nesse tipo de problema é útil usar como exemplo o caso de 2 para 3 dimensões. Creio que vocês devam estar utilizando esse tipo de analogia com bastante freqüência, mas, mesmo correndo o risco de ser redundante, aqui vai um exemplo simples. Se a superfície de uma mesa é pensada como sendo um mundo bidimensional e um pedaço de linha é posto sobre ela com uma parte da linha cruzando sobre ela mesma formando um laço (como uma letra “e” escrita à mão) então temos um nó em duas dimensões, pois não é possível desfazer o “e” sem “levantar” a linha da mesa. Na verdade é preciso ter cuidado aqui. Com uma linha comum não é possível realizar a experiência exatamente, pois a linha vai sobrepor-se a ela mesma, o que é um evento tridimensional. Daí você pode dizer que puxando a linha isso vai desfazer o nó, o que e’ verdade. Mas se você mantiver o ponto onde as linhas se cruzam apertado contra a mesa com o dedo (tentando simular 2 dimensões) você vai ser que é difícil desfazer o “e” só puxando a linha. Bom, voltando ao

ponto principal, quando você levanta o “e” da mesa e torce a linha para desfazer o “nó bidimensional”, o nó desaparece em duas dimensões (=3d sai de sobre a mesa), mas para você que está realizando a operação a linha nunca é cortada, como pode parecer para um ser bidimensional que esteja acompanhando a operação do ponto de vista da mesa. Assim, preocupar-se com integridade da linha não faz sentido. Sobre o aquecimento creio que vocês estão no caminho certo. Também acho que é um tipo de “atrito” que a parte que foi movida para a outra dimensão sofre. Pode-se argumentar que o tempo necessário para se efetuar a operação não foi tão pequeno assim e que a distancia a qual o objeto foi movido não foi “grande”. No entanto pode ocorrer que, para mover um objeto alguns centímetros em 3 dimensões através de uma parede num período de alguns minutos, talvez ele tenha percorrido uma distancia enorme na quarta dimensão. Novamente o exemplo da mesa ajuda. Considere a seguinte situação. Pegue uma tábua de madeira de 1 centímetro de espessura, 10 metros comprimento e largura infinita (=3d muito grande). Ponha essa tábua em pé sobre a mesa com os 10 metros na vertical e a superfície da tábua formando um ângulo reto com mesa. Agora ponha um objeto sobre a mesa de um lado da tábua e junto a ela. Para um ser bidimensional na mesa, que esteja do outro lado da tábua, esta é como uma parede intransponível, pois ele não pode ver o final da tábua, o qual está a 10 metros de altura acima da mesa. Porém, o objeto está a apenas alguns centímetros dele, do outro lado tábua. Agora você é um espírito e vai fazer o objeto atravessar a parede (tábua). No momento em que você retira o objeto da mesa, ele desaparece para o ser bidimensional, mas você precisa movê-lo por sobre a tábua para baixá-lo do outro lado da mesma. Como a tábua mede 10 metros de altura você precisa movê-lo 20 metros em 3 dimensões para obter um deslocamento líquido de apenas alguns centímetros em 2 dimensões. Para que o evento ocorra num tempo razoavelmente pequeno em 2 dimensões você deverá mover o objeto bem rápido por sobre a tábua, o que pode causar atrito e daí o aquecimento. Esse exemplo também daria uma resposta para outra questão que vocês levantaram: os objetos em 3 dimensões possuem uma parte na quarta dimensão que não vemos? Segundo esse exemplo sim, pois a tábua consiste em um obstáculo intransponível em 2 dimensões e continua a ser um obstáculo considerável (se bem que transponível) em 3 dimensões.”

Agradecimentos

O autor agradece as sugestões e comentários enviados sobre a primeira versão deste trabalho, realizado em outubro de 1995, e distribuído para análise por um grupo de 12 pessoas. Dentre elas cumpre destacar as contribuições de Sylvio Dionysio de Souza, soraya Mattar (elencadas no item 12), Adilson Enio motter e adelar a. Motter. Agradece-se também a André I. Malvezzi, por autorizar a inserção da interessante nota reproduzida no item 13.

Sobre o autor

Carlos Roberto Appoloni, nascido em são paulo (sp), é doutor em física nuclear experimental pelo instituto de física da usp, com pós-doutorado pela università di Roma “la sapienza”. Desde 1976 é docente do departamento de física da universidade estadual de londrina, onde é coordenador do grupo de física nuclear aplicada. É membro do núcleo espírita universitário uel - londrina - PR

Londrina

janeiro de 1998

AFINAL, DE ONDE NOS VÊM AS IDÉIAS?

José B. Campos.

“As idéias me vêm à cabeça. É isso que me deixa maluco! De onde elas vêm?”.

Meu pai, quando era “vivo”, era católico fervoroso. Arrepiava-se todo, e até sofria calafrios, só de imaginar ver uma “alma” perto dele. Embora houvesse posto vinte delas no mundo.

Muita gente, em virtude dos dogmas humanos de suas crenças, têm o mesmo comportamento. Outros sequer se referem ao assunto, por cepticismo ou por não lhes convir. Isto, no entanto, não significa que essas pessoas sejam desprovidas de inteligência (que é uma faculdade do espírito e constitui a sua individualidade moral), trata-se, apenas, da manifestação do instinto.

“O instinto independe da inteligência?”.

- precisamente, não, por isso que o instinto é uma espécie de inteligência. É uma inteligência sem raciocínio. Por ele é que todos os seres provêm às suas necessidades. Pode-se se estabelecer uma linha de separação entre o instinto e a inteligência, isto é, precisar onde um acaba e começa a outra?

- não, porque muitas vezes se confundem. Mas, muito bem se podem distinguir os atos que decorrem do instinto dos que são da inteligência.

“O instinto é uma inteligência rudimentar, que difere da inteligência propriamente dita, em que suas manifestações são quase sempre espontâneas, ao passo que as da inteligência resultam de uma combinação e de um ato deliberado”.

O instinto varia em suas manifestações, conforme as espécies e às suas necessidades. Nos seres que têm a consciência e a percepção das coisas exteriores, ele se alia à inteligência, isto é, à vontade e à liberdade.

Esclarecem-nos, ainda, os espíritos superiores, que o instinto também pode conduzir ao bem e algumas vezes nos guia com mais segurança do que a razão, porque jamais se transvia. Enquanto, à medida que crescem as faculdades intelectuais do homem, a razão pode ser falseada pela má educação, pelo orgulho e pelo egoísmo.

Espírito é sinônimo de inteligência?

- a inteligência é um atributo essencial do espírito.

“A inteligência é atributo do princípio vital?”.

- não, pois que as plantas vivem e não pensam: só têm vida orgânica. A inteligência e a matéria são independentes, porquanto um corpo pode viver sem a inteligência. Mas, a inteligência só por meio dos órgãos materiais pode manifestar-se. Necessário é que o espírito se una à matéria animalizada para intelectualizá-la.

A inteligência é uma faculdade especial, peculiar a algumas classes de seres orgânicos e que lhes dá, com o pensamento, à vontade de atuar, a consciência de que existem e de que constituem uma individualidade cada um, assim como os meios de estabelecerem relações com o mundo exterior e de proverem às suas necessidades.

Podem distinguir-se assim: 1º, os seres inanimados, constituídos só de matéria, sem vitalidade nem inteligência: são os corpos brutos; 2º, os seres animados que não pensam, formados de matéria e dotados de vitalidade, porém, destituídos de inteligência; 3º, os seres animados pensantes, formados de matéria, dotados de vitalidade e tendo a mais um princípio inteligente que lhes outorga a faculdade de pensar.

No americano David Lynch, diretor de cinema, autor da frase em epígrafe, o instinto científicava-o de que as idéias que se lhe chegavam à cabeça tinham origem extracorpórea; a razão, ou inteligência, comprometida pela falta de esclarecimento espírita, quando questionara a procedência de tais idéias, e faltando-lhe resposta racional, levava-o à loucura. No meu pai, todavia, o dogma obliterava a razão e o instinto.

A preexistência do espírito (conseqüentemente, a reencarnação também) foi abolida do cristianismo por imposição do imperador Justiniano (acuado, ante a forte influência da esposa sobre si), no sínodo de Constantinopla (em 543), cuja decisão (3 votos contra 2) foi anexada ao v concílio ecumênico de Constantinopla II (em 553).

Um sínodo só tem valor regional, e um concílio vale para toda a igreja, por isso, foi feita a indevida anexação.

Interessante é o motivo pelo qual Justiniano intrometeu-se nos assuntos da religião, propondo um artigo de fé que fere a própria justiça divina:

Como Teodora, esposa do imperador, fora meretriz (e não, imperatriz), e aborrecida pelo fato de suas ex-colegas estarem sempre a lembrar tal honra, mandara matar quinhentos delas, provocando a revolta do povo, que passara a afirmar a necessidade da imperatriz ser assassinada em quinhentos reencarnações sucessivas, para pagar tal delito. Passando, Teodora, a odiar a doutrina da reencarnação.

Por determinação de Justiniano (que jamais fora justo), após o concílio, foram mortas mais de um milhão de pessoas (reencarnacionistas), só no oriente médio.

Ora veio a mim a palavra do senhor, dizendo: antes que eu te formasse no ventre de tua mãe te conheci, e antes que saíesses da madre de tua mãe te santifiquei e te estabeleci profeta entre as nações. 7

Jeremias narra, em seu livro, que o próprio senhor afirmara de modo absoluto a preexistência do espírito.

Ora, Samuel já havia morrido, e todo o Israel o tinha chorado, e o tinha sepultado em Ramá, que era a sua cidade. E Saul tinha desterrado as necromantes e os adivinhos (como eram denominados os médiuns).

Ajuntando-se, pois, os filisteus, vieram acampar-se em suném; Saul ajuntou também todo o Israel, e se acamparam em Gilboa.

Vendo Saul o arraial dos filisteus, temeu e estremeceu muito o seu coração. Pelo que consultou Saul ao senhor, porém o senhor não lhe respondeu, nem por sonhos, nem por Urim, nem por profetas. Então disse Saul aos seus servos: buscai uma necromante, para que eu vá a ela e a consulte. Disseram-lhe os seus servos: eis que em dor há uma mulher que é necromante.

Então Saul se disfarçou, vestindo outros trajes; e foi ele com dois homens, e chegaram de noite à casa da mulher. Disse-lhe Saul: peço-te que me adivinhes pela necromancia (mediunidade), e me faças subir aquele que eu te disser.

A mulher lhe respondeu: tu bem sabes o que Saul fez, como exterminou da terra os necromantes e os adivinhos; por que, então, me armas um laço à minha vida, para me fazeres morrer?

Saul, porém, lhe jurou pelo senhor, dizendo: como vive o senhor, nenhum castigo te sobrevirá por isso.

A mulher então lhe perguntou: quem te farei subir (comunicar-se)? Respondeu ele: faze-me subir Samuel.

Vendo, pois, a mulher a Samuel, gritou em alta voz, e falou a Saul, dizendo: por que me enganaste? Pois tu mesmo és Saul.

Ao que o rei lhe disse: não temas; que é que vês? Então a mulher respondeu a Saul: vejo um deus que vem subindo de dentro da terra.

Perguntou-lhe ele: como é a sua figura? E disse ela: vem subindo um ancião, e está envolto numa capa. Entendendo Saul que era Samuel, inclinou-se com o rosto em terra, e lhe fez reverência.

Samuel disse a Saul: por que me inquietaste, fazendo-me subir? Então disse Saul: estou muito angustiado, porque os filisteus guerreiam contra mim, e deus se tem desviado de mim, e já não me responde, nem por intermédio dos profetas nem por sonhos; por isso te chamei, para que me faças saber o que hei de fazer.

Então disse Samuel: por que, pois, me perguntas a mim, visto que o senhor se tem desviado de ti, e se tem feito teu inimigo?

O senhor te fez como por meu intermédio te disse; pois o senhor rasgou o reino da tua mão, e o deu ao teu próximo, a Davi. Porquanto não deste ouvidos à voz do senhor, e não executaste e usou o furor da sua ira contra amaleque, por isso o senhor te fez hoje isto.

E o senhor entregará também a Israel contigo na mão dos filisteus. Amanhã tu e teus filhos estareis comigo, e o senhor entregará o arraial de Israel na mão dos filisteus."8".

Esse relato, extraído da bíblia, demonstra a veracidade da sobrevivência do espírito, após o falecimento do corpo material; comprova ser possível a comunicabilidade entre os mundos espiritual e físico, por intermédio da mediunidade; e, para não restar dúvidas, Samuel (desencarnado) vaticina a morte de Saul e de seus filhos, asseverando que eles (por serem imortais) estariam naquele mesmo dia com ele (no plano espiritual). Vale ressaltar, ser esse texto bíblico muito usado pelas religiões e seitas que se opõem ao espiritismo, para condenar a mediunidade, afirmando que Saul morreu porque consultou uma médium. Quando, na verdade, Saul morreu porque não dera ouvidos à voz do senhor.

Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível dia do senhor. 9 Malaquias anuncia (mais de quatrocentos anos antes de João batista nascer) à volta do profeta Elias (falecido há mais de seis séculos antes da profecia, portanto, só poderia voltar reencarnado);

Tendo Jesus chegado às regiões de cesárea de Felipe, interrogou os seus discípulos, dizendo: quem dizem os homens ser o filho do homem?

Responderam eles: uns dizem que és João, o Batista; outros, que és Elias; outros, que jeremias, ou algum dos profetas que ressuscitou. 10

O diálogo, reproduzido acima, atesta a convicção dos judeus quanto à pluralidade das existências. Dizer é afirmar, e só se afirma àquilo que se crê.

(após a transfiguração) seus discípulos então o interrogaram desta forma: 'por que dizem os escribas ser preciso que antes volte Elias?' – Jesus lhes respondeu: 'é verdade que Elias há de vir e restabelecer todas as coisas – mas, eu vos declaro que Elias já veio e eles não o conheceram e o trataram como lhes aprouve. É assim que farão sofrer o filho do homem.' – então, seus discípulos compreenderam que fora de João Batista que ele falara. 11

Para complementar, o próprio Jesus ratifica a reencarnação do profeta Elias, na personalidade João Batista, e, ainda mais, assevera que ele virá de novo ao orbe terrestre (reencarnado, é claro!).

O espírito é um dos seres inteligentes que povoam o mundo invisível (ou mundo dos espíritos); seu corpo natural é o perispírito (numa imagem grosseira: uma espécie de vapor: mais denso se o espírito é inferior, e muito sutil quando evoluído moralmente); temporariamente utiliza um invólucro material (corpo) modelado pelo perispírito (numa figura: o laço que o prende ao corpo), inerente ao globo que vá habitar, para se esclarecer e purificar. Tanto quanto tudo em o universo obedece, também, a lei imutável de deus: a lei de evolução, voluntária ou compulsória.

Alma é o espírito encarnado, isto é, o espírito fazendo uso do veículo físico. Portanto, meu pai não deveria temê-la.

Quando se dá a desencarnação (morte do corpo), o espírito retorna à sua dimensão primitiva (o plano espiritual).

Há no homem três partes essenciais: o corpo ou ser material, análogo ao dos animais e animado pelo mesmo princípio vital; a alma (espírito encarnado) que tem no corpo a sua habitação temporária; e o princípio intermediário, ou perispírito, substância semimaterial que serve de primeiro envoltório ao espírito e liga-o ao corpo.

Desde que cessa a vida do corpo, o espírito o abandona. Antes do nascimento, ainda não há união definitiva entre o espírito e o corpo; enquanto que, depois dessa união se haver estabelecido, a morte do corpo rompe os laços que o prendem ao espírito e este o abandona. A vida orgânica pode animar um corpo sem espírito (por exemplo, as plantas), mas o espírito não pode habitar um corpo privado de vida orgânica.”12”.

Que seria o nosso corpo, se não tivesse alma?

Simple massa de carne sem inteligência, tudo o que quiserdes, exceto um homem.”13”.

A inteligência proporciona o livre-arbítrio ao espírito, ou seja, a liberdade de escolha, segundo a sua vontade, e o poder de agir por determinação própria. Sendo que, o livre-arbítrio sujeita-o à lei de causa e efeito, dando-lhe responsabilidade íntima sobre as suas decisões e as suas ações. Responderá, assim, por todo o mal que pratique e por todo o bem que deixe de fazer.

O instinto, por outro lado, orienta-o conforme a lei de conservação. Em verdade, é um acréscimo de misericórdia, do nosso pai celestial.

MAS, AFINAL, DE ONDE NOS VÊM AS IDÉIAS?

Ora, se somos espíritos, imortais, e temos reencarnado sucessivamente, adquirimos, através das várias existências, inúmeros conhecimentos científicos, filosóficos e religiosos. Mas, quando estamos reencarnados, deus, na sua misericórdia infinita, permite que esqueçamos as reencarnações anteriores, a fim de que o nosso passado delituoso não nos afete o desejo de redirmo-nos.

Havendo, como verdadeiramente há, a possibilidade do intercâmbio espiritual entre os planos de vida, é natural que recebamos conselhos dos espíritos amigos, por inspiração ou processo mediúnico.

Quando na existência corpórea, em determinadas ocasiões (durante o sono, principalmente), volvemos à dimensão espiritual e encontramos com seres simpáticos, travando diálogos acerca de assuntos que nos agrada. Os sonhos (no fenômeno de desdobramento), muitas vezes, são lembranças desses encontros.

É bom não confundirmos o fenômeno de desdobramento (emancipação da alma) com os sonhos e pesadelos, frutos de clichês mentais (imagens do dia a dia, gravadas no nosso subconsciente).

Logo, qualquer idéia que nos venha à cabeça é o despertar de recordações de nossa conversação no mundo espiritual ou experiência congênita que se nos aflora, no momento ideal.

Porém, saibamos discernir quais as idéias devemos aproveitar e pôr em prática, conscientizados de que os nossos atos refletirão, mais cedo ou mais tarde, a luz ou a sombra, da qual somos portadores.

Ademais, nossas atitudes definem qual a classe de espírito nos situamos atualmente, a de seres iluminantes, ou a de noctívagos.

Notas:

1. Questão 73, de “o livro dos espíritos”;
2. Questão 74, de “o livro dos espíritos”;
3. Comentário de Allan kardec, parte 1, cap IV, “inteligência e instinto”, de “o livro dos espíritos”;
4. Questão 24, de “o livro dos espíritos”;
5. Questão 71, de “o livro dos espíritos”;
6. Comentário de Allan kardec, questão 71, de “o livro dos espíritos”;
7. Jeremias, cap 1, vv 4 e 5;
8. Samuel, cap 28, vv 3 a 20;
9. Malaquias, cap 4, v 5;
10. Mateus, cap 16, vv 13 a 14;
11. Mateus, cap 17, vv 10 a 13;
12. Resposta à questão 136 – a, de “o livro dos espíritos”;
13. Questão 136 – b, de “o livro dos espíritos”.

CIÊNCIA E ESPIRITUALIDADE

Nubor Orlando Facure

Por mais que neguem os materialistas, a espiritualidade é um atributo que faz parte da essência do ser humano. Desde os tempos primitivos o homem percebeu que existem forças que transcendem o seu domínio e passou a respeitar, a temer e a se subjugar diante das ameaças dos fenômenos da natureza, da conjunção dos astros e da incerteza do futuro. Nasceram assim às crenças, os mitos, os deuses. As magias, os sortilégios, o misticismo, organizaram-se templos e igrejas com suas liturgias, seus sacerdotes e prosperaram as “instituições religiosas”. Neste clima vários deuses disputavam o poder e a força do verdadeiro deus.

Conquistando a razão no decurso dos milênios que a evolução lhe exigia percorrer, o homem percebia que sua experiência psíquica ultrapassava a realidade limitada pela experiência que os sentidos lhe permitia perceber. No seu íntimo, a vida transcendia a própria morte e as lembranças dos seus antepassados, que lhes pareciam visitar nos sonhos ou nas recordações, o faziam pressupor que uma vida futura deveria reunir a todos. Os séculos se sucederam sem que, no entanto o ser humano conseguisse atravessar a fronteira da morte sem temor e sobressaltos. A espiritualidade permanecia como uma conquista sempre adiada para depois, uma viagem sem volta ou uma terra que se comprava com promessas, lamentações ou indulgências.

A caminhada de Jesus pela terra traçou rumos, comprovou a imortalidade, estabeleceu a comunhão com o pai, dialogou com os espíritos e revelou os gozos da vida futura. O homem persistiu, porém, nos desvios irresponsáveis, preferindo as vantagens que a terra e as conquistas materiais o permitia possuir.

Nos dias de hoje as palavras do cristo de novo ressoam nas páginas do consolador prometido. A “pátria do evangelho” se ergueu revelando-se como o grande “portal da espiritualidade” a insistir com o homem que deus existe, que a vida continua, que somos espíritos imortais, que na casa do senhor há muitas moradas onde nossos entes queridos nos aguardam e que este mundo e o “outro” se relacionam num vai e vem de interferências múltiplas.

A mesma doutrina do cristo, agora codificada por kardec, nos expôs, ao lado dos cânticos da boa nova, a fé raciocinada, permitindo a constatação do fenômeno espiritual com os paradigmas de uma “nova ciência”.

A espiritualidade, quando avaliada cientificamente, esbarra, porem, em uma série de dificuldades. Primeiro a sua própria conceituação, depois, sua distinção com religião e misticismo.

A religião implica numa organização institucional com uma maior ou menor participação do indivíduo. Nas religiões tradicionais são prescritas crenças, dogmas, rituais, práticas litúrgicas e compromissos sociais com a instituição. A exploração da espiritualidade é historicamente uma prática comum às religiões, que se aproveitam de alguns conceitos que são compartilhados entre ambos: a relação transcendente com deus (uma “força suprema” ou uma “energia universal”) e a veneração por aquilo que é tido como sagrado.

A dimensão espiritual implícita na natureza humana é aceita por uns, mas, não por outros, e aquilo que permite alguém ter acesso a esta dimensão, não terá nenhum significado para aquele que não admite a sua existência.

Cada indivíduo pode ser caracterizado por sua religiosidade, suas crenças particulares e práticas relativas a sua religião, sem, no entanto, manterem um vínculo estreito com a espiritualidade.

A vivência espiritual comumente é uma experiência subjetiva, individual, particular, que algumas vezes pode ser compartilhada com os outros. Algumas pessoas experienciam sua espiritualidade como um assunto altamente pessoal e privado, focalizando elementos intangíveis que os suprem de vitalidade e grande significado em suas vidas. Espiritualidade não envolve religião necessariamente.

Cada pessoa define sua espiritualidade particularmente. Ela deve ser vista como um atributo do indivíduo dentro de um conceito complexo e multidimensional. Possivelmente tem alguma coisa a ver com caráter, com personalidade e com cultura.

Para uns, a espiritualidade se manifesta ou é vivenciada em um momento de ganhos materiais prazerosos tão simples como, pisar na relva descalço ou caminhar pela noite solitário, para outros, será um momento de contemplação, de meditação, uma reflexão profunda sobre o sentido da vida, uma sensação de íntima conexão com o que pensa amar ou um contacto psíquico com seres espirituais.

Podemos perceber que a espiritualidade se manifesta em três domínios pelos quais podemos sistematizar sua avaliação com critérios científicos: os domínios da “prática”, das “crenças” e o da própria “experiência espiritual”.

Na “prática”, quando se exercita a contemplação, a meditação, a prece ou uma atividade de culto religioso.

O domínio das “crenças” espirituais varia com a cultura dos povos e inclui a crença na existência de deus, da alma, da vida após a morte e da realidade da dimensão espiritual para além do nosso conhecimento sensorial e intelectual.

Por fim, no domínio da “experiência espiritual” há uma série enorme de situações que parecem sugerir contacto direto com a espiritualidade. Incluem-se aqui, por exemplo, aquelas vivências rotineiras, representadas pelo encontro íntimo e pessoal que cada um faz com o transcendente e o sagrado e aqueles outros quadros freqüentemente mais dramáticos, quase sempre súbitos, acompanhados de forte transformação pessoal que se seguem a um acontecimento psíquico marcante na vida. Mais significativas ainda incluem-se, entre outros, os relatos de experiências de quase morte (near death experience) e as projeções fora do corpo físico (out of body experience) nos quais, o indivíduo transita com sua consciência por outras dimensões, vivenciando a plenitude da vida espiritual.

No Brasil, podemos afirmar que, em termos de “experiência espiritual”, nada supera a mediunidade. Entre nós, parece que a espiritualidade convive dentro de casa dirigindo cada passo de nossas vidas. Pelos nossos médiuns os recados do outro lado tem sido tão freqüentes que as portas da morte não isolam mais nosso contacto com os que mais amamos.

Estamos diante de um “campo de experimentação” extraordinário onde é corriqueira a comprovação da intercomunicação entre nós e o “outro lado da vida”. Qualquer cientista sem preconceito pode sistematizar suas observações dentro dos três domínios que apresentamos para a análise da espiritualidade e confirmar que na “prática”, nas crenças “e nas” experiências espirituais “nos seus vários matizes, a espiritualidade toda se manifesta, revelando a centelha divina e imortal que habita em todos nós”.

CIENTISTAS ENCONTRAM A ALMA

Carlos de Brito Imbassahy

Foi nos idos ano de 44/45, meses antes de terminar a II grande guerra que se teve notícia de que cientistas italianos, financiados pelos nazistas, estavam fazendo um estudo, à época, conhecido como bebê de proveta.

Do estrondoso noticiário veiculado naquela ocasião, o que se pôde deduzir é que eles haviam chegado à conclusão de que, referindo-se a mulheres sadias, essas só se

apresentavam férteis se estivessem dotadas de um campo de energia atuante em seu ventre. Campo esse que acompanhava o feto ao nascer.

Isso justificava o motivo pelo qual algumas senhoras tivessem apenas um ou dois filhos e não mais engravidassem, embora acompanhados do mesmo parceiro, sem resguardos nem preocupações específicas para evitar a gravidez.

Na época, a física dava início a um profundo estudo sobre campos de energia e estava em voga suas pesquisas, por interesses bélicos, até.

Desenvolvendo suas pesquisas, os italianos conseguiram descobrir que, se mudassem as frequências do campo térmico, conseguiriam chocar ovos de galinhas recém-postos em pouco mais de 48 horas, sem necessidade dos 21 dias tradicionais.

Assim, tudo indica que eles idealizaram a possibilidade de criar, em torno de uma proveta, um campo semelhante ao detectado no ventre materno e, desse modo, inserindo um óvulo e os genes masculinos, obteriam um bebê fabricado na proveta, como se aquele campo artificial pudesse dispor das condições de vida espiritual para animar um ser humano.

É claro que, sendo eles materialistas, achavam que quaisquer campos artificiais, iguais ao que a futura mãe possuía, fosse capaz de gerar o feto.

Logo em seguida, a guerra terminou. Livre do jugo nazista e independente dele, a Itália voltou a ser um país como dantes. Aproveitou-se disso o papa Eugênio Pacelli (pio XII) para proibir tais pesquisas, sob a premissa de que feriam as leis da criação, ou coisa que o valha. E ninguém mais soube a que conclusões chegaram os experimentadores.

Passam-se os tempos. Trinta anos após, os suecos conseguem armar um espectrógrafo, aparelho comum em nossas cti e uti, capaz de detectar a presença de um campo energético no paciente moribundo, campo esse que abandonava o corpo do mesmo no ato do trespasse, deram-lhe o nome de alma. Ou melhor, atribuíram ao referido campo a concepção que se tinha de alma.

Acoplaram um dinamômetro à aparelhagem e conseguiram medir, por diferença de peso, que a pessoa viva, no ato da morte, ao perder esse campo, também perdia o equivalente a 22g de ação de energia. Esta experiência é conhecida como a pesagem da alma.

Concluíram, assim, que a dita alma é que dava condição de vida ao organismo, dotando seu corpo somático de personalidade e que, sem ela, tal corpo vira cadáver, apesar de suas células continuarem vivas. Logo, não seriam essas células orgânicas as responsáveis pelo princípio vital daquele organismo. Muito ao contrário, elas perdiam sua vitalidade, gradativamente, com o afastamento do aludido campo dito alma.

Dando prosseguimento aos estudos suecos, Harold Saxton Burr conseguiu aperfeiçoar o espectrógrafo de suas pesquisas a ponto de obter resultados específicos a esse campo, dito alma, e que ele intitulou de life's field (campo de vida). Aliás, nome este dado ao seu livro sobre o tema.

O que poderíamos nós deduzir disso tudo?

Primeiramente, à luz dos estudos de kardec, concluiríamos que o campo detectado pelos italianos, atuando no ventre materno, provavelmente correspondesse ao perispírito do ser encarnante ou esperando oportunidade para se encarnar.

Justifica-se tal hipótese porque ele acompanha o feto e não mais continua ativo no ventre materno.

Posteriormente, os suecos detectam esse campo, provavelmente o mesmo, já que da pesquisa italiana nada restou. Ele dota o organismo humano de vida e de personalidade, portanto, representa, sem dúvida, a alma ou parte do espírito encarnado do indivíduo, pois, ao se afastar do corpo, abandonando-o, dita-lhe a morte (ou desencarnação).

As mesmas células orgânicas de que dispunha o organismo humano continuam vivas, porém, perdem sua principal característica, definindo e transformando o corpo em cadáver, esvaindo-se assim, o princípio vital.

Pode-se, portanto, concluir que o primeiro passo científico para a comprovação da existência da alma foi dado e que nada, até então, contraria a tese espírita reencarnatória.

Bibliografia de pesquisas científicas de fenômenos espíritas

Luiz Otávio Saraiva Ferreira

Campinas - sp – Brasil

Junho de 1995.

Este texto tem os seus direitos autorais protegidos por registro no escritório de direitos autorais da fundação biblioteca nacional do ministério da cultura da república federativa do Brasil sob o nº de registro 99.301, no livro 141, folha 358.

O autor autoriza a reprodução deste texto desde que seja citada a fonte (título do trabalho, autor e veículo de divulgação), e desde que a reprodução seja para uso estritamente pessoal.

Resumo - uma bibliografia de quase 400 publicações que abrange os fenômenos espíritas, a história de suas descobertas e as pesquisas científicas realizadas com o fim de se entendê-los e se criar uma teoria para explicá-los. Esse catálogo de obras permite ao interessado na investigação científica dos fenômenos espíritas ter contato com os principais trabalhos realizados na área, e visa atender especificamente aos pesquisadores interessados na hipótese do espírito. As informações foram classificadas conforme os seguintes títulos:

- Introdução
- O que é ciência
- Revisão histórica
- Do magnetismo animal ao hipnotismo
- Do magnetismo animal ao espiritismo
- O período espírico
- O início do período científico
- A “psychical research”
- A metapsíquica
- A metapsíquica e a psicanálise
- As comissões de investigação
- A parapsicologia
- A psicotrônica
- A psicobiofísicas
- Pesquisas do obe (experiência fora-do-corpo)
- Pesquisas de nde (experiência de quase-morte)
- Pesquisas de reencarnação
- Pesquisas de evp (fenômeno das vozes eletrônicas)
- Pesquisas espíritas da atualidade
- Conclusão
- Referências bibliográficas

- Bibliografia

Agradecimentos - este trabalho foi possível graças às preciosas fontes bibliográficas cedidas pelo Dr. Hernani Guimarães Andrade e prof.a. Suzuko Hashizume, do instituto brasileiro de pesquisas psicobiofísicas, e pelo eng.o. Alcivan Wanderley de Miranda do instituto labor, e pelo prof. Dr. Aécio pereira chagas.

Introdução

Nos tópicos seguintes são descritos o objetivo e o escopo, I.E., a abrangência deste trabalho.

Objetivo

Desde o episódio de hydesville, em 1848, que a quase totalidade das pesquisas dos fenômenos espíritas gira em torno de um único ponto: a comprovação da existência dos fenômenos. E cada nova geração de pesquisadores insiste em renegar as conclusões da geração anterior para recomeçar da estaca-zero, com as mesmas indagações, de vez que sempre se chega ao beco-sem-saida de ter-se que admitir a existência do espírito. E como o dogma materialista não pode ser contrariado, tem-se que renegar tudo para recomeçar sempre.

É necessária a idéia do espírito para se romper esse círculo vicioso, e o Brasil é o único país do ocidente em condições de, atualmente, rompê-lo, de vez que conta com milhões de adeptos do espiritismo, dentre os quais muitos pesquisadores profissionais, para os quais o espiritualismo é o ponto de partida para suas interrogações à natureza, e para os quais a teoria espírita elaborada por kardec e a convivência com os fenômenos espíritas já ensinaram muito do que é necessário saber-se, na prática, para a boa condução desse tipo de pesquisa.

Toda pesquisa científica tem que se iniciar por uma pesquisa bibliográfica, a fim de que se saiba o que já foi feito e, a partir daí, critique-se o estabelecido, proponham-se alternativas, e se crie algo de novo. Para facilitar esse primeiro passo das pesquisas é que este trabalho

apresenta ao leitor, inicialmente, as modernas conceituações de ciência, e em seguida uma ampla bibliografia.

Escopo

Inicialmente são apresentadas as modernas conceituações de ciência, de vez que os conceitos de ciência mais difundidos e aceitos na sociedade em geral e mesmo na comunidade científica são inteiramente ultrapassados. Em seguida vem uma resenha bibliográfica das pesquisas de fenômenos espíritas que cobre o período que se inicia no ano 1779, com o trabalho de mesmer, passa pelo surgimento do espiritismo a partir das pesquisas de kardec; pelo período das pesquisas espíricas iniciado por William Crookes em 1870; pela metapsíquica de Charles richet no início do século XX; pela parapsicologia de rhine, criada em 1934; pela psicotrônica, criada nos antigos países comunistas depois de 1945; pela psicobiofísicas de Andrade, criada em 1958; pelas pesquisas sobre reencarnação, vozes eletrônicas, e viagens astrais; e termina com as recentes pesquisas espíritas de tourinho e de Miranda. São citados os pesquisadores e instituições cujas produções são importantes para o conhecimento da fenomenologia espírita, bem como as teorias e hipóteses sobre os mecanismos naturais que os produzem.

Breves resumos dos assuntos tratados nas referências são apresentados nos diversos tópicos deste trabalho, para facilitar a busca da literatura citada, na qual podem ser achadas as informações detalhadas.

O que é ciência?

Há um grande desconhecimento, mesmo no seio da comunidade científica, do que seja realmente ciência. O conceito de ciência foi sendo refinado ao longo do tempo a partir do século XVII, quando começou a surgir o que hoje se entende por ciência, e a grande maioria dos membros da comunidade científica ainda se encontra apegado a conceitos inteiramente ultrapassados pelas modernas pesquisas da história da ciência e da filosofia da ciência.

Esclarecedora literatura a esse respeito foi produzida pelo químico brasileiro Aécio p. Chagas, destacando-se os seguintes artigos: 1) artigo [67] em que passa em revista a história e a conceituação de ciência, esclarecendo seu caráter de obra coletiva (ciência comunidade), o conceito de filosofia da ciência, os objetivos da ciência, os mitos sobre a

ciência, a idéia de “ciência oficial”, o caráter científico da obra de kardec, o lugar da ciência no conhecimento humano, e a relação entre a ciência E o espiritismo; 2) o artigo [68] intitulado “espiritismo: ciência da mediunidade”, em que aborda o caráter científico da obra de kardec, o estudo das religiões sob o ponto de vista espiritista, a contribuição da visão espírita da natureza para as ciências humanas, e procura desmistificar a relação entre o espiritismo e as outras ciências; 3) os artigos [70,78] em que aborda (e desmistifica) a questão das provas científicas da sobrevivência do espírito, as quais não necessitam da chancela das outras ciências assim como, por exemplo, a química não precisa da chancela da física para suas teorias e vice-versa; (e 4) o artigo [71] em que a relação entre o espiritismo e a comunidade acadêmica é analisada sob os pontos de vista histórico, social e filosófico, cogitando sobre a possibilidade de se fazerem pesquisas espíritas na comunidade acadêmica (universidades e institutos de pesquisas).

Igualmente esclarecedora literatura foi produzida pelo físico e filósofo brasileiro Chibeni, destacando-se os seguintes artigos: 1) artigo [72] em que apresenta a visão clássica da ciência, a visão moderna de ciência sob os pontos-de-vista de Popper [256], Kuhn [257] e lakatos [258,259], a análise do caráter científico do espiritismo e a comparação do espiritismo com outras linhas de pesquisa que estudam os fenômenos espíritas, 2) artigos [73,74] em que apresenta a visão de ciência de lakatos e analisa o espiritismo, concluindo que este “possui todas as características de um programa de pesquisa progressivo, sendo, portanto, genuinamente científico, segundo o critério de” lakatos, e nitidamente superior às assim chamadas “ciências psi”, que são baseadas no positivismo, que é uma visão superada de ciência, 3) artigo [75] em que apresenta a visão de ciência do filósofo Kuhn, a compara com as visões anteriores e apresenta argumentos que mostram que a doutrina espírita é genuinamente Científica, constituindo um paradigma científico no sentido apontado por Kuhn. Nesse trabalho chibeni afirma: “a obra de kardec constitui um genuíno paradigma científico, e esse paradigma representa, até hoje, a única diretriz segura ao longo da qual se podem desenvolver pesquisas científicas acerca dos fenômenos espíritas e do aspecto espiritual do ser humano em geral.

Revisão histórica

Boas referências históricas sobre a fenomenologia espírita são conan doyle [1], richet [80], René Sudre [3], wantuil [4], a série de 27 artigos de H. G. Andrade sob o pseudônimo de

Goldstein [13,..., 39], intitulados coletivamente de “parapsicologia - uma visão panorâmica”, e Miranda [5].

Do magnetismo animal ao hipnotismo

Mesmer [3, 5,15] foi um médico austríaco que, em 1779, publicou uma memória [84] defendendo a existência de um “fluido universal”, o qual poderia ser utilizado na cura de doenças. Experimentou tratamentos com imãs (magnetos), mas concluiu que o próprio corpo humano emanava forças mais poderosas que as do imã, as quais denominou então de “magnetismo animal”. Teve como seguidor o marquês de puysegur [3, 5,16] que, ao experimentar magnetizar camponeses, descobriu o sonambulismo experimental [85, 86,87], em que os pacientes sob transe induzido apresentavam telepatia, visão com as pontas dos dedos, clarividência e outros fenômenos. Puysegur, por sua vez, fez numerosos discípulos. Embora durante certo tempo rejeitada pelas academias científicas, no início do século XIX a doutrina do “magnetismo animal” estava muito difundida na Europa, sendo natural que o fenômeno das mesas girantes, surgido em torno de 1850, nos EUA, e logo repetido no continente europeu, fosse classificado como uma nova propriedade do magnetismo animal. Os pacientes submetidos aos “passes magnéticos” às vezes entravam em estados de sono de profundidade variável, chamados de “sono magnético” ou “estados magnéticos”. Foi um dos discípulos do marquês de Puysegur, o abade Faria [5] (José Custódio de Faria), que assentou as bases da interpretação científica do magnetismo [88], tendo sido ainda um dos primeiros a experimentar o uso de sugestões verbais na manipulação magnética dos pacientes.

O magnetismo animal teve boa acolhida na Alemanha, onde merecem destaque as pesquisas do Dr. Justinus Kerner, que estudou a vidente de Prevorst [102] (a famosa médium sonâmbula Frédérique Hauffe), cujos fenômenos de efeitos físicos testemunhou em companhia de Strauss e do magistrado Pfaffen [4]; as pesquisas do químico austríaco Reichenbach [93,..., 96] sobre a visão das auras dos imãs, cristais e corpo humano pelos sensitivos (entre 1845 e 1868); e as memórias publicadas por Schopenhauer [97,98].

É atribuído ao médico francês Alexandre Bertrand [89,90], que publicou seu primeiro livro a respeito em 1823, à descoberta da importância da sugestão no transe induzido.

Coube ao cirurgião inglês James Braid [3,16], no ano 1841, após estudar os fenômenos do magnetismo, dar-lhes uma conceituação científica e fisiológica, criando o hipnotismo [83] e

sua terminologia, que é a mesma utilizada atualmente. Segundo a nova teoria, tudo se devia à imaginação do paciente agindo sobre seu sistema nervoso (hipótese animista), rejeitando-se então a hipótese dos fluidos (hipótese fluidista).

Estava assim criada a divisão entre fluidistas e animistas, que perdura até nossos dias.

Dessa época em diante a interpretação fisiológica do hipnotismo predominou, embora dentre os fenômenos atribuídos ao magnetismo animal ou ao hipnotismo estejam alguns que mais tarde foram reconhecidos como fenômenos paranormais, como, por exemplo, a telepatia [18], para o qual não há explicação nem fisiológica nem física [19].

Durand de Gros [3, 99,100] foi o primeiro a perceber a diferença entre o mesmerismo, o hipnotismo e a sugestão.

Do magnetismo animal ao espiritismo

As experiências com magnetismo animal e hipnotismo levavam os pesquisadores a depararem-se freqüentemente com fenômenos que extrapolavam os domínios dessas disciplinas (telepatia, visão com as pontas dos dedos, clarividência e outros), os quais suscitavam, dentre outras, a hipótese do espírito como explicação. Entre outros casos bem documentados que extrapolam as explicações do magnetismo animal e do hipnotismo, são citados abaixo os de Swedenborg, dos shakers, de Andrew Jackson Davis e o episódio de hydesville, o qual colocou a hipótese do espírito em pauta definitivamente.

Swedenborg

Vidente sueco [1,3], que teve suas faculdades despertadas em 1744, em Londres, aos 25 anos. Foi um grande engenheiro de minas, uma autoridade em metalurgia, brilhante engenheiro militar, autoridade em física e em astronomia. Foi também zoologista, anatomista, financista e político. Conhecia profundamente a bíblia. Escreveu várias obras [104, 105,106], em que misturam narrativas de suas experiências mediúnicas, especialmente desdobramentos, a interpretações teológicas dessas mesmas experiências. Sob sua influência criou-se a nova igreja, a qual, segundo Conan Doyle [1], “converteu-se em elemento negativo, em vez de ocupar o seu verdadeiro lugar como fonte e origem do conhecimento psíquico”.

Os “shakers”

À mesma época, grupos “shakers” (refugiados religiosos da Inglaterra) se estabeleceram em comunidades nos EUA. Cultivavam o mediunismo, que chegou a manifestar-se em forma de transe coletivos durante sete anos consecutivos, após os quais os entes manifestantes, que se afirmavam espíritos, retiraram-se afirmando que retornariam em breve e então invadiria o mundo, entrando tanto nas choupanas quanto nos palácios. Suas experiências foram descritas em vários livros e artigos [109, 110, 111, 112,113].

ANDREW JACKSON DAVIS

Grandes médiuns videntes, clarividentes, audiente, clariaudiente, psicógrafo e psicofônico [1]. Quando submetido a transe magnéticos ditou mais de 30 livros, intitulados coletivamente de filosofia harmônica e de revelações divinas da natureza, que tiveram grande impacto nos EUA. Em transe apresentava o fenômeno de xenoglossia, embora fosse de parca instrução, e previu [107], antes de 1856, detalhes do automóvel e da máquina de escrever, que seriam inventados várias décadas depois. Previu, em 1847, o aparecimento do espiritismo [108], o que se daria no ano seguinte com o episódio de Hydesville.

O período espiritualista

Esse período vai do episódio de Hydesville (1848) até as primeiras pesquisas de Sir William Crookes (1870), sendo a discussão da hipótese do espírito sua temática central, porém sem maiores envolvimento da ciência oficial.

O episódio de Hydesville

O dia 31 de março de 1848 é o marco inicial do espiritualismo moderno, conforme narrado por Conan Doyle [1]. A família Fox, de Hydesville, estado de Nova York, EUA, teve um caso de “poltergeist”, que culminou com um diálogo através de pancadas entre a filha mais nova, Kate, de onze anos, e uma inteligência que se dizia o espírito de um caixeiro-viajante (cujos despojos foram encontrados apenas em 1904[114]), que teria sido assassinado pelos

antigos moradores da casa. Os fenômenos continuaram mesmo em presença de uma multidão de curiosos. Ocorreu assim a primeira manifestação pública de diálogo com os espíritos. Deflagrou-se uma onda de manifestações espíritas espontâneas e provocadas, que se espalhou inicialmente pelos Estados Unidos, e extravasou-se para a Europa e demais Américas. Tamanha foi sua repercussão que suscitaram as primeiras pesquisas de cientistas sobre fenômenos paranormais, feitas na universidade de búffalo em 1851[131]. Concluíram eles pela fraude (estalos do joelho) das irmãs fox. Esse resultado foi contestado por outros pesquisadores [1], de vez que as irmãs já haviam sido submetidas a inúmeras comissões de investigação. Os jornais das cidades de rochester e de nova York, daquela época, são fartos em artigos sobre esse episódio e outros que o sucederam, instaurando o modern spiritualism nos eua. Elder Evans e outro “shaker” foram visitar as irmãs fox em rochester tão logo tomaram conhecimento das manifestações espíritas ocorridas com elas, e foram saudados entusiasticamente pelas forças invisíveis, que diziam que aquilo era o trabalho que tinha sido predito aos “shakers” quatro anos antes [1].

As mesas girantes

Segundo Wantuil [4], em fins de 1850 os próprios espíritos sugeriram, através das batidas em código, que os experimentadores se colocassem ao redor de uma mesa, apoiando as mãos sobre ela e, ao ser proferida a letra do alfabeto adequada, a mesa levantaria um dos pés e daria uma pancada, formando-se letra-a-letra as mensagens que os espíritos queriam transmitir. Estava estabelecido assim o fenômeno das mesas girantes, que logo se popularizou nos eua e, atravessando o atlântico, tornou-se o brinquedo noturno da moda nos salões europeus.

Deve-se esclarecer que o fenômeno das mesas girantes era conhecido nas antiguidades grego [81] e romana [82], embora tivessem caído no esquecimento posteriormente.

Os fenômenos espíritas, de tão paradoxais, fizeram que a maioria dos cientistas que os estudaram se concentrassem na comprovação da existência, ao invés de procurarem descobrir os mecanismos naturais que os produziam.

Em meio a um clima de enorme desconfiança e, segundo conan doyle [1], sem qualquer conhecimento dos perigos e desgastes a que estavam se submetendo, kate e Margareth Fox, as médiuns através das quais foi iniciada a onda de fenômenos espíritas, fizeram, a conselho das inteligências que se comunicavam através delas, demonstrações públicas nos

eua durante mais de vinte anos. Em 1871 Kate foi a Londres, sendo aí submetida a testes por dentre outros, sir William Crookes, o famoso químico descobridor do tálio e do tubo de raios catódicos. Há relatos de que nessa época chegou a produzir materializações luminosas. Margareth e Leah (a irmã mais velha) juntaram-se há ela pouco tempo depois. Tantas foram às pressões psicológicas sobre Margareth e Kate que suas faculdades entraram em declínio por causa de alcoolismo, e elas morreram no início da década de 1890. Digno de nota é o livro de Leah Fox, que se revelou à única das três a compreender as importantes implicações filosóficas e morais, para a humanidade, dos fenômenos com que lidavam [133].

As mesas girantes nos Estados Unidos

Em janeiro de 1851 o famoso jurista John Worth Edmonds, ex-senador, ex-juiz do supremo tribunal de New York, materialista confesso, declara-se convencido da realidade do espírito [116], após haver presenciado os mais diversos fenômenos de efeitos físicos e de efeitos intelectuais produzidos sob o mais rigoroso controle. O anúncio de sua conversão abalou profundamente a opinião pública norte-americana [4,113].

Aproximadamente à mesma época o ex-governador do Wisconsin e senador n.p. Tallmadge, dentre outros homens célebres dos EUA, também declarou publicamente sua adesão ao espiritualismo, em função das provas experimentais da sobrevivência obtidas [4,113].

Em 1852 os professores W. Bryant, B.K. Bliss, W. Edwards, e David A. Wells, da universidade de Harvard, após escrupulosos experimentos, publicaram um manifesto em apoio à autenticidade do fenômeno de levitação de mesas [4,130].

O primeiro presidente da universidade de Cleveland, Rev. Mahan [134], sustentou a tese do fluido magnético para explicar os novos fenômenos, e o Dr. Robert Hare - professor de química da universidade de Pensilvânia, fez uma série de experiências com fenômenos espíritas, iniciando com os métodos e aparelhos relatados por Faraday em seu relatório à sociedade dialética de Londres, e em seguida desenvolvendo seus próprios métodos e aparelhos, com o que se convenceu da realidade dos fenômenos em questão. Em 1853 publicou um livro relatando suas experiências e conclusões [135], as quais apontavam a existência dos espíritos como causa dos tais fenômenos. Por isso foi praticamente obrigado a renunciar à sua cátedra na universidade de Pensilvânia, e sofreu perseguições da associação científica americana e de professores da universidade de Harvard [1].

Além dos principais jornais norte-americanos, uma interessante fonte de consulta sobre fatos da época é o periódico “spiritual telegraph” [115], primeiro jornal espiritista do mundo. Tamanho interesse tinha despertado os fenômenos espíritas nos EUA, que alguns médiuns atravessaram o Atlântico e levaram as mesas girantes para a Inglaterra, onde logo o fenômeno era assunto de todas as rodas.

As mesas girantes na Inglaterra

Os primeiros médiuns americanos desembarcaram na Inglaterra em 1852, levando para lá os novos fenômenos [1,4], que a essa altura incluíam, além das batidas, as materializações, levitações, escrita direta, voz direta, psicografia, psicofonia, vidência, clarividência e outros. Foram feitas pesquisas pelo célebre matemático e filósofo professor de Morgan [136], que concluiu pela veracidade dos fenômenos. Faraday realizou pesquisas sobre as mesas girantes [137], concluindo que tudo se devia a movimentos inconscientes dos médiuns, embora houvesse casos registrados de movimentos das mesas sem contato dos médiuns, conforme réplica do marquês de Mirville [119] a Faraday. O assunto não mereceu maiores envolvimento da ciência até 1869, quando foi nomeada uma comissão pela sociedade dialética de Londres.

As mesas girantes na Alemanha

O Dr. Kerner, que já havia estudado a vidente de Prevorst, publicou um livro sobre as mesas girantes [103], e uma comissão de renomados professores da universidade de Heidelberg, composta por Karl Mittermaier, Henrich Zoepfl, Robert Von Mohl, Renaud, Vangerow, Carl Von Eschemayer, Joseph Ennemoser, o Dr. Justinus Kerner, e o Dr. Loewe também pesquisou o fenômeno das mesas girantes, publicando um relatório a respeito [4, 117,118]. As experiências com o fenômeno das mesas girantes na Alemanha logo ganharam espaço na imprensa francesa, estimulando a divulgação do fenômeno naquele país [4].

As mesas girantes na França

Segundo Wantuil [4], o marquês de Mirville [118], literato Eugène Nus [120], e o conde de Gasparin [137] historicam a chegada do fenômeno das mesas girantes à França, em 1853.

Mirville defendia a realidade dos fenômenos e exigia o pronunciamento da ciência sobre eles. O químico Michel Chevrel, em resposta a Mirville, em nome da Academia de Ciências de Paris, publicou um livro [121] em que explicava os fenômenos da vara divinatória, do pêndulo e das mesas girantes como frutos ou da charlatanice ou de movimentos inconscientes dos operadores, no que foi imediatamente refutado por Mirville [119], por Gasparin [137], e pelo Dr. Louis Figuier [122], os quais apontaram no trabalho de Chevrel, além de graves falhas metodológicas e de argumentação, a omissão de fatos comprovados. Era opinião corrente na época que as mesas girantes poderiam ser explicadas pelo magnetismo animal, mas o magnetismo animal não era bem visto pelas academias científicas, estabelecendo-se calorosa contenda entre os magnetistas e seus adversários. O fenômeno das mesas girantes veio confundir ainda mais os debates, pois suscitava a interpretação de que por trás dele haveria a existência de espíritos, o que chocava tanto as mentes que tinham os espíritos como credíes populares quanto as que os tinham como coisas demoníacas.

Alguns periódicos franceses da época são também importantes fontes bibliográficas sobre os fenômenos do magnetismo animal, sonambulismo, e espiritismo [124, 125, 126, 127, 128, 129].

Surgimento do Espiritismo

O educador francês Hippolyte Léon Denizard Rivail, mais conhecido pelo pseudônimo de Allan Kardec, iniciou estudos dos fenômenos das mesas girantes, escrita automática e outros, aplicando-lhes o método científico. O primeiro fruto dessas investigações foi “o livro dos espíritos”, em que a interpretação dos fenômenos observados o leva à conclusão da existência e comunicação dos espíritos. Deve-se a ele a criação das palavras “médium”, “mediunidade”, e “espiritismo”, dentre outras. Nota-se em sua obra uma grande influência da idéia do magnetismo animal. Fundou em 1858 e dirigiu a “revue spirite”, que foi importante fórum de debates sobre a fenomenologia, filosofia e religião espíritas. O mais antigo tratado específico sobre mediunidade foi lançado pelo mesmo autor em 1861 sob o título de “o livro dos médiuns”. Kardec foi classificado por Charles Richet como o mais influente personagem, entre os anos de 1847 e 1871, na ciência do paranormal. Maiores detalhes biográficos podem ser encontrados na biografia elaborada por Wantuil [6].

(obs: os termos entre parênteses nos dois parágrafos abaixo são acréscimos aos textos originais a título de esclarecimento ao leitor).

Na atualidade a obra de kardec foi profundamente analisada pelo físico e filósofo da ciência Sílvio S. Chibeni, que em recente artigo [75] assim se expressou: (kardec) “nos legou um paradigma (científico) admiravelmente coerente, abrangente, empiricamente adequado e heurísticamente fértil, que não deixa nada a desejar aos mais bem sucedidos paradigmas das ciências ordinárias, como a termodinâmica, o eletromagnetismo, as teorias da relatividade, a mecânica quântica, etc”. Mais adiante, no mesmo artigo, chibeni faz um admiravelmente sucinto resumo da obra de kardec:

“Como uma indicação geral e aproximada, podemos dizer que o livro dos espíritos [7], estabeleceu a ontologia e os princípios teóricos básicos (do espiritismo); o livro dos médiuns [8] e a segunda parte de o céu e o inferno [10] efetuaram a conexão com a base experimental; o evangelho segundo o espiritismo [9] e a primeira parte de o céu e o inferno exploraram as repercussões filosóficas do paradigma (espírita) no campo da ética; a gênese, os milagres e as predições segundo o espiritismo [11] e ensaios diversos nas obras póstumas [12] e na (revue spirit) revista espírita [123] aprofundaram vários pontos da teoria (espírita), sendo que a revista constitui também valioso repositório de relatos experimentais”. Para concluir, pode-se afirmar, com base nos trabalhos de Chagas [67,71] e Chibeni [72,75], que até hoje não surgiu uma teoria dos fenômenos espíritas mais sólida, estável, abrangente e bem sucedida que a de kardec, a qual é a única a atender aos mais modernos e exigentes conceitos de cientificidade.

O início do período científico

Esse período inicia-se com as primeiras pesquisas de sir William Crookes (1870) e vai até a atualidade, caracterizando-se pela visão positivista de ciência que esterilizou todos os esforços realizados.

A psychical research

Denomina-se de psychical research à linha de pesquisas iniciada pela society for psychical research, linha essa de caráter nitidamente positivista.

O debate entre magnetistas, sugestionistas e espiritistas não teve grandes novidades até por volta de 1870, quando a sociedade dialética de Londres nomeou uma comissão de estudo dos fenômenos espíritas, que trabalhou nos anos 1869-71. Segundo Conan Doyle [1], era composta de 34 membros, tinha como tema “investigar os fenômenos tidos como manifestações espíritas”, e concluiu que “o assunto era digno de maior atenção e cuidadosa investigação do que tinha recebido até então”. A sociedade recebeu muito mal essas conclusões, e recusou-se a publicar o relatório, o qual foi publicado às custas da própria comissão [138].

De sua fundação participaram os principais nomes da ciência ingleses interessados na investigação desses fenômenos.

Em 1882, por causa da recusa sistemática da sociedade dialética em investigar os fenômenos então designados por mesmerismo, psiquismo e espiritismo, foi fundada uma nova sociedade com esse propósito específico, por iniciativa de Sir William Barrett, com a denominação de Society for Psychical Research. Sua produção científica está registrada nos “proceedings”. Foi literalmente dominada pelos materialistas, os quais na sua maioria negavam “a priori” a possibilidade do espírito como causa dos fenômenos e, por isso, distorciam (intencionalmente ou não) os resultados das investigações realizadas e faziam uma permanente obstrução das pesquisas que tendessem a demonstrar a existência do espírito. Por outro lado deve-se ressaltar que formou um grande acervo de estudos de casos de telepatia [144, 155, 157, 160, 170, 171], sugestão e hipnotismo [161, 178], clarividência [172], psicografia [195], fantasmas dos vivos [162], fantasmas dos mortos [163, 164], e assombrações [196]. Alguns dos seus membros, isoladamente, renderam-se às evidências do espírito em face dos fenômenos observados, especialmente fenômenos de materialização (na investigação de Eusapia Palladino pelo Dr. Hereward Carrington [188]), mas também pela psicografia e psicofonia (na investigação de Mrs. Piper pelo Prof. Hyslop [197]).

As experiências de correspondência cruzada (mensagens inter-relacionadas psicografadas por médiuns diferentes em locais diferentes) forneceram excelentes evidências da sobrevivência do espírito, e são bem relatados, dentre outros, por Mrs. Johnson [184] e por Charles Richet [199].

AS INVESTIGAÇÕES DE SIR WILLIAM CROOKES

Crookes iniciou estudando os fenômenos espíritas produzidos por D. D. Home [140], que já havia sido estudado por Lord Adare [139]. Dentre outros fenômenos, crookes (um famoso químico e físico inglês) estudou em laboratório, a partir de 1870, através da mediunidade de Florence Cook, a materialização de espíritos. Crookes publicou os resultados de suas pesquisas (inclusive várias fotografias das materializações [64]) em 1874, enfrentando grandes perseguições por causa de sua conclusão favorável à origem espírita dos fenômenos [141,142].

AS INVESTIGAÇÕES DO Dr. ALFRED RUSSEL WALLACE

O famoso naturalista Dr. Alfred Russel Wallace também fez investigações sobre os fenômenos espíritas [143], e igualmente concluiu pela origem espírita dos mesmos, padecendo também perseguições por isso.

AS INVESTIGAÇÕES DO PROFESSOR WILLIAM BARRETT

William Barrett apresentou estudo dos fenômenos espíritas à associação britânica para o progresso da ciência em 1876[356] e declarou publicamente seu apoio à hipótese espírita.

AS INVESTIGAÇÕES DE LORD RAYLEIGH E DO PROFESSOR DE MORGAN

Famosos matemáticos ingleses Lord Rayleigh [146] e Professor De Morgan [136], igualmente investigaram os fenômenos espíritas e declararam publicamente suas conclusões favoráveis à hipótese espírita.

Fotografias Espíritas

Outro interessante fenômeno estudado nesse período é o das fotografias das aparições de espíritos produzidas na presença de médiuns especialmente dotados. As aparições não são visíveis a olho nú, aparecendo apenas nas fotografias. Um relato interessante é encontrado

num livro autobiográfico do médium William h. Mumler, de Boston (EUA) [212]. O Dr. Alfred Russel Wallace também relata experiências com fotografias espíritas [213].

Pesquisas sobre telepatia e sugestão

Sobre esse assunto pesquisaram, entre outros, Lodge [155,156], Thaw [170], Sidgwick [159, 171,180], Backman [172], ochorowicz [173], Dessoir [176], Schernck-Notzing [177], Hodgson [178], James [179], Myers [195,196], Flournoy [181, 182,183], Johnson [184], Verrall [158], Salter [166], Hyslop [167,168], Troubridge [169]. Na França, Richet publicou ensaio abrangendo telepatia, clarividência, diagnóstico de doenças, e a relação entre paciente e magnetizador [198].

O fenômeno das Vozes Diretas

Outro fenômeno igualmente interessante pesquisado na época foi o das vozes diretas, que são aquelas produzidas sem o concurso dos órgãos fonadores do médium, parecendo brotar do nada. Dentre outros se pode citar os relatórios das seguintes pesquisas sobre vozes diretas: pesquisas do Sr. Damiani [215], da Sociedade Dialética de Londres; pesquisa do general Boldero [214], da SPR, com o médium D.D. Home, e pesquisa do prof. Hyslop [216] sobre a médium Elisabeth Blake, de Ohio (EUA).

Moldagens em parafina

Moldagens em parafina de membros dos espíritos materializados foi excelentemente pesquisada pelo Dr. Gustave Geley [218].

Os grandes médiuns do período científico

Os principais médiuns que contribuíram com a produção de fenômenos espíritas para estudo da ciência são citados a seguir.

DANIEL DUNGLAS HOME

Daniel dunglas home era escocês, nascido em 1833. Produzia principalmente fenômenos de materialização, levitação, telecinésia e “raps”. Foi investigado pelo professor Wells, da universidade de Harvard, pelo professor Hare, pelo professor Mapes, por sir David Brewster [147], por sir William crookes [141], por Aleksander Aksakof e pelo professor Butlerof.

OS IRMÃOS DAVENPORT

Os irmãos Davenport nasceram em búffalo, estado de new York, eua, em 1839 e 1841, respectivamente. Tiveram publicadas duas biografias: uma por T.L. Nichols [148], e outra por Robert Cooper [150]. Nichols também narra fatos da vida dos Davenport em outro livro [149]. Foram examinados pelos professores da universidade de Harvard em 1857 (cf. [148] pp. 87-88), que após terem atendido todas as suas exigências de controles contra fraude, e mesmo assim terem presenciado as materializações, não fizeram relatório, provavelmente impedidos pelos preconceitos vigentes. Deram demonstrações públicas de efeitos físicos por todo os Estados Unidos, Europa e Austrália [1].

Os irmãos Horatio e William Eddy foram grandes médiuns de materialização no estado de Vermont eua. Iniciaram suas demonstrações nos anos de 1874/5. Foram investigados pelo coronel olcott, um grande pesquisador de materializações, das quais publicou relatos minuciosos [112]. Fez medidas de peso, força muscular e altura dos espíritos materializados pelas faculdades desses médiuns.

HENRY SLADE

Henry Slade produzia escrita-direta em lousas lacradas. Exibiram-se nos Estados Unidos por 15 anos antes de ir a Londres, aonde chegou em 1876. Foi investigado pela comissão seybert (eua), pelo professor Zöllner, em Leipzig, Alemanha [151], juntamente com os professores William Edward Weber (físico), Scheibner (matemático) e Theodore Fechner (físico). Foi estudado também em são Petersburgo (Rússia) (cf. [1], p. 247).

O Dr. MONCK.

O Dr. Monck foi pesquisado por Alfred Russel Wallace [152] e por sir William Barret [153]. Produzia escrita direta em lousas seladas e materializações à plena luz do dia. Foi apanhado em fraude algumas vezes, o que não invalida suas produções verdadeiras.

CHARLES H. FOSTER

Charles H. Foster nasceu nos eua, e foi biografado por George c. Bartlett [189]. Além de grande clarividente, apresentava também a psicofonia.

M.ME. D'ESPERANCE

M.me. D'Esperance, cujo nome de batismo era Elisabeth Hope, foi um grande médium de materializações. Escreveu uma importante autobiografia [190], e foi estudada por Alexander Aksakof [65]. Alguns de seus feitos mediúnicos são também descritos por William Oxley [191]. Teve um triste fim de vida, pois ficou irremediavelmente doente após um pesquisador ter agarrado o espírito Yolanda materializado numa seção em Helsingfors, no ano de 1893, na tentativa de provar que havia fraude no fenômeno. A desmaterialização súbita do espírito e o choque decorrente na médium a adoeceram.

WILLIAM EGLINTON

William Eglinton nasceu na Inglaterra. Possuía forte mediunidade de efeitos físicos. Foi biografado por J.E. Farmer [192], e foi estudado na universidade de Cambridge, em 1880, sob os auspícios da sociedade de psicologia. No mesmo ano foi estudado pelo PROF.K.F. Zöllner [151] e outros, em Leipzig (Alemanha).

STAINTON MOSES

Stainton Moses nasceu na Inglaterra. Possuía forte mediunidade de efeitos físicos e de psicografia. Uma descrição detalhada de sua mediunidade foi dada por F.W.H. Myers [193,194].

A METAPSÍQUICA

Após uma fase de intensas pesquisas, o estudo de fenômenos físicos foi abandonado na Inglaterra e, na França, ficou praticamente restrito aos trabalhos de Paul Gibier [185, 186,187].

A metapsíquica, também de caráter nitidamente positivista, foi o resultado de um novo surto de interesse da comunidade científica sobre os fenômenos espíritas, interesse esse despertado pelo surgimento de uma nova geração de poderosos médiuns. Tal interesse resultou em longos anos de pesquisas por alguns dos melhores cérebros da Europa, daí surgindo uma nova disciplina batizada de metapsíquica, da qual descendem as atuais parapsicologias e psicotrônica. Os metapsiquistas pesquisaram desde a visão de auras até os fenômenos de materialização, passando pelos de telepatia, clarividência, precognição, psicofonia (denominado de “encarnação espírita”) e psicografia (denominado de “escrita automática”). As interpretações espiritualista ou materialista dos fatos observados variavam de pesquisador para pesquisador como hipóteses cientificamente válidas, pois baseadas em fatos positivos.

O renascimento do magnetismo animal

As pesquisas sobre visão das auras dos imãs, cristais e seres vivos, iniciados por Reichenbach, que haviam sido desprezadas por se basearem no testemunho de sensitivos, foram retomadas em 1880 pelo Dr. Baréty [217], em 1891 pelo coronel de rochas [223], em 1903 pelo prof. Blondot [224], e em 1912 pelo Dr. Kilner [225]. Seguiram-se as pesquisas de Haschek [226] (em 1914) e de Hofmann [227] (em 1919) sobre visão de auras de cristais e imãs, que deram resultados negativos. As experiências de Boirac [231,232] e Alritz [233] (sobre a sensibilidade de pacientes à imposição de mãos), bem como as de Louis Favre [234,235] e de Paul Vasse [236] (sobre a germinação de vegetais), mais recentes, trouxeram apoio à hipótese fluidista.

Clarac e Ilaguet [237] registraram a mumificação de tecidos vivos pela imposição de mãos de uma sensitiva.

Luys, Chaigneau, Guebhart, Jacobson, Yvon, Dellane, Darget, Baraduc (vide [3] p.247), Fontenay [228], e G. Le Bon (vide [3] p.247) pesquisaram ainda o registro dos fluidos

magnéticos em chapas fotográficas. Após a superação de erros experimentais em diversas pesquisas, concluiu-se que há fenômenos genuínos.

Zöllner [229] e Sokolowski [230] constataram a influência dos magnetizadores sobre bússolas, e Grunewald [238] fez pesquisas empregando um galvanômetro balístico de espelho, observando a produção de campos magnéticos pela aproximação da mão de alguns magnetizadores.

Os fenômenos elétricos atribuídos ao magnetismo animal foram pesquisados com o auxílio de galvanômetros por Gass-Desfossés [239] e Courtier a partir de 1874, acrescentando-se depois os eletrômetros ao aparato experimental. Tais experiências foram continuadas pela comissão do instituto geral psicológico de Paris (vide [3] p. 255) em 1905, por Imoda [240] em 1908 e por Ochrowicz [174] logo em seguida. Em 1921 Yourevitch e Du Bourg de Bozas [241,242], apresentaram os resultados de suas pesquisas sobre efeitos elétricos da radiação de pacientes paranormais. Grunewald [243] também pesquisou o assunto à mesma época. Concluiu-se que há uma energia que, sem ser a eletricidade, tem algumas propriedades semelhantes a esta.

Devem-se ressaltar as pesquisas de Ochrowicz [175] sobre as emanções humanas, que ele denominou de raios XX devido ao seu poder de penetração muito superior ao dos raios X. Obteve inúmeras “radiografias”, notadamente de mãos. Experiências assemelhadas foram feitas pelo professor Foa [244], da universidade de Turim, por Geley, Richet e Sudre [245], no instituto metapsíquico de Paris e por Geley [246] e colaboradores, no mesmo instituto.

EUSAPIA PALLADINO

Não se pode falar da pesquisa espírita sem ressaltar a grande contribuição da médium Eusapia Palladino, cuja mediunidade despertou interesse de grandes personalidades científicas da Europa no final do século XIX. Ela submeteu-se pacientemente a longos anos de investigações científicas dos fenômenos produzidos por sua potentíssima mediunidade, investigações essas que muitas vezes colocavam em cheque sua lisura na produção desses fenômenos e provocavam-lhe grandes desconfortos físicos e psicológicos [1].

Eusapia Palladino foi um dos médiuns de efeitos físicos mais estudados pela ciência até nossos dias. Seu primeiro pesquisador foi o professor Chiaia, de Nápoles, que a recomendou ao estudo do professor Lombroso [220]. Foi estudada ainda pela comissão de Milão (em 1892), da qual participaram o professor Schiaparelli, diretor do observatório de

Milão, o professor Gerosa, catedrático de física, Ermacora, doutor em filosofia natural, Aksakof, conselheiro de estado do czar da Rússia, Charles Du Prel, doutor em filosofia de Munique, e o professor Charles Richet, da universidade de Paris. Foram realizadas 16 sessões.

Em seguida foi estudada em Nápoles (1893), em Roma (1893-4), em Varsóvia (1894), onde deu 40 seções para o Dr. Ochorowicz e da elite científica da Polônia, na França (1894) sob a direção do prof. Charles Richet, de sir Oliver Lodge [154], de mr. F. W. H. Myers e do Dr. Ochorowicz.

Em 1895 foi estudada novamente em Nápoles, e no mesmo ano foi estudados na Inglaterra pelo professor Charles Richet, sir Oliver lodge, Dr. Richard Hodgson e mr. Sidgwick.

Ainda no mesmo ano foi estudada na França pelo coronel de rochas [221]; em 1896 em tremezzo, em auteuil e em choisy yvrac; em 1897 em Nápoles, Roma, Paris, Montfort e Bordéus; em Paris, em novembro de 1898, pela comissão composta de Camile Flamarion (astrônomo), professor Charles Richet, Albert de Rochas, Victorien Sardou, Jules Claretie, Adolphe Bisson, Gabriel Delanne, g. De Foutenay e outros.

Em 1901 foi investigados no clube Minerva, em genebra, em presença dos professores Porro, M, Bozzano, Venzano, Lombroso, Vassalo e outros, e em Gênova pelos professores Morselli [247] e porro.

Entre 1905-1908 foi estudada no instituto geral psicológico de paris [248]. Houve muitas outras pesquisas na Europa e nos estados unidos da América.

Em 1906-7 foi estudada em Gênova, pelo professor Morselli, onde foram tiradas fotografias, e em 1907 foi estudada por Bottazzi, em Nápoles.

Em 1908 a spr nomeou uma comissão de três técnicos em ilusionismo, composta por mr. W. W. Baggally, Mr. Everard Fielding e pelo Dr. Hereward Carrington, para investigar a mediunidade de eusapia. O relatório das investigações foi publicado em 1909[188].

Em 1910 o Dr. Hereward Carrington efetuou novas experiências com a mediunidade de eusapia, dessa vez em new York (Estados Unidos).

INVESTIGAÇÕES DE CESAR LOMBROSO

Convidado por Chiaia [1] a investigar os fenômenos produzidos por Eusapia Palladino, César Lombroso (que era um cientista famoso) convenceu-se da veracidade dos mesmos, proclamando-o publicamente, levando com isso outros cientistas igualmente famosos a se

interessarem pelo estudo dos fenômenos espíritas. Publicou, dentre outros, um importante trabalho sobre mediunidade a partir do estudo de Eusapia [219].

INVESTIGAÇÕES DE SCHRENCK-NOTZING

Pesquisou o ectoplasma entre 1908 e 1913, e publicou vários trabalhos sobre o assunto [203, 204,205]. Longaud também publicou sobre essas pesquisas [206]. Schrenck-notzing comparou ao microscópio os cabelos de uma forma materializada com os da médium Eva c., que produziu a materialização. Fez análise química do ectoplasma, e obteve a filmagem do ectoplasma fluindo da boca do médium.

INVESTIGAÇÕES DE ERNESTO BOZZANO

Realizou, dentre outros, importantes trabalhos sobre desdobramento e fenômenos de bilocação [349], fenômenos de transporte [251], comunicações mediúnicas entre vivos [252], e xenoglossia [253].

INVESTIGAÇÕES CHARLES RICHEL

Foi um dos principais pesquisadores de fenômenos espíritas. Estudou profundamente o fenômeno de materialização. O nome “ectoplasma” foi criação sua, depois de estudar os fenômenos produzidos pela médium Eva c., em Argel [200], para designar a substância estudada pelos médiuns para produção do fenômeno de materialização. Richet também constatou a correspondente desmaterialização do médium durante as materializações de espíritos [201]. Um amplo relato de suas experiências foi publicado em livro [199], tendo como obra mais importante seu tratado de metapsíquica [202], do qual existe uma edição esgotada em português.

INVESTIGAÇÕES GUSTAVE GELEY

Importantes estudos do ectoplasma foram feitos também pelo Dr. Gustave Geley, que foi diretor do Instituto de Metapsíquica (França), publicando importantes obras sobre o assunto [207,208]. As importantes pesquisas do Instituto de Metapsíquica estão relatadas na sua publicação oficial, intitulada “la revue metapsychique”.

INVESTIGAÇÕES DE ALEKSANDER AKSAKOF

Merecem destaque suas investigações sobre fenômenos de materialização, transportes, e bilocação [66], tendo também observado o fenômeno de desmaterialização do médium de efeitos físicos durante as materializações [65].

INVESTIGAÇÕES DE JOHN CRAWFORD

O DR.W.J. Crawford, professor de engenharia mecânica da queen's university de Belfast (Irlanda), dirigiu uma importante série de experiências entre 1914 e 1920, com a médium kathleen Goligher, as quais foram relatadas em livros [209, 210,211]. Utilizando balanças, provou que a translação e levitação de objetos e os “raps” são produzidos por “estruturas psíquicas” que emanam do corpo do médium. Provou também que o médium perde massa à medida que expõe o ectoplasma, recuperando-a parcialmente ao término dos fenômenos, e que também os assistentes contribuem com alguns gramas de massa corpórea para a produção do ectoplasma.

AS ÚLTIMAS PESQUISAS DA METAPSÍQUICA

No final da década de 1920 e começo dos anos 1930, paralelamente ao surgimento da parapsicologia, que deveria mudar inteiramente o rumo das pesquisas, foram realizadas importantes investigações por Eugène e Marcel osty [254], no instituto metapsíquico de paris, sobre a detecção do ectoplasma por fotocélulas infravermelhas e sobre a influência da luz vermelha e ultravioleta no ectoplasma, com a colaboração do médium Rudi Schneider.

A METAPSÍQUICA E A PSICANÁLISE

Inardi [2] conta que Sigmund Freud, o criador da psicanálise, tinha inicialmente uma posição de declarado ceticismo em relação aos fenômenos de telepatia e premonição. Tal posição

foi-se abalando com o passar do tempo, de modo que ele aceitou ser membro correspondente da S.P.R. De Londres em 1911 e da A.S.P. R em 1915.

Em 1921 ele escreveu um trabalho sobre psicanálise e telepatia, que seu discípulo Ernest Jones desaconselhou-o de apresentar no congresso psicanalítico internacional em 1922 com o argumento de que a psicanálise já era alvo de suficientes polêmicas para que os ânimos fossem ainda mais acirrados com um trabalho versando sobre assunto tão controverso. Tal trabalho foi publicado somente em 1941. Freud escreveu outro trabalho, em 1922, intitulado “sonho e telepatia”, em que admitia a realidade dos sonhos telepáticos.

Sua mudança de posição frente aos fenômenos espíritas, após toda uma vida de estudos e observações, fica patente na carta que enviou a hereward carrington, em que declara: “se eu soubesse que podia recomeçar a viver, dedicar-me-ia à pesquisa psíquica e não à psicanálise”.

AS COMISSÕES DE INVESTIGAÇÃO

Paralelamente às investigações citadas anteriormente, algumas comissões de investigação foram criadas para dar um veredicto científico sobre a realidade dos fenômenos espíritas. Os resultados de tais investigações foram, no geral, decepcionantes, principalmente devido ao despreparo dos membros de tais comissões frente a esse tipo de fenômenos, os quais dependem, além das condições físicas do ambiente e fisiológicas dos médiuns, das condições psicológicas de todos os presentes ao recinto do experimento. Pode-se dizer que, face ao triplo caráter psicológico, biológico e físico dos fenômenos espíritas, os investigadores teriam que possuir uma formação multi disciplinar para lograrem preparar-se adequadamente para estudá-los. O caráter intimidatório de tais comissões por si só já seria elemento suficiente para inibir a maioria dos médiuns investigados, conforme sudre ([3] p. 90 e ss.). É importante que se conheçam tais investigações para não se repetirem os mesmos erros.

INVESTIGAÇÕES DA COMISSÃO SEYBERT

A comissão seybert foi criada em função de uma herança de sessenta mil dólares deixada por Henry Seybert, cidadão de Filadélfia (eua), para a criação da cadeira de filosofia da

universidade da Pensilvânia, com a condição que se criasse uma comissão para investigar o espiritismo. Ainda segundo Conan Doyle [1], a comissão nomeada para as investigações tinha pouco interesse no assunto, encarando a pesquisa como mera exigência legal para a posse da herança legada por Mr. Seybert. Os trabalhos começaram em 1884, foi publicado um relatório preliminar em 1887, que ficou sendo o relatório final, segundo o qual a fraude e a credulidade constituem tudo no espiritismo, nada havendo de sério que mereça referência. Fique claro que a referida comissão testemunhou fenômenos de “raps”, escrita direta, e materializações fosforescentes genuínos, apesar de também ter flagrado algumas fraudes. Caracterizou-se pela leviandade com que encarou a investigação e escreveu seu relatório.

INVESTIGAÇÕES DA COMISSÃO DO INSTITUTO GERAL PSICOLÓGICO DE PARIS

Segundo Conan Doyle [1], a comissão do Instituto Geral Psicológico de Paris realizou um total de 40 sessões com a médium Eusapia Palladino nos anos de 1904-5-6. Entre outros investigadores participantes dessa comissão tem-se registro de Charles Richet, o casal Curie, Bergson, Perrin, e D'Arsonval. Seu relatório foi muito criticado pela forma indecisa com que foi escrito, deixando o leitor na incerteza quanto à presença ou não de fraudes nos fatos relatados.

INVESTIGAÇÕES DA COMISSÃO DA SCIENTIFIC AMERICAN

Conan Doyle [1] também cita que entre os anos de 1923 e 1925 uma comissão, nomeada pela Scientific American, estudou a médium Mrs. Crandon, mulher de um médico de Boston (EUA). O secretário, Mr. Malcom Bird, e o Dr. Hereward Carrington declararam sua adesão à hipótese espírita. Outros se declararam sem condições de dizer se tinham sido ou não enganados, ao passo que o Dr. Prince tinha deficiência auditiva e o Dr. McDougall (vide o item referente à parapsicologia, na segunda parte deste trabalho) teria sua carreira acadêmica ameaçada se aceitasse a popular explicação espírita dos fenômenos.

AS INVESTIGAÇÕES DA COMISSÃO DE HARVARD

Ainda segundo Conan Doyle [1], logo após os trabalhos da comissão da Scientific American foi constituída uma pequena comissão de pessoas de Harvard, encabeçada pelo astrônomo

Dr. Shapley. Também nessa comissão, apesar de satisfeitas todas as exigências experimentais dos investigadores, e de não poderem afirmar que haviam sido enganados, houve a conclusão de fraude como explicação para os resultados obtidos, numa evidente contradição que mostra a insegurança da equipe em enfrentar o desconhecido.

A PARAPSICOLOGIA

O professor William mac Dougall [2], famoso psicólogo inglês, foi eleito presidente da s.p.r. de Londres em 1920 e no mesmo ano transferiu-se da universidade de Oxford (Inglaterra) para a universidade de Harvard (Boston, eua), onde assumiu a cátedra de psicologia e logo veio a assumir a presidência de a.s.p.r.

Nesse íterim participou, entre 1923 e 1925, da comissão de investigação da scientific american sobre os fenômenos espíritas.

Em 1927 foi chamado para dirigir o instituto e a faculdade de psicologia da universidade de Durham (Carolina do norte, eua), também conhecida como “duke university”.

Ao transferir-se para a “duke”, mac dougall convidou o jovem doutor em botânica (então com 32 anos) e interessado em metapsíquica Joseph Banks rhine para acompanhá-lo, confiando-lhe um projeto de pesquisa que não tivera condições de concretizar em Harvard.

Rhine gastou três anos em estudos preparatórios, e em 1930 iniciou a pesquisa propriamente dita [41], tomando rumos inteiramente novos em relação a tudo que já havia sido feito até aquela data em termos de pesquisa dos fenômenos paranormais. Ao invés de médiuns especialmente dotados, estudou indivíduos tomados ao acaso entre estudantes e voluntários, empregando um jogo de cartas padronizadas (conhecidas como baralho zener) e o método estatístico para o estudo dos fenômenos de telepatia, clarividência e precognição, batizados coletivamente de percepção extrasensorial [43] (esp - extrasensory perception). Posteriormente o método estatístico foi adaptado ao estudo quantitativo dos fenômenos de psicocinesia (pk - psychokinesis).

Diversos pesquisadores, tanto da Europa quanto dos eua já haviam feito experiências com a telepatia, mas somente com o início das pesquisas de rhine a qualidade das evidências obtidas a favor da existência da telepatia e da clarividência mudou definitivamente para melhor. Após 85.000 provas feitas com os mais rigorosos cuidados contra fraudes mesmo que involuntárias, os resultados foram publicados em 1934, apresentando média de acerto acima de 7 em 25 (28%), ao passo que o puro acaso permitiria acerto de apenas 5 em 25

(20%). Foram feitas também experiências de telecinésia em que se pesquisava, com a mesma técnica de análise estatística, a possibilidade dos pacientes influenciarem os resultados do arremesso de dados. Aconselha-se a leitura das obras de rhine [58,60] na língua original (inglês), pois as traduções para o português atualmente existentes desfiguram seriamente o texto original.

O principal feito do trabalho de rhine foi evidenciar estatisticamente a existência de uma “faculdade paranormal”. Até nossos dias a parapsicologia (que não pode ser chamada de ciência por não preencher os modernos critérios de cientificidade) não conseguiu atingir seus outros grandes objetivos, que é o de estabelecer as relações entre as faculdades paranormais e as outras faculdades da mente (evita-se escrupulosamente a palavra “espírito” em parapsicologia). Outra grande limitação da parapsicologia é sua fragilidade na pesquisa das bases físicas da paranormalidade, além da fundamental ausência de uma teoria satisfatória e abrangente para os fenômenos, pois a teoria espírita elaborada por kardec (que é a única, até hoje, a explicar satisfatoriamente os referidos fenômenos e a preencher aos mais rigorosos critérios de cientificidade) é rejeitada “a priori” pelos seus adeptos.

A grande limitação do método estatístico da parapsicologia é que ele se presta apenas ao estudo de uma pequena classe de fenômenos, e mesmo nos casos de telepatia e clarividência (que constituem as faces da “percepção extrasensorial” - esp) não substitui o método qualitativo (cf. [3] p. 58).

No primeiro grupo de bibliografias sobre parapsicologia estão as que a definem como um campo da ciência, apresentam suas subdivisões, relações com outras áreas do conhecimento, e definem termos e conceitos [41, 58, 260,..., 267]. No segundo grupo estão as que apresentam os métodos objetivos de pesquisa [268,..., 279]. No grupo seguinte são apresentadas as bibliografias que apresentam os fatos a respeito de psi e de seus tipos [280,..., 318], e em seguida as que abordam a relação entre psi e o mundo físico [319,..., 337].

A psicotrônica

Na extinta união soviética o estudo dos fenômenos espíritas ganhou o nome de psicotrônica [2], nome esse que exprime a superação dos limites da psicologia, entendendo-se por psicotrônica a disciplina que se ocupa das energias do ser humano tendo como objetivo o

conhecimento das possibilidades de interação entre homem e homem e entre homem e ambiente através de capacidades possuídas por quase todos. Tal como a parapsicologia, a psicotrônica também não é uma ciência e também carece de uma teoria satisfatória e abrangente para explicar os fenômenos espíritas, pois a teoria espírita elaborada por Kardec (que, repetimos, é a única, até hoje, a explicar satisfatoriamente os referidos fenômenos e a preencher aos mais rigorosos critérios de cientificidade) também é rejeitada “a priori” pelos adeptos da psicotrônica.

Pode-se destacar, dentre outras, as pesquisas sobre telepatia do fisiologista Leonid Leonidovitch Vasiliev, realizadas a partir de 1950 no laboratório por ele organizado no Instituto de Fisiologia da Universidade de Leningrado (atual São Petersburgo). Foram lançados no ocidente dois livros de sua autoria sobre o assunto [338,339].

Dentre outros trabalhos, é digna de menção a investigação do agente telecinético Boris Vladimir Ermolaev, realizada pelo doutor em psicologia, Prof. V.N. Pushkin [340].

Os doutores V.M. Inyushin e G.A. Sergeiev postularam independentemente a existência de um “bioplasma” [341,..., 343] que poderia explicar muitos dos fenômenos paranormais.

As pesquisas psicotrônicas foram cerceadas pelo materialismo oficial dos países da cortina de ferro, que lançava em desgraça qualquer pesquisador que tendesse a evidenciar a hipótese do espírito. No entanto realizaram grandes avanços no estudo dos aspectos físicos da paranormalidade.

A psicobiofísica

Procurando romper os nós que paralisaram a parapsicologia e a psicotrônica, Andrade propôs a psicobiofísica [40], disciplina que, baseada na teoria espírita elaborada por Kardec, procura unir a física à biologia e à psicologia para atacar o problema da compreensão integral dos fenômenos paranormais (ou espíritas).

Prosseguiu na linha de raciocínio inaugurada por Zöllner e propôs, na teoria corpuscular do espírito, um modelo de espaço de pelo menos quatro dimensões para explicar os fenômenos espíritas, modelo com que o autor oferece caminhos para a concepção de novos experimentos para se investigarem as bases físicas desses fenômenos, tarefa em que a parapsicologia fracassou. Seus livros [42,..., 49,40], são importantes fontes de informações, pois, aliados à excelente didática, oferecem ao leitor uma visão de conjunto das bases teóricas da física, biologia e psicologia que, unidas e estendidas, resultam em um modelo de

realidade física na qual o espírito é um elemento natural. Do mesmo autor também estão disponíveis, dentre outros, trabalhos de pesquisa sobre reencarnação [48,51], poltergeist [49,..., 51], e “drop-in” [52] (manifestação espontânea do espírito de um falecido que apresenta todos os dados objetivos necessários à sua plena identificação).

OBE (EXPERIÊNCIA FORA-DO-CORPO)

Experiência fora-do-corpo indica o fenômeno em que o indivíduo vê-se saindo do corpo físico e mergulhando numa realidade que extrapola a nossa realidade física, embora geralmente mantenha durante o fenômeno perfeita consciência do que se passa com o seu corpo físico. Durante tais estados de consciência o indivíduo pode deslocar-se a outros sítios e reportar o que vê, havendo relatos de casos em que o indivíduo consegue também provocar efeitos materiais de sua presença no sítio a que seu “corpo astral” se deslocou. Tal fenômeno é também denominado “viagem astral” ou “desdobramento”.

Blackmore [344] publicou uma revisão dos trabalhos científicos sobre o obe onde o leitor poderá encontrar uma crítica razoável das pesquisas sobre o assunto. Entre trabalhos científicos e depoimentos de experiências de o obe, publicações importantes foram também feitas por Crookall [345,..., 348], Bozzano [349], Monroe [349], Muldoon [350,351], Prado [352], Ritchie [62], Vieira [61], Zaniah [353], e Osis [354,355].

NDE (EXPERIÊNCIA DE QUASE-MORTE)

Foram observados muitos pontos em comum nos relatos de indivíduos ressuscitados de paradas cardíacas e outras situações de quase-morte. Tais semelhanças foram notadas mesmo entre indivíduos de culturas, credos, raças, idades e profissões diferentes. Tais relatos incluem, no geral, uma experiência fora-do-corpo, o encontro com seres “espirituais”, a travessia de um “túnel”, e o retorno ao corpo físico.

As principais pesquisas sobre o assunto foram feitas por Barrett [356], Osis [357,358], May [359], e Moody jr. [54,55].

REENCARNAÇÃO

Reencarnação é entendida como o renascimento do mesmo espírito em diferentes corpos humanos, em vidas sucessivas.

Uma das linhas de pesquisa baseia-se na comprovação documental das lembranças de vidas anteriores relatadas pelos indivíduos, dentre os quais inúmeras crianças de tenra idade. Nessa linha têm-se as pesquisas brasileiras de Andrade [48,51], e as pesquisas de Stevenson [63,363]. Uma outra linha de pesquisa interessante é a que procura marcas de nascença nos reencarnantes que evidenciem algum traumatismo físico ocorrido numa encarnação anterior (“Birthmarks”). Nessa linha tem-se, por exemplo, as pesquisas de Andrade [53] e as Muller [364].

Uma outra interessante linha de pesquisa sobre reencarnação, muito inovadora pela sua metodologia, é da Dra. Helen Wanbach [56], que se baseia na análise estatística das reminiscências relatadas por indivíduos submetidos à regressão de memória através de sugestão hipnótica. Essa técnica torna a confrontação dos dados colhidos com os registros históricos bem mais fácil que no caso de dados individuais, e elimina as tendências pessoais, o que é muito importante.

Uma conseqüência das pesquisas sobre reencarnação foi o surgimento, na psicologia, da terapia de vidas passadas. Netherton [365] foi o pioneiro dessa linha terapêutica que está encontrando grande aceitação no Brasil, provavelmente devido à grande disseminação e aceitação da idéia da reencarnação entre nós.

EVP (FENÔMENO DAS VOZES ELETRÔNICAS)

O fenômeno das vozes eletrônicas foi descoberto por acaso quando Juergenson [366] realizava gravações de canto de pássaros no campo e apareceram vozes falando em línguas estranhas na fita, vozes essas que falavam frases compostas de palavras de várias línguas diferentes e se dirigiam a ele.

À descoberta de Jürgenson seguiram-se as observações de dentre outros, Bander [57], Raudive [367] e Meek [79], que obtiveram igualmente mensagens em gravadores. Mais recentemente observaram-se os aparecimentos de mensagens também em discos magnéticos de computadores, na forma de arquivos-texto.

PESQUISAS ESPÍRITAS DA ATUALIDADE

Talvez por serem os pesquisadores profissionais espíritas em pequeno número, relativamente ao total de adeptos do espiritismo no Brasil atual, talvez pela reconhecida falta de tradição dos brasileiros em documentar os fatos (diz-se que o Brasil é um país sem memória), a produção de obras espíritas de caráter científico é ainda bastante modesta, mas pode-se pinçar alguns exemplos importantes que, embora às vezes sem assumirem o título de “científicas”, na abalizada opinião de chagas [78] são obras inatacavelmente científicas, as quais podem servir de modelo para a produção de pesquisas para cuja realização muitos espíritas estão capacitados. Tais obras são os já clássicos livros diálogos com as sombras [78] e histórias que os espíritos contaram [368], de Hermínio C. Miranda, e os livros surpresos de uma pesquisa mediúnica [369] e curiosidades de uma experiência espírita [370] de nazareno tourinho.

Outras obras espíritas que merecem especial destaque, essas assumindo nitidamente o caráter científico, são os já mencionados trabalhos de pesquisa sobre reencarnação [48,51], poltergeist [49,..., 51], e “drop-in” [52] (manifestação espontânea do espírito de um falecido que apresenta todos os dados objetivos necessários à sua plena identificação) de Andrade, e o trabalho do químico brasileiro Tubino [76,77] sobre mediunidade de ectoplasma, em que são analisadas as características dos médiuns que liberam ectoplasma, as possíveis conseqüências para o médium do uso inadequado dessa faculdade, a metodologia de tratamento dos médiuns de ectoplasma desequilibrados, onde e como liberar ectoplasma, e algumas características do ectoplasma liberado para fins de cura.

Tais obras talvez se constituam nos marcos iniciais do que pode vir a ser designado de “período neocientífico” ou “período espírita” das pesquisas de fenômenos espíritas, período esse caracterizado pela superação da visão positivista de ciência e pelo reconhecimento do caráter inatacavelmente científico da obra de kardec. Certamente que há outras obras dignas de nota, mas as acima citadas são suficientes para o leitor ter uma idéia do que é uma pesquisa genuinamente espírita.

CONCLUSÃO

Esperamos ter contribuído com este trabalho para a formação de uma nova geração de pesquisadores de fenômenos espíritas, pesquisadores esses libertos dos constrangimentos

impostos pela visão positivista de ciência e seguros quanto ao caráter científico do espiritismo e quanto à sua independência em relação às outras ciências.

O Brasil é um país riquíssimo em fenômenos espíritas, mas tal riqueza de material de pesquisa se perde face à inexistência de motivação do pessoal capacitado para observar esses fenômenos e documentá-los dentro dos modernos parâmetros da metodologia científica (vide tópico sobre o que é ciência na primeira parte deste trabalho).

Segundo estimativas recentes, há mais de sete milhões de espíritas em nosso país, grande parte dos quais portadores de diploma de nível superior, o que, em tese, torna essa grande comunidade sensível à importância da pesquisa científica como instrumento de progresso da sociedade.

Essa comunidade tem necessidades peculiares por contar com grande número de indivíduos praticantes regulares do mediunismo, mas encontra-se “órfã” da ciência no atendimento das suas necessidades especiais em termos de saúde física e mental, de vez que a mediunidade é rotineiramente confundida com morbidades físicas e mentais, e assim os médiuns não encontram nos agentes de saúde o atendimento e a orientação especializados para que possam levar uma vida normal. Há espaço para a mobilização de recursos no sentido de que a comunidade científica estude a mediunidade sob o ponto de vista do espiritismo e que assim esses cidadãos venham a ter o atendimento adequado por parte dos agentes de saúde e das autoridades em geral.

Pode-se afirmar com segurança que no Brasil atual há um grande número de pesquisadores profissionais provenientes das áreas de física, química, biologia, engenharia, psicologia, etc. Que, uma vez carregados os recursos materiais necessários à pesquisa científica profissional e em tempo integral da fenomenologia espírita, migrariam de bom-grado para essa área de pesquisa, sendo essa fase de migração facilitada pela presente bibliografia.

Referências bibliográficas

1. Doyle, Arthur Conan, história do espiritismo, editora pensamento, são paulo, sp, Brasil, 1990.
2. Inardi, Massimo, a história da parapsicologia, edições 70, Lisboa, Portugal.
3. Sudre, René, tratado de parapsicologia, Zahar, rio de janeiro, rj, Brasil, 1976.
4. Wantuil, Zeus, as mesas girantes e o espiritismo, february, rio de janeiro, rj, Brasil.

5. Miranda, Hermínio Corrêa de a memória e o tempo, arte e cultura, Niterói, rj, Brasil, 1991.
6. Wantuil, Zeus, e Thiesen, Francisco, Allan kardec (pesquisa bibliográfica e ensaios de interpretação), feb, rio de janeiro, vol 1 - 1979, e vol. 2 - 1980.
7. Kardec, Allan, o livro dos espíritos, feb, rio de janeiro, 1990.
8. Kardec, Allan, o livro dos médiuns, feb, rio de janeiro, 1990.
9. Kardec, Allan, o evangelho segundo o espiritismo, feb, rio de janeiro, 1990.
10. Kardec, Allan, o céu e o inferno, feb, rio de janeiro, 1990.
11. Kardec, Allan, a gênese, os milagres e as predições segundo o espiritismo, feb, rio de janeiro, 1990.
12. Kardec, Allan, obras póstumas, feb, rio de janeiro, 1990.
13. Goldstein, K.W., “que é psi”, folha espírita, (Brasil), p. 4, jan. 1984.
14. Goldstein, K.W., “antecedentes históricos”, folha espírita, (Brasil), p. 4, fev. 1984.
15. Goldstein, K.W., “mesmer e o magnetismo pessoal”, folha espírita, (Brasil), p. 4, mar. 1984.
16. Goldstein, K.W., “puységur e o hipnotismo,” folha espírita, (Brasil), p. 4, abril 1984.
17. Goldstein, K.W., “inibição cortical, sugestão e hipnose,” folha espírita, (Brasil), p. 4, maio 1984.
18. Goldstein, K.W., “sugestão mental à distância,” folha espírita, (Brasil), p. 4, jun. 1984.
19. Goldstein, K.W., “rádio mental”, folha espírita, (Brasil), p. 4, jul. 1984.
20. Goldstein, K.W., “primórdios do período espírico”, folha espírita, (Brasil), p. 4, ago. 1984.
21. Goldstein, K.W., “hydesville,” folha espírita, (Brasil), p. 4, set. 1984.
22. Goldstein, k. W., “as mesas girantes,” folha espírita, (Brasil), p. 4, out. 1984.
23. Goldstein, k. W., “a ‘psychical research’,” folha espírita, (Brasil), p. 4, dez. 1984.
24. Goldstein, k. W., “William Crookes,” folha espírita, (Brasil), p. 4, nov. 1984.
25. Goldstein, k. W., “as sociedades de pesquisas psíquicas,” folha espírita, (Brasil), p. 4, jan. 1985.

26. Goldstein, k. W., "eusapia paladino," folha espírita, (Brasil), p. 4, fev. 1985.
27. Goldstein, K.W., "Mme. Elizabeth d'esperance", folha espírita, (Brasil), p. 4, mar. 1985.
28. Goldstein, k. W., "Henry Slade," folha espírita, (Brasil), p. 4, abr. 1985.
29. Goldstein, k. W., "Carmine Mirabelli (1889 - 1951)," folha espírita, (Brasil), p. 4, maio. 1985.
30. Goldstein, k. W., "a moderna parapsicologia," folha espírita, (Brasil), p. 4, jun. 1985.
31. Goldstein, k. W., "a pesquisa parapsicológica," folha espírita, (Brasil), p. 4, jul. 1985.
32. Goldstein, k. W., "psicocinesia," folha espírita, (Brasil), p. 4, ago. 1985.
33. Goldstein, k. W., "poltergeist," folha espírita, (Brasil), p. 4, set. 1985.
34. Goldstein, k. W., "experiências fora do corpo - obe," folha espírita, (Brasil), p. 4, out. 1985.
35. Goldstein, k. W., "experiências dos agonizantes - nde," folha espírita, (Brasil), p. 4, nov. 1985.
36. Goldstein, k. W., "comunicação espírita eletrônica", folha espírita, (Brasil), p. 4, dez. 1985.
37. Goldstein, k. W., "casos que sugerem reencarnação," folha espírita, (Brasil), p. 4, jan. 1986.
38. Goldstein, k. W., "psi em plantas e animais," folha espírita, (Brasil), p. 4, fev. 1986.
39. Goldstein, k. W., "a nova visão da realidade," folha espírita, (Brasil), p. 4, mar. 1986.
40. Andrade, H.G., a teoria corpuscular do espírito, ed. Do autor, são paulo, sp, Brasil, 1958.
41. Rhine, J.B., pratt, J.G., parapsicologia: fronteira científica da mente, hemus livraria editora ltda., são paulo, sp, Brasil, 1966. (obs: a tradução deixa muito a desejar.).
42. Andrade, H.G., novos rumos à experimentação espírita, ed. Do autor, são paulo, sp, Brasil, 1960.
43. Andrade, H.G., parapsicologia experimental, boa nova, são paulo, sp, Brasil, 1976, 2ª ed.
44. Andrade, H.G., a matéria psi, o clarim, Matão, sp, Brasil, 1981 - 2ª ed.

45. Andrade, H.G., morte, renascimento, evolução: uma biologia transcendental. Pensamento são paulo, sp, Brasil, 1983.
46. Andrade, H.G., espírito, perispírito e alma, pensamento são paulo, sp, Brasil, 1984.
47. Andrade, H.G., psi quântico, pensamento, são paulo, sp, Brasil, 1986.
48. Andrade, H.G., reencarnação no Brasil, o clarim, Matão, sp, Brasil, 1988.
49. Andrade, H.G., poltergeist, pensamento, são paulo, sp, Brasil, 1988.
50. Andrade, H.G., o poltergeist de Suzano, monografia ibpp, são paulo, sp, Brasil, 1982.
51. Andrade, H.G., um caso que sugere reencarnação: Jacira & Ronaldo, monografia ibpp, são paulo, sp, Brasil, 1976.
52. Andrade, H.G., o caso Ruytemberg Rocha, monografia ibpp, são paulo, sp, Brasil, 1977.
53. Blacksmith, I. (pseudônimo de kandrade, H.G.), "a reencarnação de patrícia", folha espírita, (Br), ano v, no. 50 maio/1978.
54. Moody jr., R.A., vida depois da vida, nórdica, rio, RJ, Brasil, 1979.
55. Moody jr., R.A., reflexões sobre vida depois da vida, n, rio, RJ, Brasil, 1990.
56. Wanbach, Helen, recordando vidas passadas, pensamento, são paulo, sp, Brasil, 1980.
57. Bander, p., os espíritos comunicam-se por gravadores, edicel, são paulo, sp, Brasil, 1974.
58. Rhine, J.B., extrasensory perception, Bruce Humphries, Boston, EUA, 1934.
59. Rhine, J.B., new frontiers of the mind, EUA, 1937.
60. Rhine, J.B., extrasensory perception after 60 years, EUA, 1940.
61. Vieira, w., projeções da consciência, lake, são paulo, sp, Brasil, 1981.
62. Ritchie, G.R., Sherril, e., voltar do amanhã, nórdica, rio, RJ, Brasil, 1980.
63. Stevenson, I., "twenty cases suggestive of reincarnation", proc. Of the aspr, (usa), vol. 26, sept./1966 stevenson, i., twenty cases suggestive of reincarnation, (2a. Ed. Revisada e ampliada), university press of Virginia, charlottesville, Virginia, usa, 1975. Stevenson, i., vinte casos sugestivos de reencarnação, difusora cultural, são paulo, sp, Brasil, 1970.
64. Rodrigues, Wallace Leal v., katie king, o clarim, Matão, sp, Brasil, 1980.

65. Aksakof, Alexander, um caso de desmaterialização.
66. Aksakof, Alexander, animismo e espiritismo, feb, rio de janeiro, rj, Brasil, 1978.
67. Chagas, Aécio p., “o que é a ciência”, reformador, (BRASIL), p. 80, mar. 1984.
68. Chagas, Aécio p., “espiritismo: ciência da mediunidade”, revista internacional de espiritismo, (Brasil), p. 6, feb. 1993.
69. Chagas, Aécio p., “algumas considerações sobre a pesquisa científica espírita”, revista internacional de espiritismo, (Brasil), p. 26, feb. 1987.
70. Chagas, Aécio p., “as provas científicas”, reformador, (Brasil), p. 232, aug. 1987.
71. Chagas, Aécio p., “o espiritismo na academia”, revista internacional de espiritismo, (Brasil), p. 29, feb. 1994.
72. Chibeni, Sílvio s., “espiritismo e ciência”, reformador, (Brasil), p. 144, may 1984.
73. Chibeni, Sílvio s., “a excelência metodológica do espiritismo - parte i”, reformador, (Brasil), p. 328, nov. 1988.
74. Chibeni, Sílvio s., “a excelência metodológica do espiritismo - parte II reformador, (Brasil), p.373, dec.1988”.
75. Hiben, Sílvio s. “reformador, (Brasil), p. 176, jun. 1994”.
76. Tubino, Mathieu, “médiuns de ectoplasmia (parte 1)”, revista internacional de espiritismo, (BRASIL), p. 163, jul. 1992.
77. Tubino, Mathieu, “médiuns de ectoplasmia (parte 2)”, revista internacional de espiritismo, (BRASIL), p. 197, aug. 1992.
78. Miranda, Hermínio c., diálogos com as sombras, feb, rio de janeiro, 1986.
79. Meek, G.W., transcripts of the cassette tape, spiricom, its development and potential, met science foundation, inc. Franklin, nc, EUA, 1982.
80. Richet, Charles, traité de métapsychique, Félix Alcan, Paris, França, 1923.
81. Marcellinus, ammiannus, rerum gestarum, lib. XXIX, cap. I.
82. Tertuliano, Apologeticum.
83. Faria. O. A., hipnose médica e odontológica, atheneu, rio - são paulo, Brasil, 1979.
84. Mesmer, Franz Anton, mémoire sur la découverte du magnétisme animal, Didot, paris, França, 1779.

85. Puységur, mémoires pour servir à l'étude du magnétisme animal, dentu, paris, França, 1784, ed. AUM. 1805, ED. Def. 1809.
86. Puységur, du magnétisme animal considéré dans ses rapports avec diverses branches de la physique, dentu, Paris, França, 1807.
87. Puységur, recherches, expériences et observations physiologiques sur l'homme dans l'état de somnambulisme naturel et dans le somnambulisme provoqué par l'acte magnétique, dentu, paris, França, 1811.
88. Faria, José custódio de, de la cause du sommeil lucide ou étude de la nature de l'homme, paris, França, 1819.
89. Bertrand, Alexandre, traité du somnambulisme, paris, França, 1823.
90. Bertrand, Alexandre, du magnétisme animal en France, Paris, França, 1826.
91. Braid, j., neurhypnology, or the rationale of nervous sleep considered in relation with animal magnetism, Churchill, London, GB, 1843.
92. Braid, j., the power of the mind over the body, an experimental enquiry into the nature and ccause of the phenomena attributed by Baron reichenbach and others to a new imponderable, Churchill, London, gb, 1846.
93. Reichenbach, physykalische-physiologische untersuchungen über die dynamik des magnetismus, der elektricität, der wärme, des lichts, der krystallisation, des chemismus in ihren beziehungen zur lebenskraft, vieweg, braunschweig, Alemanha, 1845.
94. Reichenbach, der sensitive mensch und sein verhalten zum od, cotta, Stuttgart, Almanac, 1855.
95. Reichenbach, odisch-magnetische briefe, cotta, Stuttgart, Alemanha, 1856.
96. Reichenbach, aphorismen über sensitivität und od, braumüller, viena, áustria, 1867.
97. Schopenhauer, animalischer magnetismus und magie (ueber den willen in der natur), ed. Frauenstadt, leipzig, brockhaus, alemanha, 1836.
98. Schopenhauer, 1^o transcendente spekulation über die anscheinende absichlichkeit im schicksale des einzelnen; 2^o versuch über geistersehen und was damit zusammenhängt, parerga und paralipomena, ed. Frauenstädt, Leipzig, Alemanha, 1851.
99. Gros, durand de (Dr. Philips), electrodynamisme vital, ou les relations physiologiques de l'esprit de la matière démosntrées par des experiences entièrement nouvelles et par l'histoire raisonnée du système nerveux, baillièere, paris, França, 1855.

100. Gros, durand de (Dr. Philips), cours théorique et pratique de braidisme, ou hypnotisme nerveux considéré dans ses rapports avec la psychologie, la pathologie, et ses applications à la médecine, à la chirurgie, à la médecine légale et à l'éducation, baillière, paris, França, 1860.
101. Kerner, justinus, geschichte zweier somnambüle, braun, carlsruhe, Alemanha, 1824.
102. Kerner, justinus, die seherin von prevorst; über das innere leben des mesnchen und über das hereinragen einer geisterwelt in die unsere, cotta, stuttgart, alemanha, 1829.
103. Kerner, justinus, die somnambülen tische, ebner, stuttgart, alemanha, 1853.
104. Swedenborg, Emmanuel, céu e inferno.
105. Swedenborg, Emmanuel, a nova Jerusalém.
106. Swedenborg, Emmanuel, arcana coelestia.
107. Davis, Andrew Jackson, penetralia.
108. Davis, Andrew Jackson, princípios da natureza, 1847.
109. Santa sabedoria usa.
110. Papel sagrado usa.
111. Evans, F.W., New York daily telegraph, (EUA), Nov. /24/1874.
112. Olcott, people from the other world.
113. Britten, hardinge, modern american spiritualism, usa.
114. Boston journal, (EUA), nov. /22/1904.
115. Spiritual telegraph, (usa), 1852.
116. Edmonds, john worth, and dexter, t., spritualism, new york, ny, usa, 1853.
117. Gazeta de augsburgo (original em alemão), augsburg, alemanha, 18 de abril de 1853.
118. Mirville, j. Eudes de, des esprits et de leurs manifestations fluidiques, paris, França, 1854.
119. Mirville, j. Eudes de, question des esprits, ses progrès dans la science (appendice complementaire du premier mémoire et réponse), paris, França, 1855.

120. Nus, eugène, choses de l'autre onde, 2me édition, paris, França.
121. Chevreul, michel, de la baguette divinatoire, du pendule dit explorateur et des tables tournantes, mallet-bachelor, paris, França, 1854.
122. Figuiet, louis, histoire du merveilleux dans les temps modernes.
123. Kardec, allan, revue spirite, feb, rio de janeiro.
124. La patrie, (paris, França), 1850.
125. Gazette médicale, (paris, França), 1846-?.
126. Gazette des hôpitaux, (paris, França), 1846-?.
127. Gazette des tribunaux, (paris, França), 1846-?.
128. Presse médicale, (paris, França), 1853-?.
129. Journal du magnétisme, (paris, França), 1850-?.
130. Torres-solanot, primer congresso internacional espiritista, proêmio, 1888.
131. Capron, modern spiritualism, usa, pp. 310-313.
132. Owen, rosamund dale, light, (gb), p. 170, 1884.
133. Underhill, a. Leah (fox), the missing link in modern spiritualism, knox & co, new york, ny, usa, 1885.
134. Mahan, a., modern mysteries explained and exposed, jewett, boston, ma, usa, 1855.
135. Hare, robert, experimental investigation of the spirit manifestations, demonstrating the existence of spirits and their communications with mortals, partridge, philadelphia, usa, 1855.
136. De morgan, mrs., from matter to spirit, london, uk, 1863.
137. Agénor de gasparin, des tables tournantes, du surnaturel en général et des esprits, 2 vols., dentu, paris, França, 1854.
138. Report on spiritualism of the committee of the london dialectical society, longmans, londres, gb, 1871.
139. Adare, experiences in spiritualism with d. D. Home, edição particular do autor, londres, gb, 1869.

140. Crookes, william, "notes on seances with d. D. Home," proceed. S. P. R., (gb), vol. 6, part. 16, 1889.
141. Crookes, william, experimental investigations n psychic force, grillman, londres, gb, 1871.
142. Crookes, william, researchs in the phenomena of spiritualism, burns, london, uk, 1874.
143. Wallace, alfred russel, on miracles and modern spiritualism, burns, london, uk, 1875.
144. S. P. R., "travaux de la commission de "thoughtreading" et de "thought transference"," proceed. S. P. R., (gb), vol. 2, part. 6, 1884.
145. Barrett, william, the spiritualist, (uk), vol. lx, p. 87, 1876.
146. Rayleigh, the spiritualist, (uk), vol. lx, p. 87, 1876.
147. Brewster , mrs. Gordon, home life of sir david brewster, london, uk.
148. Nichols, t. L., a biography of the brothers davenport, london, uk, 1864.
149. Nichols, t. L., supramundane facts in the life of rev. J. B. Ferguson, ll. D., london, uk, 1865.
150. Cooper, robert, spiritual experiences: including seven months with the brothers davenport, london, uk, 1867.
151. Zöllner, karl gustav, transcendental physics.
152. Wallace, alfred russell, spectator, (uk), vol. Oct./07, 1877.
153. Barrett, william, s. P. R. Proceedings, (london, uk), vol. lv, p. 38 (foot).
154. Lodge, oliver, journal s. P. R., (uk), vol. Vi, p. 334, 1894.
155. Lodge, oliver, "some recent thought transference experiments," proceed. S. P. R., (gb), vol. 7, part. 20, 1892.
156. Lodge, myers, v. Edden, wilsons, piddington, hodgson, mrs. Verrall, "the trance phenomena of mrs. Thompson," proceed. S. P. R., (gb), vol. 17, part. 44, 1902.
157. Lodge, o., "an account of some experiments of thought transference," proceed. S. P. R., (gb), vol. 2, part. 6, 1884.

158. Verrall, mrs., "on a series of automatic writing," proceed. S. P. R., (gb), vol. 2, part. 53, p. , 1906.
159. Sidgwick, e., "an examination of book-tests obtained in sittings with mrs. Leonard," proceed. S. P. R., (gb), vol. 31, part. 81, 1921
160. Sidgwick, h., sidgwick, e., smith, g. A., "experiments in thought transferences," proceed. S. P. R., (gb), vol. 6, part. 15, 1890.
161. Gurney, e., "the stages of hypnotism," proceed. S. P. R., (gb), vol. 2, part. 5, p. , 1884.
162. Gurney, myers, podmore, phantasms of the living, 2 vols., trubner, londres, gb, 1886.
163. Gurney, myers, "on apparitions occuring soon after death," proceed. S. P. R., (gb), vol. 5, part. 14, 1889.
164. Podmore, f. , myers, f. W. H., "phantasms of the dead," proceed. S. P. R., (gb), vol. 6, part. 16, 1890.
165. Hodgson, r., "a case of double consciousness (ansel bourne)," proceed. S. P. R., (gb), vol. 7, part. 19, 1891.
166. Salter, e., "a further report on sittings with mrs. Leonard," proceed. S. P. R., (32, part. 82), 1921.
167. Hyslop, j. H., "report on the trance phenomena of mrs. Smead," proceed. Am. S. P. R., (usa), vol. 1, part. 3, 1907.
168. Hyslop, j. H., "the smead case," proceed. Am. S. P. R., (usa), vol. 12, 1918.
169. Troubridge, lady, "on a series of sittings with mrs. Osborne leonard," proceed. S. P. R., (gb), vol. 30, part. 78, 1919.
170. Thaw, b., "some experiments in thought transference," proceed. S. P. R., (gb), vol. 8, part. 23, 1892.
171. Sidgwick and johnson, "experiments in thought transference," proceed. S. P. R., (gb), vol. 8, part. 23, 1892.
172. Backman, a., "experiments in clairvoyance," proceed. S. P. R., (gb), vol. 7, part. 19, 1891.
173. Ochorowicz, j., de la suggestion mentale, doin, paris, frança, 1887.
174. Ochorowicz, j., les rayons rigides et les rayons xx, paris, 1910.

175. Ochorowicz, j., "radiographies des mains," annales des sc. Psych., (frança), nos. 10 a 12 de 1911 e no. 1 de 1912.
176. Dessoir, m., "experiments in muscle-reading and thought transference," proceed. S. P. R., (gb), vol. 4, part. 19 e vol. 5, part. 13, 1887-1888.
177. Notzing, schrenck, "experimental studies in thought transference," proceed. S. P. R., (gb), vol. 7, part. 18, 1891.
178. Hodgson, r., "a record of observations of certain phenomena of trance," proceed. S. P. R., (gb), vol. 8, part. 21, 1892.
179. James, william, "report on mrs. Piper's hodgson-control," proceed. S. P. R., (gb), vol. 23, 1909.
180. Sidgwick, mr., "a contribution to the study of the psychology of mrs. Piper's trance- phenomena," proceed. S. P. R., (gb), vol. 28, 1915. Obs: contém vasta literatura do assunto.
181. Flournoy, t., des indes à la planète mars. Etude sur un cas de somnambulisme avec glossalalie, eggiman, genebra, suiça, 1900.
182. Flournoy, t., nouvelles observations sur un cas de somnambulisme avec glossolalie, eggiman, genebra, suiça, 1902.
183. Flournoy, t., esprits et médiums. Mélanges de métapsychique et de psychologie, kundig, genebra, suiça, 1911.
184. Johnson, a., "on the automatic writing of mrs. Holland," proceed. S. P. R., (gb), vol. 21, part. 55, 1908.
185. Gibier, paul, le spiritisme ou fakirisme occidental, durville, paris, 1886 e 1922.
186. Gibier, paul, analyse des choses, physiologie transcendental, essai sur la science future, durville, paris, 1890 e 1921.
187. Gibier, paul, "recherches sur les matérialisations de fantômes, la pénétration de la matière et atres phénomènes psychiques,"ann. De sc. Psych., 1901.
188. Carrington, hereward, eusapia palladino and her phenomena, london, uk, 1909.
189. Bartlett, george c., the salem seer.
190. D'esperance, elisabeth, the shadow land, london, uk.
191. Oxley, william, angelic revelations.

192. Farmer, j. E., twist two worlds.
193. Myers, f. W. H., journal s. P. R., (uk), vol. Ix, p. 245.
194. Myers, f. W. H., journal s. P. R., (uk), vol. Xi, p. 24.
195. Myers, f. W. H., "automatic writing," proceed. S. P. R., (gb), vol. 3, part. 8, vol. 4, part. 11, 1885- 1887.
196. Myers, f. W. H., "on alleged movements of objects without contact occurring ot in the presence of a paid medium," proceed. S. P. R., (gb), vol. 7, part. 19 e 20, 1892.
197. Hyslop, james hervey, proceed. S. P. R., (uk), vol. Xvi.
198. Richet, charles, "relation de diverses expériences sur la transmission mentale, la lucidité et d'autres phénomènes non explicables para les données scientifiques actuelles," proceed. S. P. R., (gb), vol. 5 part. 13, 1888.
199. Richet, charles, thirty years of psychical research, london, uk.
200. Richet, charles, annals of psychical science, (uk), vol. li, p. 273.
201. Richet, charles, annals of psychical science, (uk), vol. li, p. 288.
202. Richet, charles, traité de métapsychique, félix alcan, paris, França, 1923.
203. Notzing, schrenck, physikalische phänomene des mediunismus. Studien zr erforschung der telekinetischen vorgänge, reinhardt, munique, alemanha, 1920.
204. Notzing, schrenck, materializations phänomene. Ein beitrage zur erforschung der demiumistischen teleplastie, ii rerhardt, munique, alemanha, 1923.
205. Notzing, schrenck, esperimente der fernbewegung (telekinese) im psychologischen institut der münchner universität und im laboratorium des verfassers, u. D. Verlag, stuttgart, alemanha, 1924.
206. Longaud, t., les phénomènes physiques de la mediumnité, payot, paris, 1925.
207. Geley, gustave, de l'inconscient au conscient, félix alcan, paris, França, 1921.
208. Geley, gustave, l'ectoplasmie et la clarvoyance, félix alcan, paris, França, 1924.
209. Crawford, w. J., the reality of psychic phenomena, 1917.
210. Crawford, w. J., experiments in psychical science, 1910.
211. Crawford, w. J., the psychic structures at the goligher circle, 1921.

212. Mumler, william h., personal experiences of william h. Mumler in spirit photography, boston, usa, 1875.
213. Wallace, alfred russel, miracles and modern spiritualism, london, uk, 1901, pp. 196-197.
214. Boldero, general, s. P. R. Journal, (uk), vol. Iv, p. 127.
215. Damiani, report of the london dialectical society, (uk), p. 201, 1871.
216. Hyslop, james hervey, proc. Am. S. P. R., (usa), vol. Vii, p. 570, 1913.
217. Baréty, a., le magnétisme animal étudié sous le nom de force neurique ryonnante et circulante, doin, paris, França, 1887.
218. Geley, gustave, revue metapsychique, (França), june, 1921.
219. Lombroso, cesar, hipnotismo e mediunidade, fev, rio de janeiro, rj, brasil, 1975.
220. Rochas, albert de, l'extériorisation de la sensibilité (há tradução em português), chamuel, paris, França, 1895.
221. Rochas, albert de, l'extériorization de la motricité, recueil d'expériences et d'observations, chamuel, paris, França, 1896.
222. Rochas, albert de, les vies successives, charconat, paris, França, 1911.
223. Rochas, albert de, le fluide des magnétiseurs, carré, paris, França, 1891.
224. Blondlot, comptes rendus de l'académie des sciences, passim., paris, França, 1904.
225. Kilner, w. J., the human atmosphere, or the aura made visible by the aid of chemical screens, rehman, londres, gb, 1912.
226. Haschek, ueber die von reichenbach beobachteten lichterscheinungen, ac. Des sc. De vienne, 123, viena, áustria, 1914.
227. Hofmann, a., die odische lohe, baum, pfüllingen, alemanha, 1920.
228. Fontenay, g. De, "le rôle de la plaque sensible dans l'étude des phénomènes psychiques," ann. Des sc. Psych., (paris), vols. Nos 1, 4, 11, e 12 de 1911 e no 1 de 1912.
229. Zöllner, k. F., die transzendente physik und die sogenannte philosophie, stachmann, leipzig, alemanha, 1878-79, p. 41.

230. Sokolowski, revue métapsychique, (frança), p. 322, 1922.
231. Boirac, e., la psychologie inconnue, alcan, paris, França, 1908.
232. Boirac, e., l'avenir des sciences psychiques, alcan, paris, França, 1916.
233. Alrutz, s., "une nouvelle espèce de rayonnement de l'organisme humain," arch. De neurologie et psychiatrie, (zurique), 1922.
234. Favre, louis, bulletin de l'institut général psychol., (frança), p. 282, 1904.
235. Favre, louis, bulletin de l'institut général psychol., (frança), p. 135, 1905.
236. Vasse, paul, revue métapsychique, (frança), p. 2, 1948.
237. Clarac & Ilaguet, les radiations humaines, Gounouilhou, Bordéus, 1921.
238. Grunewald, compte rendu du congrès de Copenhague, p. 287.
239. Gasc-desfossés, le magnétisme vital, Rudeval, Paris, 1897.
240. Imoda, annales des sc. Psych., (frança), p. 196, 1908.
241. Bozas, du bourg de, compte rendu du congrès de Copenhague, (frança).
242. Bozas, du bourg de, étude sur le fluide d'un médium à effets physiques, Terrier, Etampes, França, 1921.
243. Grunewald, compte rendu du congrès de Varsovie, (frança), p. 281.
244. Foa, p., "séances avec Mme. Paladino," annales des sc. Psych., (frança), vol. 4, 1907.
245. Sudre, René, revue métapsychique, (frança), vol. 3, 1924.
246. Geley, Gustave, revue métapsychique, (frança), vol. 4, 1924.
247. Morselli, h., psicologia e spiritismo, impressioni e note critiche sui fenomeni medianici di Eusapia Palladino, 2 vols., Bocca, Turim, Itália, 1908.
248. Courtier, j., "rapport sur les séances d'Eusapia Palladino à l'institut général psychologique," bull. Inst. Psych., (Paris), nos 5 e 6, 1909.
249. Bottazzi, p., "dans les régions inexplorées de la biologie humaine. Observations et expériences sur Eusapia Palladino," ann. Des sc. Psych., (Paris), vol. Nos 8, 9, e 10, 1907.
250. Bozzano, Ernesto, desdobramento - fenômenos de bilocação, Calvário, São Paulo, SP, Brasil, 1972.

251. Bozzano, ernesto, fenômenos de transporte, calvário, são paulo, sp, brasil, 1972.
252. Bozzano, ernesto, comunicações mediúnicas entre vivos, edicel, são paulo, sp, brasil, 1968.
253. Bozzano, ernesto, xenoglossia, feb, rio de janeiro, rj, brasil, 1980.
254. "les pouvoirs inconnus de l'esprit sur la matière," revue metapsychique, (frança), vol. 6, 1931 e 1932.
255. Chalmers, a. F., what is this thing called science?, university of queensland press, st. Lucia, 1978.
256. Popper, k. R., the logic of scientific discovery, hutchinson, london, 1968.
257. Kuhn, t. S., the structure of scientific revolutions, university or chicago press, chicago and london, 1970.
258. Lakatos, i., falsification and the methodology of a scientific research programmes, in: lakatos & musgrave, 1970, pp. 91-195.
259. Lakatos, i., & musgrave, a., criticism and the growth of knowledge, cambridge university press, cambridge, 1970.
260. Rhine, j. B., pratt, j. G., parapsichology - frontier science of the mind, charles c. Thomas, usa, 1962.
261. Editorial, "a proposed basis for choosing terms in parapsychology," j. Parapsychol., (usa), vol. 9, p. 147, 1945.
262. Editorial, "pattern of history in parapsychology," j. Parapsychol., (usa), vol. 17, p. 247, 1953.
263. Rhine, j. B., introduction to experimental parapsychology, in present-day psychology, philosophical library, new york, usa, 1955, pp. 469-486.
264. Rhine, j. B., parapsychology, in the new outline of modern knowledge, simon and schuster, new york, usa, 1956, pp. 193-211.
265. Thouless, r. H., "thought transference and related phenoma," proc. Roy. Institution of great britain, (gb), 1950.
266. Mcdougall, wm., psychical research as a university study, in "the case for and against psychical belief, clark univ. Press, worcester, mass., usa, p. 149, 1927
267. Mcdougall, wm., "editorial introduction," j. Parapsychol., (usa), vol. 1, p. 1, 1927.

268. Angier, r. P., cobb, p. W., dallenbach, k. M., dunlap, k., fernberger, s. W., johnson, h. M., and mcomas, h. C., "adequate experimental testing of the hypothesis of "extrasensory perception" based on card-sorting," j. Parapsychol., (usa), vol. 3, p. 28, 1939.
269. Editorial, "parapsichology and scientific recognition," j. Parapsichol., (usa), vol. 16, p. 225, 1952.
270. Editorial, "rational acceptability of the case for psi," j. Parapsychol., (usa), vol. 18, p. 184, 1954.
271. Editorial, "some considerations of methods in parapsychology," j. Parapsychol., (usa), vol. 18, p. 69, 1954.
272. Editorial, "the value of reports of spontaneous psi experiences," j. Parapsychol., (usa), vol. 12, p. 231, 1948.
273. Murphy, g., "the importance of spontaneous cases," j. Am. Soc. Psych. Res., (usa), vol. 47, p. 89, 1953.
274. Pope, j. B., and pratt, j. G., "the esp controversy," j. Parapsychol., (usa), vol. 6, p. 174, 1942.
275. Rhine, j. B., "impatience with scientific method in parapsychology," j. Parapsychol., (usa), vol. 11, p. 283, 1947.
276. Rhine, j. B., humphrey, b. M., and pratt, j. G., "the pk effect: special evidence from hit patterns. lii. Quarter distributions of the half-set," j. Parapsychol., (usa), vol. 9, p. 150, 1945.
277. Rhine, l. E., "conviction and associated conditions in spontaneous cases," j. Parapsychol., (usa), vol. 15, p. 164, 1951.
278. Soal, s. G., and pratt, j. G., "esp performance and target sequence," j. Parapsychol., (usa), vol. 15, p. 192, 1951.
279. "the esp symposium at the a.p.a.," j. Parapsychol., (usa), vol. 2, p. 247, 1938.
280. Rhine, l. F., "frequency of types of experience in spontaneous precognition," j. Parapsychol., (usa), vol. 18, p. 93, 1954.
281. Rhine, j. B., and pratt, j. G., "a review of the pearce-pratt distance series of esp tests," j. Parapsychol., (usa), vol. 18, p. 165, 1954.
282. Pratt, j. G., and woodruff, j. L., "size of stimulus symbol in extrasensory perception," j. Parapsychol., (usa), vol. 3, p. 121, 1939.

283. Soal, s. G., and goldney, k. M., "experiments in precognitive telepathy," *proc. Soc. Psychological res.*, (47), vol. 47, p. 21, 1943.
284. Soal, s. G., and bateman, f., *modern experiments in telepathy*, new haven, yale, usa, 1954.
285. Carington, w., "experiments on the paranormal cognition of drawings," *j. Parapsychol.*, (usa), vol. 4, p. 1, 1940.
286. Soal, s. G., "fresh light on card guessing - some new effects," *proc. Soc. Psychological res.*, (gb), vol. 46, p. 152, 1940.
287. Rhine, j. B., and humphrey, b. M., "the pk effect: special evidence from hit patterns. I. Quarter distributions of the page," *j. Parapsychol.*, (usa), vol. 8, p. 18, 1944.
288. Schmeidler, g. R., and murphy, g., "the influence of belief and disbelief in esp upon esp scoring levels," *j. Exper. Psychol.*, (usa), vol. 36, p. 271, 1946.
289. Van busschbach, j. G., "an investigation of esp between teachers and pupils in american schools," *j. Parapsychol.*, (usa), vol. 20, p. 71, 1956.
290. Carington, w., *telepathy: an outline of its facts, theory, and implications*, methuen, londres, gb, 1945, pp. 91-92.
291. Tyrrel, g. N. M., "the tyrrel apparatus for testing extrasensory perception," *j. Parapsychol.*, (usa), vol. 2, p. 107, 1938.
292. Humphrey, b. M. And pratt, j. G., "a comparison of five esp test procedures," *j. Parapsychol.*, (usa), vol. 5, p. 267, 1941.
293. Rhine, j. B., "telepathy and clairvoyance reconsidered," *j. Parapsychol.*, (usa), vol. 9, p. 176, 1945.
294. McMahan, e. A., "an experiment in pure telepathy," *j. Parapsychol.*, (usa), vol. 10, p. 224, 1946.
295. Rhine, j. B., "experiments bearing upon the recognition hypothesis. Iii. Mechanically selected cards," *j. Parapsychol.*, (usa), vol. 5, p. 1, 1941.
296. Rhine, j. B., "evidence of precognition in the covariation of salience ratios," *j. Parapsychol.*, (usa), vol. 6, p. 111, 1942.
297. Rhine, j. B., and humphrey, b. M., "a confirmatory study of salience in precognition tests," *j. Parapsychol.*, (usa), vol. 6, p. 190, 1942.

298. Hutchinson, I., "variations of time intervals in pre-shuffle card-calling," *j. Parapsychol.*, (usa), vol. 4, p. 249, 1940.
299. Tyrrel, g. N. M., "further experiments in extrasensory perception," *proc. Soc. Psychical res.*, (gb), vol. 44, p. 99, 1936.
300. Mangan, g. L., "evidence of displacement in a precognition test," *j. Parapsychol.*, (usa), vol. 19, p. 35, 1955.
301. Osis, k., "precognition over time intervals of one to thirty-three days," *j. Parapsychol.*, (usa), vol. 19, p. 82, 1955.
302. Nielsen, w., "mental states associated with success in precognition," *j. Parapsychol.*, (usa), vol. 20, p. 96, 1956.
303. Rhine, j. B., and rhine, I. E., "the psychokinetic effect: i. The first experiment," *j. Parapsychol.*, (usa), vol. 7, p. 20, 1943.
304. Rhine, j. B., humphrey, b. B., and pratt, j. G., "the pk effect: special evidence from hit patterns. Iii. Quarter distributions of the half-set," *j. Parapsychol.*, (usa), vol. 9, p. 150, 1945.
305. Pratt, j. G., "a reinvestigation of the quarter distribution of the (pk) page," *j. Parapsychol.*, (usa), vol. 8, p. 61, 1944.
306. Pratt, j. G., and woodruff, j. L., "an exploratory investigation of pk position effects," *j. Parapsychol.*, (usa), vol. 10, p. 197, 1946.
307. Dale, I. A., "the psychokinetic effect: the first a.s.p.r. experiment," *j. Am. Soc. Psychical res.*, (usa), vol. 40, p. 123, 1946.
308. Humphrey, b. H., "simultaneous high and low aim in pk tests," *j. Parapsychol.*, (usa), vol. 11, p. 160, 1947.
309. Thouless, r. H., "a report on an experiment on psychokinesis with dice, and a discussion of psychological factors favouring success," *proc. Soc. Psychical res.*, (gb), vol. 49, p. 107, 1949.
310. Mcconnell, r. A., snowden, r. J., and powell, k. F., "wishing with dice," *j. Exper. Psychol.*, (usa), vol. 50, p. 269, 1955.
311. A digest and discussion of some comments on: telepathy and clairvoyance reconsidered," *j. Parapsychol.*, (usa), vol. 10, p. 36, 1946.
312. Birge, w. R., "a new method and an experiment in pure telepathy," *j. Parapsychol.*, (usa), vol. 12, p. 273, 1948

313. Mundle, c. W. K., "the experimental evidence for pk and precognition," *proc. Soc. Psychical res.*, (gb), vol. 49, p. 61, 1949.
314. Murphy, g., "needed: instruments for differentiating between telepathy and clairvoyance," *j. Am. Soc. Psych. Res.*, (usa), vol. 42, p. 47, 1948.
315. Nash, c. B., "psychokinesis reconsidered," *j. Parapsychol.*, (usa), vol. 9, p. 264, 1945.
316. Rhine, j. B., "precognition reconsidered," *j. Parapsychol.*, (usa), vol. 9, p. 264, 1945.
317. Rhine, j. B., "the psychokinetic effect: a review," *j. Parapsychol.*, (usa), vol. 10, p. 5, 1946.
318. Schmeidler, g., "position effects as psychological phenomena," *j. Parapsychol.*, (usa), vol. 8, p. 110, 1944.
319. Rhine, j. B., "psi phenomena and psychiatry," *proc. Roy. Soc. Med.*, (gb), vol. 43, p. 804, 1950.
320. Ries, b. F., "further data from a case of high scores in card-guessing," *j. Parapsychol.*, (usa), vol. 3, p. 79, 1939.
321. Rhine, j. B., "the effect of distance in esp tests," *j. Parapsychol.*, (usa), vol. 1, p. 172, 1937.
322. McMahan, e. A. And rhine, j. B., "a second zagreb-durham esp experiment," *j. Parapsychol.*, (usa), vol. 11, p. 244, 1947.
323. McMahan, e. A., and bates, e. K., jr., "report of further marchesi experiments," *j. Parapsychol.*, (usa), vol. 18, p. 82, 1954.
324. Osis, k., "esp over a distance of seventy-five hundred miles," *j. Parapsychol.*, (usa), vol. 20, p. 229, 1956.
325. Nash, c. B., and richards, a., "comparison of two distances in pk tests," *j. Parapsychol.*, (usa), vol. 11, p. 269, 1947.
326. "the controversy in science over esp," *j. Parapsychol.*, (usa), vol. 19, p. 236, 1955.
327. Broad, c. D., "the relevance of psychical research to philosophy," in *religion, philosophy and psychical research*, harcourt, new york, usa, 1953, pp. 7-26.
328. Chari, c. T. K., "quantum physics and parapsychology," *j. Parapsychol.*, (usa), vol. 9, p. 225, 1945.

329. Editorial, "parapsychology and dualism," *j. Parapsychol.*, (usa), vol. 9, p. 225, 1945.
330. Hoffman, b., "esp and the inverse square law," *j. Parapsychol.*, (usa), vol. 4, p. 149, 1940.
331. Jordan, p., "reflections on parapsychology, psychoanalysis, and atomic physics," *j. Parapsychol.*, (usa), vol. 15, p. 278, 1951.
332. Mcconnell, r. A., "physical or nonphysical?," *j. Parapsychol.*, (usa), vol. 11, p. 111, 1947.
333. Murphy, g., "psychical research and the mind-body relation," *j. Am. Soc. Psychical res.*, (usa), vol. 40, p. 189, 1946.
334. Rhine, j. B., "the science of nonphysical nature," *j. Philosophy*, (usa), vol. 51, p. 801, 1954.
335. Rush, j. H., "some considerations as to a physical basis of esp," *j. Parapsychol.*, (usa), vol. 7, p. 44, 1943.
336. Walker, r., "parapsychology and dualism," *scient. Month.*, (usa), vol. 79, p. 1, 1954.
337. Wasserman, g. D., an outline of a field theory of organismic forms and behavior, in ciba foundation symposium on extrasensory perception, little, boston, usa, 1956, pp. 53-72.
338. Vasiliev, i. L., experiments in mental suggestion, inst. For the study of mental images, hampshire, england, 1963.
339. Vasiliev, i. L., la suggestion a distance, vigot frères, paris, 1963.
340. Pushkin, v. N., "experiments with boris wladimir ermolaev," *international journal of parapsychology*, vol. 14, nos. 1 e 2, p. 8, 1960.
341. Benson, h., "report no. 5: dr. V. M. Iniuschin," *jounal of paraphysics*, (), vol. 6, no. 5, p. 209, 1972.
342. Adamenko, v., *jounal of paraphysics*, vol. 5, no. 4, p. 109, 1971.
343. Iniuschin, v. M., "biological plasma of human and animal organism," *j. Of paraphysics*, vol. 5, nos. 1 e 2, p. 50, 1971.
344. Blackmore, susan j., *experiências fora do corpo, pensamento*, são paulo, sp, brasil, 1992.

345. Crookall, r., casebook of astral projection, university books , secaucus, n. J., usa, 1972.
346. Crookall, r., out-of-the-body experiences, citadel press, secaucus, n. J., usa, 1980.
347. Crookall, r., the study and practice of astral projection, citadel press, secaucus, n. J., usa, 1960.
348. Crookall, r., the techniques of astral projection, the aquarian press, wellingborough, usa, 1981.
349. Monroe, r. A., journeys out of the body, souvenir press, london, uk, 1972. Publicado em português com o título: viagens fora do corpo, record, rio, rj, brasil, 1972
350. Muldoon, s. J., carrington, h., los fenómenos de la proyeccion astral, kier, buenos aires, argentina, 1977.
351. Muldoon, s. J., carrington, h., projeção do corpo astral, pensamento, são paulo, sp, brasil, 1965.
352. Prado, h., no limiar do mistério da sobrevivência, baturia, são paulo, sp, brasil, 1967.
353. Zaniah, diccionario esotérico, kier, buenos aires, argentina, 1974.
354. Osis, k., mc cormick, d., "kinetic effects at the ostensible location of an out-of-body projection during perceptual testing," j. Aspr, (usa), vol. Vol. 74, no. 3, july/1980.
355. Osis, k., mc cormick, d., "current aspr research on out-of-body experiences," aspr newsletter, (usa), vol. Vi, no. 4, p. 21, october, 1980.
356. Barrett, w. F., death-bed visions, methuen, london, uk, 1926.
357. Osis, k., deathbed observations by physicians and nurses, (monografia) parapsychology foundation inc., new york, ny, usa, 1961.
358. Osis, k., "deathbed observations by physicians and nurses: a cross-cultural survey," j. Aspr, (usa), vol. 71, no. 3, july/1977.
359. May, a., "last exits and beyond (entrevista com a dra. Elisabeth kübler-ross)," psychic, (usa), jul./aug. 1976.
360. Stevenson, i., cases of the reincarnation type: ten cases in india, vol. I, university press of virginia, charlottesville, virginia, usa, 1975.

361. Stevenson, i., cases of reincarnation type: ten cases in sri-lanka, vol. li, university press of virginia, charlottesville, virginia, usa, 1977.
362. Stevenson, i., cases of reincarnation type: twelve cases in lebanon and turkey, vol. lii, university press of virginia, charlottesville, virginia, usa, 1983.
363. Stevenson, i., cases of reincarnation type: twelve cases in thailand and burma, vol. lvi, university press of virginia, charlottesville, virginia, usa, 1983.
364. Muller, k. E., reincarnation based on facts, psychic press, london, uk, 1970. Publicada também em português como: reencarnação baseada em fatos, difusora cultural, são paulo, sp, brasil, 1978.
365. Netherton, m. , shiffrin, n., past lives therapy, william morrow, new york, ny, usa, 1978.
366. Juergenson, f., telefone para o além, civilização brasileira, rio de janeiro, rj, brasil, 1972.
367. Raudive, k., breakthrough, taplinger, new york, ny, usa, 1971.
368. Miranda, hermínio c., histórias que os espíritos contaram, liv. Espírita alvorada editora, salvador, ba, brasil, 1980.
369. Tourinho, nazareno, surpresas de uma pesquisa mediúnica, casa editora o clarim, matão, sp, brasil, 1981.
370. Tourinho, nazareno, curiosidades de uma pesquisa mediúnica, casa editora o clarim, matão, sp, brasil, 1983.

DA ORIGEM DAS ESPÉCIES À TEORIA DA EVOLUÇÃO

Carlos de Brito Imbassahy

Quando o naturalista inglês Charles Darwin lançou seu estudo ou teoria a respeito da origem das espécies, na época, encontrou uma enorme oposição religiosa porque, de fato, seus fundamentos se estribavam exclusivamente em hipóteses deveras materialistas.

Apesar disso, ele apresentava farto documentário de suas observações que, sem dúvida, davam cabedal para seus argumentos. Contudo, abalava a hipótese de que deus teria feito tudo à sua vontade e cada coisa de per si. E, por outro lado, vinha corroborar com o cavaleiro de Lamarck – nascido Jean Baptiste de Monet – em sua hipótese evolucionista.

Lamarck tinha sérios opositores entre os naturalistas, principalmente porque nunca aceitara a classificação biológica de Lineu e, com sua obra filosofia zoológica lançara contra si toda a fúria da igreja. Sua hipótese de que a vida houvesse surgido da primeira célula orgânica e que tenha se transmigrado gradativamente para espécies imediatamente superiores até chegar à condição de alga, transformar-se em zoófitos e gradativamente evoluir até o primeiro vertebrado, era tido como heresia contra os desígnios do criador.

De fato, a ciência primava pelo materialismo absoluto, apesar da falta de subsídios. Contudo, para ela, ainda era mais compreensível admitir que uma célula orgânica fosse a causa da vida que supor a existência do Deus absoluto, religioso, dispondo tudo a seu bel prazer, de forma tão incoerente.

A mudança começou com Werner Heisenberg, cientista alemão que viveu durante o período nazista e muito lutou contra seu predomínio despótico. Analisando a tese das emissões, observou que determinadas partículas não obedeciam ao mesmo comando, desviando-se da sua trajetória como se tivesse vontade própria. Ele mesmo comparou-as a ovelhas desgarradas.

Murray Gell Mann, à frente do “acelerador Fermi de partículas” da Stanford university (Estados Unidos), ao equacionar a colisão de um elétron com um pósitron, concluiu que essas partículas agiam como se fossem comandadas por alguma ação externa à energia universal.

Foi dessa forma que nasceu a hipótese da existência de agentes estruturadores externos ao universo e capazes de atuar sobre a sua energia, modulando-a e dando-lhe formas ditas materiais. Estes agentes, atualmente, são chamados de frameworkers.

A hipótese da sua existência foi reforçada quando o observatório keck II, do Haway, descobriu que, em torno da estrela alfa centauro, forças extracósmicas atuavam sobre a poeira cósmica em seu entorno, dando início à possível formação de um sistema planetário. Estaria explicada a origem de tudo?

Neste caso, não apenas o homem teria alma – ou princípio de vida espiritual, mas tudo dentro do universo, até mesmo a partícula elementar teria um princípio de vida não biológica estruturado por um agente externo ao próprio universo. E neste caso, a teoria da evolução das espécies tomaria uma nova concepção a ser analisada, partindo do pressuposto que esses agentes é que seriam os responsáveis pela formação, a seu tempo, de cada espécie.

MATERIALISMO E CIÊNCIA

Matheus Artioli Firmino

Materialismo é a corrente filosófica que admite como causa de todos os fenômenos do universo a matéria e suas propriedades. Nega a existência de um princípio inteligente independente da matéria. A inteligência e sentimentos humanos seriam atributos da matéria. A consciência nasceria com o desenvolvimento do sistema nervoso no feto e morreria junto com o corpo na falência do encéfalo. A mente seria uma secreção do cérebro, como a bile é uma secreção do fígado, o suco gástrico do estômago e a urina dos rins [1].

Abstendo-nos de estudar as origens históricas do materialismo, podemos refletir sobre o que leva um espírito imortal negar a própria realidade. Notemos que a idéia se alastra entre as pessoas dedicadas a desvendar a verdade pelo método mais rigoroso e seguro, a ciência. Entre as ciências naturais, particularmente aquelas cujo objeto de estudo é o corpo humano, a anatomia e a fisiologia, encontramos pesquisadores de renome ridicularizarem o espiritualismo, ou seja, a concepção científico-filosófico-religiosa da existência da alma [2]. Tal é a desarmonia entre as idéias inatas clamando pela imortalidade e a crença artificial do nada, que o materialista pode ser considerado como portador de um desvio mental, de causa inexata, como uma excrescência nascida de um pequeno cisto, mas agora espalhando metástases [3].

Citemos um exemplo. No século XX, com os avanços da neurofisiologia e da neurocirurgia, o sistema nervoso pôde ser mais intimamente investigado. Como o cérebro em si não possui nervos para dor e tato em sua superfície, experimentos com humanos foram feitos atuando-se diretamente no cérebro exposto de voluntários. Dessa forma, através de microeletrodos geradores de pequenas correntes elétricas em células nervosas, foram determinadas com precisão as áreas cerebrais que comandam cada músculo voluntário do corpo. Nesse caso, o indivíduo fica desacordado e o pesquisador cataloga qual músculo é ativado frente a um estímulo elétrico numa área do cérebro [4]. Observemos as conclusões do materialismo: “a mente humana é, portanto, um conjunto de impulsos nervosos (elétricos) percorrendo o encéfalo”.

Todavia, esse experimento nos faz lembrar as reflexões de Allan kardec, no século XIX, quando toma como modelo as batidas de um sino numa antiga cidade [5]: o sino é matéria e, portanto não toca pela vontade própria, assim como um corpo sem o espírito; mas quando às 18 horas ele soa, as pessoas da cidade entendem a mensagem e sabem que, na

verdade, é uma inteligência externa a ele que o comanda; porém, quando o sino soa aleatoriamente, todos entenderão que não há mensagem alguma, e possivelmente o vento o balançou. A análise neurofisiológica citada indica evidentemente que o cérebro comando o corpo, no entanto sozinho não é nada, pois quando a inteligência encarnada não agia (por efeito do anestésico) foi necessária uma outra inteligência externa, o pesquisador, para ativá-lo.



As conseqüências da crença materialista são óbvias: ausência total da responsabilidade para consigo e para com os outros. Considerar a existência humana começando no berço e

terminando no sepulcro é a apologia de todos os vícios, como um material inflamável lançado sobre o fogo das paixões humanas. Levaria o ser a pensar em aproveitar todos os prazeres oferecidos na matéria com a exaltação suprema do egoísmo. “O mundo é dos espertos, dos astutos” diríamos, já que tudo acaba na morte. Aliás, já que todos iriam desaparecer mesmo, porque não desligar os aparelhos vitais de pacientes terminais e daqueles que gritam de dor em um momento de desespero? Ao sinal do menor sofrimento, o que não é raro, o suicídio seria uma solução elegante. Se um indivíduo pensando assim traria problemas, imaginemos se essa doutrina fosse generalizada. A sociedade acabaria por destruir-se, exterminando toda a espécie humana [6].

Felizmente, um número muito reduzido de pessoas chega a esse ponto, vivenciando o credo materialista e superando o próprio instinto de conservação. Na realidade, devemos compreender que não são os estudos das ciências naturais que são perigosos por levarem as pessoas ao materialismo. Quase sempre, o orgulho de pensar conhecer todos as leis e fenômenos naturais e o desejo de não se comprometer com a própria consciência, criam tais conclusões infantis. Daí entendermos que as universidades estão povoadas de espíritos pseudo-sábios, liderando a ciência com interesses pessoais de crença. Para compreender melhor a origem dessa patologia mental, podemos dividir os materialistas em: os sistemáticos e os fanfarrões [7].

No primeiro grupo, estão aqueles que negam sistematicamente as verdades espirituais apesar das evidências filosóficas e científicas. Compreendendo, por exemplo, os fenômenos biológicos previsíveis, independentes da nossa vontade, e que são facilmente induzidos se entendermos a neurofisiologia humana, constataremos a nossa existência pelos nossos pensamentos e não pelo comportamento corporal. “Penso, logo existo”, essa é a segurança filosófica da existência de um princípio inteligente independente da matéria [8]. Ademais, desde o século XIX, a existência do espírito e suas relações com a matéria têm sido investigadas segundo a luz da ciência, ou seja, experimental e quantitativamente. Desse modo, não devemos perder tempo em tentar convencer essa classe de materialistas, cujo orgulho venceu as evidências. Lembremos de Paulo de Tarso, quando, depois de pregar o evangelho em várias cidades do oriente, lembrou-se de anunciar a boa nova em Atenas, a capital da filosofia clássica, cujas luzes conhecera desde criança. Chegando lá, foi considerado louco e fanático e ridicularizado a gargalhadas pelos “ilustres” pensadores. Então, Paulo compreendeu com mais clareza porque o mestre Jesus tinha escolhido encarnar entre os povos submissos, vivendo entre as pessoas simples da galiléia; a

humildade é uma condição indispensável para entender e aceitar que somos todos igualmente filhos de deus e temos compromissos com a própria consciência [9].

No segundo grupo, estão os materialistas vacilantes, cuja ausência de crença e vazio interior conduziram-nos ao desespero do niilismo. Negaram antes o irracional, as religiões dogmáticas que apresentam conceitos grosseiros e fantasiosos de forma imposta e irrefletida. Na verdade, mostrando-lhes uma doutrina racional e esclarecedora, com bases científicas e filosóficas para a realidade da inteligência livre, agarrá-la-ão como uma tábua de salvação das angústias carregadas. Por isso, “ao verdadeiro espírita nunca faltará oportunidade de fazer o bem; há corações aflitos a aliviar, consolações a dispensar, desesperos a acalmar, reformas morais a operar; essa é a sua missão e nela encontrará a verdadeira satisfação [10]”. Assim, o esclarecimento espírita deve ser estendido levantando a bandeira da imortalidade àqueles que realmente a desejam, mas a prática da caridade consciente, conseqüência desse entendimento, arrasta qualquer um para o caminho do bem [11].

Nesse sentido, desejamos desenvolver essas páginas na internet, com o objetivo de atender a necessidade de nós, espíritas, trazendo conceitos científicos e temas da área atestando sempre a veracidade dos ensinamentos de Allan Kardec e dos espíritos da codificação nas obras básicas e notando com entusiasmo a ciência terrestre chegando cada vez mais perto das verdades espirituais. Mais uma vez, recordemos o apóstolo dos gentios, em sua primeira carta para coríntios (1:23): “mas nós pregamos um Cristo crucificado, que é escândalo para os judeus e loucura para os gregos”. O aprendiz fiel, porém, não se atemoriza [12].

Referências Bibliográficas

1. Kardec, Allan (1890). Obras póstumas, 22ª edição. Feb. Profissão de fé espírita raciocinada, II.
2. Kardec, Allan (1857). O livro dos espíritos, 54ª edição. Lake. Questão 147.
3. Emmanuel (1960). Religião dos espíritos, 10ª edição. Feb. Materialismo: página 189.
4. Aires, Margarida (1999). Fisiologia, 2ª edição. Guanabara Koogan S.A. capítulo 27: 280-281.
5. Kardec, Allan (1868). A gênese, 17ª edição. Lake. Capítulo 11: item 1.
6. Kardec, Allan (1865) O céu e o inferno, 3ª edição. Lake. Capítulo 1: itens 2 e 3.

7. Kardec, Allan (1857). O livro dos espíritos, 54ª edição. Lake. Questão 148.
8. Descartes, René (1637). Discurso do método. Nova cultura. Quarta parte.
9. Emmanuel (1941). Paulo e Estevão. Feb. Segunda parte, capítulo 6: página 416.
10. Kardec, Allan (1865). O livro dos médiuns. Lake. Primeira parte, capítulo 3: item 30).
11. Emmanuel (1960). Religião dos espíritos, 10ª edição. Feb. Materialistas: página 187.
12. Emmanuel (1952). Vinha de luz, 11ª edição. Feb. Aos discípulos: lição 7.

O Espiritismo é uma Ciência?

Charles Kempf

Traduzido por: Paulo A. Ferreira Revisado por: Lucia F. Ferreira

INTRODUÇÃO

As palavras espiritualismo e espiritualista têm uma acepção muito geral: qualquer um que acredite ter em si outra coisa além da matéria é espiritualista. Ao contrário, os termos ESPIRITISMO e ESPÍRITA são neologismos, isto é, palavras inventadas por seu codificador, Allan Kardec.

Allan Kardec definiu o Espiritismo como "uma ciência que trata da natureza, da origem e do destino dos Espíritos, e de suas relações com o mundo corporal".

O Espiritismo é então bem definido como uma ciência. Mas se distingue das disciplinas científicas já estabelecidas e estudadas nas academias pelo objeto de seus estudos: o elemento espiritual.

Para ilustrar este ponto, tentaremos inicialmente identificar, em um breve resumo histórico, os elementos que caracterizam o Espiritismo. Em seguida, faremos um paralelo com alguns conceitos clássicos e modernos da ciência, para mostrar as ligações e as diferenças com relação ao Espiritismo. Por fim, abordaremos os diversos aspectos do conhecimento.

HISTÓRICO DAS APARIÇÕES E DO DESENVOLVIMENTO DO ESPIRITISMO

A partir de 1847, o lar da família Fox, em Hydesville no Estado de New York, foi perturbado por ruídos inexplicáveis, que tiravam o seu sono.

Em 31 de Março de 1848, a caçula da família, Kate Fox, teve a idéia de abrir um diálogo com o que se podia chamar a "causa" dos barulhos, estabelecendo convenções rudimentares (o número de batidas identificava a letra do alfabeto). A "causa" então respondeu, apresentando-se como o espírito de uma pessoa falecida, dando seu nome e sua história. Esses elementos, ignorados pelos assistentes, puderam ser verificados, pelo menos parcialmente. Kate Fox havia então descoberto o que parecia ser um meio de comunicação entre os dois mundos.

A série desses eventos, o exame rigoroso que foi feito (pelo menos três comissões foram nomeadas), assim como as acusações e as perseguições nascidas dos fanatismos religiosos, tiveram uma grande repercussão na Europa.

O fenômeno das mesas girantes decorreu por volta de 1850, expandindo-se largamente pelo mundo, e confirmava a hipótese da manifestação de forças inteligentes intervindo sobre o plano físico. É a própria mesa que indica um método permitindo obter a escrita, meio de comunicação mais prático e rápido. Mais tarde, se constatou que a escrita podia ser obtida diretamente por intermédio da mão dos médiuns, e as comunicações se realizar diretamente pela voz dos médiuns. Muitos outros fenômenos foram produzidos, como a escrita direta sobre ardósias ou sobre papel encerrado em caixas seladas, clarões luminosos, etc, e isso ao mesmo tempo e por toda parte no mundo.

Esses fenômenos se transformaram em moda e passa-tempo. Em consequência, foram freqüentemente acolhidos com grande incredulidade, mas atraíram também a atenção dos homens de ciência, que se puseram a observar e estudar seriamente as fenomenologias mediúnicas, descartando rapidamente a hipótese de fraudes.

Entre eles figura Hippolyte Rivail, que mais tarde adotaria o pseudônimo de Allan Kardec. Nascido em Lyon em 1804, ele estudou em Yverdon, na Suíça, no Instituto de Henri Pestalozzi. Rivail começou sua carreira como professor de letras e de ciências. Excelente pedagogo publicou diversos livros didáticos e contribuiu para a reforma do ensino francês.

Foi em 1854 que ele ouviu falar das mesas girantes e das manifestações inteligentes. Cético de início adotou, entretanto, uma atitude correta ao aceitar assistir às experiências,

empreendendo depois seus sérios estudos do Espiritismo. Sem nunca elaborar uma teoria preconcebida ou prematura, aplicou o método experimental pela observação rigorosa e meticulosa dos fenômenos.

Analisando não somente o aspecto externo dos fenômenos, mas também o teor muito coerente das melhores comunicações recebidas, ele aplicou o princípio da causalidade: os efeitos inteligentes devem ter uma causa inteligente. Esta causa inteligente definiu a si mesma como sendo um espírito, ou princípio inteligente dos seres humanos, sobrevivendo à morte que não é senão a destruição do corpo físico. Mas "o Espiritismo não concluiu pela existência dos Espíritos senão quando essa existência se ressaltou como uma evidência da observação dos fatos e, também, de outros princípios".²

Allan Kardec rapidamente descartou a infalibilidade dos espíritos, que não sabem mais do que quando estavam encarnados entre os humanos. Não é por estarem mortos que devem tudo saber. Todavia, constatou que alguns dentre eles possuíam um nível intelectual e moral bem acima da média terrestre, que "se exprimiam sem alegorias, e davam às coisas um sentido claro e preciso que não possa estar sujeito a uma falsa interpretação".³ Além disso, seus ensinamentos lógicos clareavam, confirmavam e sancionavam por provas o texto das escrituras sagradas e noções filosóficas por vezes muito antigas. Os fenômenos sendo naturais e universais remontam à noite dos tempos.

Por um trabalho de observação e análise metódica, multiplicando as fontes (50.000 mensagens) e os médiuns, comparando as mensagens e passando-as sob o crivo da razão e do bom senso, Allan Kardec organizou e triou os ensinamentos dos espíritos, e os publicou em 18 de Abril de 1857 no "O Livro dos Espíritos". Esse livro contém "os princípios da doutrina Espírita sobre a imortalidade da alma, a natureza dos espíritos e suas relações com os homens, as leis morais, a vida presente, a vida futura e o porvir da humanidade, segundo o ensinamento dado pelos espíritos superiores".

Este último ponto é importante, porque precisa que a Doutrina Espírita não é uma concepção pessoal de Allan Kardec. Ele não é nem "fundador" nem "papa" "do Espiritismo, mas" Codificador da Doutrina Espírita ". Seguindo o mesmo princípio, entre 1857 e 1869, ano de sua desencarnação, Allan Kardec completou "O Livro dos Espíritos" "por outras obras, que são":

- "O Livro dos Médiuns", precisando a teoria dos fenômenos e das manifestações;

- "O Evangelho segundo o Espiritismo", dando a explicação das máximas morais do Cristo de acordo com o Espiritismo, explorando suas repercussões filosóficas e éticas;
- "O Céu e o Inferno" ou a justiça divina segundo o Espiritismo, que explora igualmente as repercussões filosóficas do Espiritismo no domínio da ética, e completa a base experimental;
- "A Gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo", aprofundando vários pontos da teoria.

Voltaremos sobre as idéias de Kardec no desenvolvimento dessa exposição.

Outros homens de ciência igualmente estudaram esta fenomenologia, desafiando, por vezes, a conspiração do silêncio e mesmo o descrédito das ciências "oficiais" e suas academias.

Em 1853, Robert Hare, professor de química na Universidade de Pensilvânia, quis desmascarar "a ilusão dos fenômenos de Hydesville". Em 1855, após numerosas e meticulosas experiências, ele reconheceu sua autenticidade, publicando o livro "Experimental Investigation of the Spirit Manifestation".

A Sociedade Dialética de Londres nomeou uma comissão em 1869 para fazer a verificação dos fenômenos espíritas. Dezoito meses mais tarde, esta comissão reconheceu sua autenticidade.

Alfred Russel Wallace, colaborador de Charles Darwin, afirmou em 1874: "Os fatos são coisas teimosas, dos quais não podemos nos desembaraçar segundo a nossa vontade. Não é exagero afirmar que os fatos principais estão hoje tão bem caracterizados e são também tão facilmente verificáveis quanto quaisquer outros fenômenos excepcionais da Natureza, ainda não reduzidos a uma lei".

William Crookes, prêmio Nobel de física, conduziu pesquisas intensas entre 1870 e 1876, notadamente sobre os fenômenos de ectoplasmia, obtendo a materialização completa do espírito de Kate King. Ele afirmou, na academia de Londres, diante dos sorrisos maliciosos de seus colegas: "Eu não disse que isso é possível, disse que é". Mais tarde, descobriu o Tálho, inventou o tubo de Crookes, o que levou à descoberta do elétron, dos raios X e do tubo catódico...

Em 1877, Zöllner, professor de Física e de Astronomia na Universidade de Leipzig, ao lado de William Edward Weber, professor de Física, de Scheibner, professor de matemática e de

Gustave Theodore Fechner, professor de Física e filosofia naturalista, se declararam "perfeitamente convencidos da realidade dos fatos observados (com o médium Slade), e de que aí não havia nem impostura nem prestidigitação".

Depois, em 1882, a Sociedade de Pesquisas Psíquicas (S.P.R.) de Cambridge estudou numerosos fenômenos, entre os quais várias centenas de casos de aparições, publicando regularmente o relatório de suas atividades (proceedings). Frederic Myers, psicólogo, aí participa no estudo do fenômeno da telepatia, qualificada de "fato incontestável".

O Doutor Gustave Geley, professor da Faculdade de Medicina de Lyon, estudou o ectoplasma e os fenômenos de materializações. Obteve moldagens de cera, impossíveis de serem reproduzidas por outro processo e que estão conservadas no Instituto Metapsíquico International em Paris.

Por causa da intolerância das academias oficiais, o Doutor Paul Gibier, membro da S.P.R., teve de abandonar sua pátria, e se tornou diretor do Instituto Pasteur em New York.

Charles Richet, professor da Faculdade de Medicina de Paris, prêmio Nobel de Fisiologia e autor do "Tratado de Metapsíquica", participou nas experiências de Geley e naquelas da Comissão de Milão em 1892, com Cesare Lombroso, antropologista professor na Faculdade de Medicina de Turin, Alexander Aksakof, sábio russo conselheiro do czar, e Carl du Prel, filósofo de Munich. Trouxe com ele, em 1894, a médium Eusapia Paladino, em companhia de Oliver Lodge, médico inglês, e de Frederic Myers. Este último chegou à conclusão de que a hipótese espírita era a única capaz de dar conta de todos os fenômenos que havia observado. Oliver Lodge afirmou que "a sobrevivência está cientificamente provada por meio da investigação científica".

Charles Richet igualmente participou nos trabalhos da comissão de estudos científicos em 1898, com Camille Flammarion, astrônomo francês, e o Coronel Albert de Rochas, diplomata e administrador da Escola Politécnica. Este último realizou numerosas experiências sobre o magnetismo, o sonambulismo, a exteriorização da sensibilidade (desdobramento) e a motricidade assim como a levitação. Deve-se a ele a afirmação seguinte: "Esses fenômenos extraordinários (exteriorização da sensibilidade), dos quais o simples enunciado basta para exasperar aqueles que se consideram cientistas... não são para nós senão uma extensão do que temos observado, e sobre os quais, hoje, a dúvida não é mais possível".

Camille Flammarion por muito tempo estudou e contribuiu para vulgarizar os fenômenos espíritos, escrevendo várias obras. Estabeleceu a existência da telepatia no momento da morte. Deve-se a ele a citação seguinte: "Não hesito em dizer que aquele que declara os

fenômenos Espíritas contrários à ciência, não sabe do que fala. Com efeito, na natureza, não há nada de sobrenatural; há o desconhecido, mas o desconhecido de ontem torna-se a realidade de amanhã”.

Gabriel Delanne, engenheiro formado pela Escola Central das Artes e Manufaturas, estudou os fenômenos entre 1874 e 1926. Pesquisador infatigável merece um lugar de honra em razão de sua impressionante bibliografia de oito obras muito precisas e detalhadas sobre o Espiritismo científico e experimental.

Por sua parte, Léon Denis, orador incomparável e grande estudioso da fenomenologia, desenvolveu consideravelmente as conseqüências no plano filosófico e ético.

Citamos igualmente Ernesto Bozzano, etnólogo, Sir Arthur Conan Doyle, criador de Sherlock Holmes e autor de "The History of Spiritualism" (A História do Espiritismo), etc.

Precisaríamos de várias páginas para dar uma lista completa de todos os intelectuais que se têm debruçado sobre as relações entre os vivos e os chamados mortos. Todos esses pesquisadores eminentes da fenomenologia espírita teriam sido alvo de zombarias?

É mais fácil falar do que demonstrar, levando-se em conta a riqueza, a extensão e a força das mensagens que nos legaram. "Seu caráter e seu saber são tão valiosos que se pode dizer: depois de tudo que tais homens afirmaram, é possível que realmente haja alguma coisa. É preciso primeiramente ter em conta o caráter das pessoas e o interesse que elas poderiam ter em ludibriar. Seria isso então uma diversão? Pode-se até se divertir por um instante, mas uma diversão indefinidamente prolongada seria tão fastidiosa para o mistificador quanto para o mistificado. Teríamos, além disso, uma mistificação que se propaga de uma extremidade do mundo à outra, e entre as pessoas mais sérias, mais honoráveis e mais esclarecidas; algo que seria pelo menos tão extraordinário quanto o próprio” fenômeno “⁴. Onde há fumaça, há fogo...”.

Por outro lado, tiveram os críticos o trabalho de estudar os fatos aparentemente estranhos e de uma ordem nova? Se esses fatos se produzem, seguem forçosamente uma lei natural, e segundo a metodologia moderna, as atitudes ou precauções sistemáticas são recomendadas.

A História das Ciências nos dá numerosos exemplos de descobertas que necessitaram de um longo período de lutas para vencer a resistência e mesmo a oposição da maioria ancorada às idéias em vigor.

No século XX, o Espiritismo conheceu um desenvolvimento importante no Brasil onde hoje mais de uma dezena de milhões de Espíritas freqüentam mais de 5500 associações. Os

Espíritas pertencem a todas as classes sociais, dos mais modestos aos mais intelectuais. Há associações espíritas nas favelas, no meio dos operários, nas universidades, entre os médicos, psicólogos, psiquiatras, profissionais da comunicação, filósofos, militares, etc. Numerosas obras complementares cobrindo todos os aspectos da pesquisa e das aplicações da doutrina espírita têm sido publicadas.

Certamente o Espiritismo conheceu um desenvolvimento mais lento nos países industrializados, onde as tradições religiosas, a indiferença dos homens e seu apego às coisas materiais são mais fortes.

Os Espíritos o haviam pressentido afirmando que « Seria conhecer bem pouco os homens, pensar que uma causa qualquer pudesse transformá-los como por encanto. As idéias modificam-se pouco a pouco, conforme os indivíduos, e são necessárias gerações para apagar completamente traços de velhos hábitos. A transformação pode operar-se então apenas em longo prazo, gradualmente e passo a passo; em cada geração, uma parte do véu se dissipa; o Espiritismo o vem romper completamente; mas, no entanto, se tivesse por efeito corrigir um só defeito que fosse em um homem, isso já seria um passo que teria dado, e por isso mesmo um grande bem, porque esse primeiro passo tornaria os outros mais fáceis. »

Na Europa e nos Estados Unidos, o longo período de desenvolvimento industrial desemboca atualmente em uma espécie de desencantamento e em um período de crise e se denota uma recuperação do interesse para as questões espirituais. Nos meios científicos, a Nova Gnose (Princeton), nascida nos anos 70, se vê religiosa no seu espírito, de resto estritamente científico.

No meio médico, o magnetismo animal retorna com força, como também as experiências de morte iminente, a acupuntura, a hipnose, etc.

Todavia, é imperativo distinguir os trabalhos sérios daqueles com fins comerciais, sensacionalistas, sectários, esotéricos ou provenientes de autores sem conhecimento de causa ou navegando em meio a sofismas.

Entre as diversas atividades da União Espírita Francesa, o Grupo Espírita Amor e Paz e o Centro de Hénin Beaumont realizam atualmente pesquisas sobre a Transcomunicação Instrumental, que serão objeto de uma apresentação específica.

Outros centros realizam experiências de fotografia transcendental.

O ESPIRITISMO FACE AOS CONCEITOS CLÁSSICOS E MODERNOS DA CIÊNCIA

A Ciência é geralmente definida como "um conjunto de conhecimentos sobre um determinado objeto, obtido por certos critérios metódicos e sistemáticos, em um sistema construído logicamente". A física é o exemplo típico.

Não desejamos entrar aqui nos debates filosóficos sobre a validade dos conceitos e dos métodos científicos, o que está longe de ter unanimidade. Com efeito, "este ramo da filosofia tem evoluído bastante nos quatro últimos decênios, nos oferecendo hoje uma concepção da ciência muito mais fiel à sua" história "6".

Limitar-nos-emos a apresentar sumariamente certos conceitos e depois examinaremos suas relações com o Espiritismo.

CONCEITOS CLÁSSICOS

Entre o século XVI e meados do século XX, a Ciência estava caracterizada pela adoção do "método racional" ou "método científico". Leonard da Vinci, Pascal, Bacon, Lavoisier, Descartes e Newton sublinharam a regra fundamental da experiência e da observação nas ciências da natureza. Nenhuma hipótese deveria intervir durante a observação, as leis eram deduzidas a posteriori. O método experimental tem sido estendido a diversos setores, desde a biologia à fisiologia. Estes conceitos clássicos predominam ainda em nossos dias no público e subsistem mesmo entre os cientistas.

Allan KARDEC afirma que "o Espiritismo não coloca como princípio absoluto senão o que está demonstrado como uma evidência, ou o que ressalta logicamente da" observação "7". Como meio de elaboração, o Espiritismo procede exatamente da mesma maneira que as ciências positivas, isto é, aplica o método experimental. Fatos de uma ordem nova se apresentaram que não podem ser explicados pelas leis conhecidas; ele as observa, compara, analisa, e, dos efeitos remonta às causas, chega à lei que os rege; depois, deduz as conseqüências e busca aplicações úteis "8".

Kardec emprega a expressão "ciência positiva", mas isso não significa que o Espiritismo aceite a metodologia e a ideologia positivista de Auguste Comte.

Com efeito, nesta época, a Ciência estava se impondo no centro do conhecimento humano. As leis novas não podiam ser incompatíveis com as leis estabelecidas. Estavam presa nas

verdades absolutas, inquebrantáveis, que não se tinha mais necessidade de questionar: segundo o positivismo de Auguste Comte, uma vez o conhecimento tivesse sido estabelecido, apenas teria que progredir. O determinismo de Laplace, o atomismo, o cientificismo estava florescendo, e pretendia-se que a ciência poderia explicar e prever todos os fenômenos naturais. Não havia mais necessidade de se considerar a noção de divindade. Tinha-se mesmo chegado a invocar a idéia de que "a ciência tinha chegado ao seu fim" (Marcelin Berthelot).

Allan Kardec soube evitar este escolho, perguntando humildemente àqueles que pretendiam deter o privilégio da verdade: "Qual é o homem que pode gabar-se de possuir tudo, quando o círculo dos conhecimentos cresce sem cessar, e as idéias se retificam a cada" dia?"⁹.

Entrevendo no Espiritismo uma nova ordem de fatos e idéias, Kardec abriu uma nova via. Ele soube comparar, refletir, aplicar o método experimental e estruturar um pensamento progressista sobre a questão espiritual: "O objeto especial do Espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual, (...) uma das forças da natureza, que reage incessante e reciprocamente sobre o princípio material".¹⁰

Mas os fatos espíritas "têm por agentes inteligências que têm sua independência, seu livre-arbítrio e escapam por isso aos nossos procedimentos de laboratório e aos nossos cálculos, e assim não são mais da alçada da ciência propriamente dita".¹¹

Reconhecendo as qualidades da Ciência como escola de abertura e de humildade, e consciente da falibilidade do conhecimento humano, Kardec afirma, todavia que "o Espiritismo e a Ciência se completam um ao outro: a Ciência, sem o Espiritismo, se encontra impotente para explicar certos fenômenos somente pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a Ciência, faltaria o apoio e o controle".¹²

CONCEITOS MODERNOS

No século XX, a Mecânica Relativista e a Física Quântica balançaram as teorias clássicas, que passaram a ser vistas como idealizações que só podem ser aplicadas dentro de certos limites. O espaço e o tempo perderam seu caráter absoluto. Com o advento do Princípio da Incerteza de Heisenberg, os raciocínios clássicos, baseados na exatidão, pouco a pouco cederam terreno aos raciocínios probabilísticos. Esta época marca então um giro na história das ciências. A revisão radical dos conceitos fundamentais recolocou em pauta um bom número de princípios filosóficos ligados à ciência e à metodologia, acarretando as crises do

positivismo e do determinismo. "Nenhuma lei teórica pode sair de um conjunto de fatos de maneira lógica e infalível".

Segundo Paul Langevin, "os físicos têm sido obrigados a refletir de forma mais precisa na maneira como trabalham e na filosofia de sua ciência". Assim, houve uma reaproximação entre a ciência e a filosofia. Isoladamente, ninguém pode reivindicar a hegemonia no domínio do conhecimento. No livro "A lógica da descoberta científica", de Karl Popper, filósofo britânico, foi introduzido em 1934 o critério da falibilidade: uma lei científica é válida até que os fatos provem onde e como ela é falsa. Ela então não tem mais necessidade de ser inquebrantável para ser científica (o que está conforme ao princípio da humildade).

Em 1962, Thomas Kuhn, professor de Física do MIT (Universidade de Massachusetts), apaixonado pela história e filosofia da Ciência, publicou "A Estrutura das Revoluções Científicas". Ele introduziu o conceito de paradigma (modelo). "Os paradigmas são descobertas científicas universalmente reconhecidas que, por um tempo, fornecem a uma comunidade de pesquisadores problemas típicos e soluções". A ciência progride por revoluções, onde as certezas científicas e os paradigmas devem ser revistos e numerosos fundamentos perdem sua validade.

As idéias de Imre Lakatos caminham no mesmo sentido. Segundo ele, a ciência se desenvolve segundo um programa científico de pesquisa, que consiste em um núcleo rígido de hipóteses fundamentais, envolvidas por hipóteses auxiliares, ajustando o núcleo central. Esse programa científico evolui, e é dito progressivo se permite explicar novos fatos, e degenerativo no caso contrário. Neste último caso, é preciso elaborar um novo programa de pesquisa.

A ciência moderna tem então evoluído para "um clima de inexatidão racional, compatível com o livre-exame e incompatível com todo princípio que se pretenda absoluto".¹³

Ela reconhece mesmo as hipóteses à priori para preservar as leis em vigor, e a história mostra que isso é produtivo. Foi o caso na hipótese da existência de um corpo celeste influenciando a trajetória de Urano, tendo acelerado a descoberta de Netuno.

Certos cientistas, como Fritjof Capra, são mesmo abertos "ao misticismo, capaz de lhes fornecer a matéria prima para a elaboração de hipóteses experimentais".¹⁴ Professor de Física na Universidade de Berkeley na Califórnia, Capra declarou em 1975, em seu livro "O Tao da Física", que "o método científico de abstração é muito eficaz e possante, mas não devemos lhe pagar o preço. À medida que definimos mais precisamente nossos sistemas conceituais, que traçamos um perfil e elaboramos relações mais e mais rigorosas, cada vez

mais eles se desligam do mundo real “. Ditos de outra forma, os cientistas, para manipular a Natureza das coisas, devem utilizar modelos tão complexos que não são mais acessíveis senão a uma elite, se afastando então do mundo dos sentidos comuns...

Capra afirma que existem outras aproximações possíveis da realidade. Cita o misticismo oriental: com a intuição liberada e isenta do conservadorismo da linguagem e das percepções restritas dos sentidos, o homem oriental percebe a verdadeira natureza das coisas. Segundo Capra, a Física moderna se aproxima desse estado de espírito.

Paul K. Feyerabend, físico ensinando na Universidade de Berkeley na Califórnia e na Universidade de Zurich, colaborador de Thomas Kuhn, sublinha as restrições da metodologia científica, e toma mesmo posição contrária em seu livro "Contra o método". A Ciência não seria senão uma ideologia, pura formalização de conceitos simbólicos aceitos por uma comunidade para propor e abordar uma certa ordem de fatos. Afirma, também, "que é preciso em nossas invenções um novo sistema conceitual, que suspenda os resultados já cuidadosamente estabelecidos das observações, ou que com eles se choquem; um sistema que confunda os princípios teóricos mais plausíveis, e que introduza percepções que podem não fazer parte do mundo percebido já existente". Dito de outra forma, a multiplicidade das aproximações metodológicas é a melhor maneira de produzir um conhecimento científico; "O único princípio que não inibe o progresso é: tudo é permitido". Entendamos por isso que os preconceitos e a dificuldade em se colocar algo em questão são um freio ao progresso científico.

Enfim, notemos que essas idéias são próximas daquelas na base das técnicas criativas modernas, chamadas "brain storming" nos países de influência inglesa (remue méninges). Seu princípio de ação está longe de ser elucidado, mas dão resultados e já são largamente utilizados. Os participantes das seções de criatividade recusam a censura, devem fazer abstração dos bloqueios (culturais, perceptivos, etc.), tabus e idéias já recebidas, a fim de se colocar em um estado mais favorável possível à inspiração e à produção de idéias. As seções são por vezes organizadas após uma noite de incubação do problema a ser tratado (a noite então traria efetivamente conselhos...).

As concepções modernas sobre a metodologia tendem então a relativizar e a desmistificar o conhecimento científico, considerado como uma aproximação, entre outros utilizados pelo homem para representar e manipular o universo onde ele vive. Certamente, o conhecimento científico é reconhecido e respeitado sob numerosos aspectos, mas sem o espírito de

sistema que pretende, de forma absoluta, submeter tudo à estreiteza analítica de uma metodologia.

O objeto dos estudos do Espiritismo sendo diferente daquele das ciências materialistas, não há lugar para os comparar diretamente, salvo nas interfaces ou nos pontos comuns. A coerência de conjunto entre a Doutrina Espírita e as outras ciências permanece intacta, mesmo após este período de revolução científica, tanto pelo conteúdo dos princípios quanto pela metodologia.

Certas revelações dos Espíritos, anteriores a 1857, parecem mesmo estar ainda mais adiante. Por exemplo, à questão nº22 do Livro dos Espíritos:

"Define-se geralmente a matéria como: o que se ouve, o que pode causar impressão sobre nossos sentidos e o que é impenetrável; essas definições são exatas?"

Os espíritos respondem:

«No seu ponto de vista, isso é exato porque vocês falam apenas daquilo que conhecem, mas a matéria existe em estados que são desconhecidos para vocês; ela pode ser, por exemplo, de tal forma etéreas e sutis, que não faça nenhuma impressão sobre os sentidos, entretanto é sempre matéria, embora para vocês assim não seja. »

Da mesma forma, respondendo à questão nº27, os espíritos revelam a existência de um fluido universal, cujas modificações seriam à origem da matéria tangível, de sua massa, das forças de gravitação e das interações, assim como de outras propriedades físicas. Essas revelações não estão em contradição com as leis físicas conhecidas, como a lei da relatividade (a célebre fórmula $E=mc^2$), enunciada 50 anos mais tarde. Elas poderiam simplesmente sugerir que esta lei não se aplica senão à matéria sob a forma que conhecemos, mas não, por exemplo, ao pensamento ou à matéria que reveste os espíritos. Esses últimos afirmam poder percorrer, quase instantaneamente, grandes distâncias e ter uma noção do tempo diferente da nossa.

Por outro lado, os pesquisadores estão sempre em busca da Teoria da Grande Unificação, da massa faltante do Universo, da explicação da gravidade, da estrutura íntima da matéria, da significação intrínseca das constantes como a da gravitação (G), a constante de ação de Plank (h), a velocidade da luz no vácuo (c), a temperatura do zero absoluto, etc. É pena que explorem muito pouco o filão das idéias reveladas pelos espíritos e conhecidas por outras religiões orientais.

No que concerne à metodologia, Kardec tinha sublinhado, desde 1857, a necessidade de desmistificar o saber totalitário das corporações científicas afirmando que, para muita gente,

a oposição do corpo de sábios é, se não uma prova, pelo menos uma forte pretensão contrariada. Não somos daqueles que criam um reboiço contra os sábios, porque não queremos que digam de nós que damos coices: ao contrário, os temos em grande estima, e ficaremos fortemente honrados em contá-los entre nós; mas sua opinião não poderia ser, em todas as circunstâncias, um julgamento irrevogável. (...).

Para coisas de notoriedade, as opiniões dos sábios fazem fé, com justiça, porque que eles sabem mais e melhor do que o vulgo; mas tratando-se de princípios novos, de coisas desconhecidas, sua maneira de ver é sempre apenas hipotética, porque eles não estão, mais que os outros, isentos de preconceitos.”¹⁵.

Por outro lado, sublinhando o caráter progressista do pensamento espírita, Kardec se separa do positivismo. Ele entreviu a idéia do critério da falibilidade de Popper, como o princípio das hipóteses auxiliares ajustando o núcleo central estável, segundo as concepções de Lakatos, acrescentando:

"O Espiritismo, caminhando com o progresso, não será jamais ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrarem que está em erro sobre um ponto, ele se modificará sobre esse ponto; se uma nova verdade se revelar, ele a aceitará".¹⁶

Os fatos espíritas existiram em todos os tempos, mas Allan Kardec os codificou com precisão, estabelecendo princípios teóricos, métodos, critérios e valores para as pesquisas e mesmo vários exemplos concretos de problemas resolvidos pela teoria espírita. Uma análise mais detalhada¹⁷ permite afirmar que ele nos legou, assim, um verdadeiro paradigma científico, no sentido dado por Kuhn, que não deixa nada a invejar aos outros paradigmas científicos como a termodinâmica, a mecânica relativística, etc.

Da mesma forma, o Espiritismo tem todas as características de um programa científico de pesquisa progressiva, constituindo uma ciência legítima segundo Lakatos. "Seu núcleo de princípios fundamentais está ligado à existência, à preexistência e à sobrevivência do espírito, sua evolução, seu livre arbítrio, à lei de causalidade", etc. "¹⁸ Os princípios auxiliares concernem à natureza do perispírito, à reencarnação, à condição do espírito após a morte e religam os princípios fundamentais aos fenômenos".

Todavia, o paradigma espírita não sofre de nenhuma acumulação de anomalias, e apresenta uma grande estabilidade. Ele é mesmo um núcleo de princípios fundamentais, que não é degenerativo. Pode-se tentar explicar pelas seguintes razões:

- A maior parte dos princípios espíritas é deduzida de uma multiplicidade de fenômenos por uma observação empírica direta. Eles não necessitam de teorias ou de aparelhagens complexas para uma observação indireta, como é o caso da Física que é mais vulnerável. A Doutrina Espírita foi expressa em termos simples, acessíveis à maioria.
- Inspirado pela espiritualidade, Kardec possuía um sentido científico e filosófico avançado para sua época, como o demonstram sua obra e a pertinência de certas dissertações explícitas sobre o método científico¹⁹, mesmo após quase 140 anos.
- O Espiritismo constitui uma revelação cujo caráter está claramente definido por Kardec²⁰:

Por sua natureza, a revelação espírita tem um duplo caráter: consiste ao mesmo tempo da revelação divina e da revelação científica. O primeiro, porque seu advento é providencial, e não o resultado da iniciativa ou de um propósito premeditado pelo homem; porque os pontos fundamentais da doutrina são de fato o ensinamento dado pelos Espíritos encarregados por Deus de esclarecer os homens sobre as coisas que ignoram, que não poderiam aprender por si mesmos, e que lhes importa conhecer, hoje que já estão maduros para os compreender. O segundo, porque este ensinamento não é o privilégio de nenhum indivíduo, mas é dado a todos da mesma forma; porque aqueles que o transmitem e os recebem não são absolutamente seres passivos, dispensados do trabalho de observação e de pesquisa; porque não devem abnegar de seu julgamento e de seu livre arbítrio; porque o controle não lhes está interdito, mas, ao contrário, recomendado; enfim, porque a doutrina não foi de forma alguma ditada integralmente, nem impõe a crença cega; porque ela é deduzida pelo trabalho do homem, pela observação dos fatos que os Espíritos colocaram sob seus olhos, e pelas instruções que lhes deram. Essas instruções ele estuda, comenta, compara, tirando então, por si mesmo, suas conseqüências e aplicações. Em uma palavra, o que caracteriza a revelação espírita, é que a fonte é divina, a iniciativa pertence aos Espíritos, e sua elaboração vem do trabalho do homem.

Dizendo que os fundamentos de base do Espiritismo são revelados pelos Espíritos, Kardec os coloca além da percepção humana, em um nível de percepção mais extenso que é aquele dos Espíritos liberados do corpo físico. Isto é confirmado pela afirmação seguinte de Feyerabend: "Não podemos descobrir o mundo interior. Falta-nos uma norma crítica externa; um jogo de hipóteses sobressalentes; mas, como estas hipóteses seriam muito

gerais e constituiriam, por assim dizer, um universo inteiro de trocas, nos falta um mundo onírico para descobrir as características do mundo real em que acreditamos habitar”.

Todavia, o modelo enunciado pelos Espíritos e codificado por Kardec não provém de um mundo onírico, mas de um mundo bem real. Submetendo-se a conceitos externos, fora do mundo material, os homens podem se informar sobre "coisas que ignoram, que não poderiam aprender por si mesmos, e que importa conhecerem, hoje que estão maduros para os compreender": essas são as coisas espirituais.

Kardec diz igualmente que "até que surja um fato novo que não ressalte de nenhuma ciência conhecida, o sábio, para estudá-lo, deve fazer abstração de sua ciência e reconhecer que é para ele um estudo novo que não pode ser feito com idéias preconcebidas".²¹

Não estaria isso de acordo com um dos princípios de base das técnicas de 'brain storming', onde se liberam idéias preconcebidas para resolver problemas difíceis?

ASPECTOS DO CONHECIMENTO - CIÊNCIA

O Espiritismo possui então certas características da ciência: ele aplica o método experimental, vai às causas e às leis que regem os fenômenos, encoraja a objetividade, o espírito crítico e o desinteresse.

"Certamente, se dirá que os seres são um pouco especiais e os eventos mais que insólitos. A isto, é fácil responder. O estudo dos desencarnados não pode ser do domínio da biologia ou das ciências naturais. Quanto aos eventos (as relações dos humanos com os Espíritos), eles não são do domínio da história ou da sociologia. E, contudo, esses seres e eventos existem"²². "E, contudo, se movem?" Acrescenta Kardec ao assunto das mesas, parafraseando Galileu. "Os fatos não cessam de existir porque se os ignora" acrescenta Aldous Huxley.

Kardec "antecipou a pós-modernidade científica", tratando os temas espirituais com a mesma razão que se aplica às questões materiais, demonstrando experimentalmente a existência do espírito, sua natureza, sua evolução contínua ao curso das reencarnações sucessivas, etc.

A metapsíquica e as diversas correntes da parapsicologia estudam em parte os mesmos fenômenos que o Espiritismo, e certamente com outro tanto de rigor por seu aspecto tangível. Todavia, essas disciplinas têm apresentado falhas das quais citamos aqui alguns exemplos²³:

- Elas acumulam os fatos, segundo as antigas concepções clássicas, sem elaborar um corpo teórico diretor;
- Limitam-se, voluntariamente, a seu aspecto externo e à hipótese materialista, mas as explicações, quando fornecidas, são freqüentemente isoladas, formando um conjunto amorfo. Por vezes, são puramente nominais;
- As hipóteses são, por vezes, muito abstratas e ainda mais fantásticas que os fatos que elas procuram explicar²⁴;
- Não levam sempre em conta todos os fenômenos; freqüentemente, fatos importantes não são reconhecidos, seja pela ausência de teoria diretriz, seja pelas idéias preconcebidas ou pela negação a priori da sobrevivência do ser;
- Privilegiam por vezes o aspecto quantitativo, pelo viés dos equipamentos, sem se assegurar previamente de sua validade para o aspecto qualitativo;
- Numerosas obras sobre essas questões demonstram, da parte de seus autores, um certo menosprezo pelo passado, e uma tendência a retomar as pesquisas a partir do zero;
- Enfim, os fatores de ordem moral ou ética são raramente levados em consideração.

O Espiritismo demonstra que, devido à independência dos espíritos, o meio e a harmonia dos pensamentos têm uma enorme influência sobre a natureza das manifestações inteligentes, e o experimentador deve levar isso em conta.

FILOSOFIA

Vimos que as descobertas do início do século XX tiveram conseqüências filosóficas, causando assim uma reaproximação entre a ciência e a filosofia. O Espiritismo é bem uma ciência, segundo os critérios modernos da metodologia, o que mostra que o sentido filosófico de Allan Kardec era muito avançado para seu tempo.

Pelo diálogo ou pelas trocas mediúnicas entre o mundo espiritual e o mundo corporal, o Espiritismo "explica, em virtude de uma lei, certos efeitos reputados até hoje como milagres e prodígios, e dessa forma demonstra sua possibilidade. Alarga assim o domínio da ciência, por isso que ele mesmo é uma ciência; mas a descoberta desta nova lei acarreta conseqüências morais e, simultaneamente, o código dessas conseqüências constitui de fato uma doutrina filosófica".²⁵ Ele "responde às aspirações do homem no que toca ao porvir, sobre bases positivas e racionais, e isso convém ao espírito positivo do século".

Allan Kardec levou então a reflexão lógica a fundo, para daí deduzir a existência de leis naturais concernentes à natureza do homem, à vida, ao universo, à evolução, etc., codificando assim as bases de uma verdadeira FILOSOFIA.

A cientificidade do Espiritismo e os princípios de base de seu núcleo central residem justamente nesta parte filosófica, que permite explicar os fenômenos e torná-los inteligível.

RELIGIÃO / ÉTICA

Além disso, do ponto de vista filosófico, o Espiritismo explica e desenvolve, de maneira simples, clara e lógica, a noção de divindade, os evangelhos e as leis morais.

O movimento atual de certos cientistas em direção aos princípios religiosos e éticos confirma sua necessidade de integrar este aspecto do conhecimento às suas reflexões.

Foi a posterior que o Espiritismo reconheceu o valor das duas primeiras grandes revelações, de Moisés e de Cristo, demonstrando que elas estão em conformidade com a ciência espírita e as novas revelações dos Espíritos. A revelação espírita é mesmo considerada como a terceira revelação, presidida pelo Consolador, o Espírito de Verdade anunciado por Cristo. Ela confirma e completa as revelações anteriores, "restabelecendo todas as coisas" por uma fé raciocinada, satisfazendo as capacidades intelectuais do ser humano contemporâneo.

"Não há fé inquebrantável senão aquela que pode enfrentar a razão face a face em todas as épocas da humanidade" (Allan Kardec).

"O Espiritismo toca então domínios até agora reservados às religiões. Mas em metodologia, o Espiritismo difere radicalmente das religiões tradicionais, porque rejeita a fé dogmática, a crença cega, as práticas rituais, o culto exterior ou esotérico e o misticismo". A crise religiosa de nossa época é, de início e, sobretudo, uma crise de todos os mitos que contradizem o conhecimento científico²⁶.

O Espiritismo reaproxima a Ciência e a Religião, descartando-se primeiramente do espírito de sistema, e em seguida desembaraçando-se dos dogmas e superstições de origem humana para reter apenas a essência. Em conseqüência, o verdadeiro Espírita não se reconhece unicamente por seu conhecimento racional da doutrina Espírita. Sua certeza positiva sobre o porvir, desapegando-se dos fenômenos que atingem seus sentidos, faz com que se comporte conforme a ética e a moral ensinada por Cristo. Sua máxima é aquela de Allan Kardec:

Fora da caridade, não há salvação!"Porque sabe que seu interesse pessoal não seria servir senão em função de seu ardor pelo interesse coletivo".

CONCLUSÃO

Inquieto quanto ao controle das aplicações militares do átomo, ameaçando a sobrevivência do homem, Einstein sentiu que o conhecimento científico apenas não poderia bastar ao homem, afirmando que: "A Ciência sem a religião é cega; e a Religião sem a Ciência é manca".

A força do Espiritismo está na integração lógica e racional dos três aspectos do conhecimento: os aspectos científico, filosófico e ético ou religioso.

Allan Kardec teve então a missão "de apresentar uma nova aproximação do conhecimento humano, considerando o homem além dos limites do corpo e deixando entrever o conhecimento sob o ponto de vista do Espírito".²⁷

A rejeição sem provas ou a recusa em examinar racionalmente o mundo espiritual apresenta o inconveniente de deixar o campo livre ao abuso de todo gênero, geralmente de ordem financeira, e por vezes de forma dramática, explorando a credulidade das pessoas, por práticas sectárias, rituais, místicas ou outras. O Espiritismo traz os elementos lógicos que permitem refutar esses abusos de maneira formal, oferecendo respostas claras e consoladoras à maioria das questões existenciais, tão freqüentes na origem do desespero humano.

O Espiritismo não faz nenhum proselitismo, e não pretende deter a exclusividade da Verdade. Proclama a liberdade de consciência e o direito de livre exame em matéria de fé. Recebe aqueles que vêm a ele voluntariamente, e não procura demover ninguém de suas

crenças ou de sua religião. A crença de uma pessoa pouco importa, desde o momento em que ela obre para o bem de seu próximo.

O Espiritismo se dirige àqueles que, estando perdidos ou não estando satisfeitos, procuram algo melhor. Não diz: "Creiam de início, e vocês compreenderão em seguida se puderem", mas sim: "Compreendam de início, e vocês crerão em seguida se o quiserem".

O Espiritismo expõe sua doutrina e "se dirige àqueles que são bastante sábios para duvidar daquilo que vêem, e que julgam o porvir pelo passado, não acreditando que o homem tenha chegado ao seu apogeu, nem que a natureza tenha virado a última página de seu livro".²⁸

O Espiritismo convida essas pessoas de boa fé a estudá-lo e, conhecendo a causa, criticá-lo procurando as falhas lógicas, comparando, distinguindo, analisando, e submetendo-o ao exame dos fatos e das conquistas das outras ciências. Ele lhes diz, com justiça: "Não se contentem em dizer que isso não é assim, pois seria muito fácil; provem, não pela negação, mas pelos fatos, que isso não existe, que nunca foi e não PODE ser; se não existe, digam, sobretudo, o que haveria em seu lugar; provem, enfim, que as conseqüências do Espiritismo não tornam os homens melhores e, portanto, mais felizes pela prática da mais pura moral evangélica".²⁹

Encorajamos essas pessoas, desejosas de se esclarecer, a ler e meditar, não mais que as trinta páginas da Introdução do Livro dos Espíritos, o que lhes confirmará que o objetivo essencial do Espiritismo: não é senão procurar o que pode ajudar ao progresso moral e intelectual dos homens.

Notas e fontes que serviram na compilação desta exposição:

- 1) Allan Kardec: "Que é o Espiritismo", Preâmbulo.
- 2) Allan Kardec: "A Gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo", "Caráter da Revelação Espírita", item 14.
- 3) Allan Kardec: "O Livro dos Espíritos", questão nº1010.
- 4) Allan Kardec: "O Livro dos Espíritos", Introdução, item III.
- 5) Allan Kardec: "O Livro dos Espíritos", questão nº800.
- 6) Silvio Chibeni: "Espiritismo, ciência e filosofia da ciência".
- 7) Allan Kardec: "A Gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo", cap. I, item 55.
- 8) Allan Kardec: "A Gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo", cap. 1, item 14.

- 9) Allan Kardec: "O Evangelho segundo o Espiritismo", capítulo XV.
- 10) Allan Kardec: "A Gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo", item 16.
- 11) Allan Kardec: "Que é o Espiritismo", cap. 1.
- 12) Allan Kardec: "A Gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo", cap. 1, item 16.
- 13) Cláudio Souto: "Rivail e a pós-modernidade científica".
- 14) Cláudio Souto: "Rivail e a pós-modernidade científica".
- 15) Allan Kardec: "O Livro dos Espíritos", Introdução, item VII.
- 16) Allan Kardec: "A Gênese", chap. 1, item 55.
- 17) Silvio Chibeni: "O Paradigma Espírita", Reformador, Jun, 1994.
- 18) Silvio Chibeni: "Espiritismo, Ciência e filosofia da Ciência".
- 19) Allan Kardec: Introdução do "Livro dos Espíritos", os três primeiros capítulos do "Livro dos Médiuns", os diálogos no capítulo I de "Que é o Espiritismo".
- 20) Allan Kardec: "A Gênese", cap. 1, item 13.
- 21) Allan Kardec: "O Livro dos Espíritos", Introdução, item VII.
- 22) Moreil: "A vida e a obra de 'Allan Kardec", capítulo IV.
- 23) Silvio Chibeni: "Espiritismo, ciência e filosofia da ciência".
- 24) Allan Kardec: "O Livro dos Espíritos", Introdução, item XVI, "Que é o Espiritismo", cap. 1, "O Livro dos Médiuns", cap. 4, ou "O Céu e o Inferno", primeira parte. Ver também as obras de Gabriel Delanne e de Ernesto Bozzano.
- 25) Allan Kardec: "Que é o Espiritismo", cap. 1.
- 26) Raymond Ruyer: "A Gnose de Princeton".
- 27) André Henrique: "Reformador", Setembro, 1995.
- 28) Allan Kardec: "O Livro dos Espíritos", Introdução, item VII.
- 29) Allan Kardec: "O Livro dos Espíritos", Conclusão, item V.